

CCB

Festival Música Viva 2009

FESTIVAL MÚSICA VIVA '09

ESPAÇOS SONOROS E NARRATIVAS MUSICAIS

Espaços sonoros e narrativas musicais

Promovido pela **Miso Music Portugal** e constituindo uma das iniciativas de maior visibilidade do alargado leque de actividades que a associação desenvolve, o **Festival Música Viva** faz 15 anos em 2009.

Celebrar 15 anos de existência em prol da criação musical contemporânea, com especial atenção dedicada à música portuguesa e às relações da música com a tecnologia (entenda-se música mista, música electrónica, música com imagem, música encenada), é certamente uma boa idade para, em tempo de crise, fazer um balanço do papel que o festival vem desempenhando para a música e os seus criadores e para quem dela usufrui: o público.

O festival afirma-se ano após ano como um espaço privilegiado de reflexão e de confronto de estéticas e de ideias. Ano após ano, o festival faz a história, redefine a tradição, questiona a criação do presente e especula sobre o futuro. Em cada edição novos criadores sobressaem, novos contextos surgem, novas perspectivas emergem, numa mutação própria à criação artística e à qual o festival dá lugar.

Assim, evidencia-se na programação do Festival a **Retrospectiva-Prospectiva Cândido Lima** para assinalar os 70 anos desta personalidade fundamental da música portuguesa actual; uma interrogação sobre o erotismo em música que dará lugar à estreia do espectáculo **Ficções Sonoras Eróticas**; inúmeras estreias de compositores portugueses, nomeadamente a obra encomendada pelo CCB a **Miguel Azguime** para *ensemble* de câmara, electrónica e narrador sobre o texto de Perrault *O Gato de Botas*; os concertos **Vídeo Música** e **Cinema dos Sons**; **Instalações Sonoras** e **Conferências** e uma participação maciça de Criações Electroacústicas para o Caminho Pedonal, vindas de todo o mundo, no projecto **Soundwalk**. O **Festival Música Viva** é uma produção da Miso Music Portugal em co-produção com o Centro Cultural de Belém e integra o FestLab for Creativity & Innovation associado ao ano Europeu 2009 para a criatividade e inovação.

www.misomusic.com

ÍNDICE

4	INSTALAÇÃO MULTIMÉDIA <i>Pedra e Moinho, Nome de Água</i> MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS (SEIXAL)	33	CONCERTO VÍDEO MÚSICA: Som das Esferas CENTRO CULTURAL DE BELÉM
4	TEATRO ELECTROACÚSTICO CONTOS CONTADOS COM SOM MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS (SEIXAL)	45	CONCERTO ENSEMBLE ALEPH SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
9	CONCERTO ORQUESTRA GULBENKIAN FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	51	CONCERTO CÂNDIDO LIMA Música Electrónica e Imagens CONVERSA PRÉ-CONCERTO A PROPÓSITO DA OBRA DE CÂNDIDO LIMA POR ANTÓNIO DE SOUSA CENTRO CULTURAL DE BELÉM
15	INSTALAÇÕES SONORAS ANDRÉ CASTRO: Radio Fragments COLECTIVO SUÉCO MAM: In(g) sonic Mov28 CENTRO CULTURAL DE BELÉM	55	CONCERTO CINEMA DOS SONS: A Floresta Sagrada CENTRO CULTURAL DE BELÉM
16	INSTALAÇÕES SONORAS SOUND WALK CENTRO CULTURAL DE BELÉM	59	CONCERTO CINEMA DOS SONS: O Imaginário de Beatriz CENTRO CULTURAL DE BELÉM
17	CONCERTO SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE CENTRO CULTURAL DE BELÉM	60	CONFERÊNCIA/DEBATE Música e Erotismo
22	CONCERTO POWERTRIO PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE CENTRO CULTURAL DE BELÉM	61	CONCERTO CINEMA DOS SONS: Ficções Sonoras Eróticas CENTRO CULTURAL DE BELÉM
27	WORKSHOP MÃOS NA MASSA: DO SOM CENTRO CULTURAL DE BELÉM	64	CONCERTO ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA CENTRO CULTURAL DE BELÉM
28	CONCERTO VÍDEO MÚSICA: Visage Presque Bleu QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS CENTRO CULTURAL DE BELÉM	64	CONFERÊNCIA/DEBATE Perspectivas da criação musical em Portugal no século XXI CENTRO CULTURAL DE BELÉM
33	CONCERTO VÍDEO MÚSICA: A Condição Humana LABORATORIO DE INTERPRETACIÓN MUSICAL CENTRO CULTURAL DE BELÉM	71	FICHA TÉCNICA CO-PRODUTORES / APOIOS

INSTALAÇÃO MULTIMÉDIA

Pedra e Moinho, Nome de Água

11 SETEMBRO ◀ 18H

EMS – MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS

MIGUEL AZGUIME, PAULA AZGUIME, PERSEU MANDILLO, MIGUEL LEAL: *Pedra e Moinho, Nome de Água** (2009) EA

* ENCOMENDA ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

Reabertura ao público do Núcleo do Moinho de Maré do Ecomuseu Municipal do Seixal.

TEATRO ELECTROACÚSTICO

Contos Contados com Som

12.13 SETEMBRO ◀ 16H ◀ M/4

EMS – MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS

EM CO-PRODUÇÃO COM O ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

Este espectáculo continua a apresentar as suas novas músicas e histórias para encantar os mais novos. São histórias de sonhos, de monstros, de magia, de lugares, de meninas e meninos curiosos. Histórias de sons que habitam as nossas casas e nos envolvem... para ouvir palavras faladas e musicadas.

PAULA AZGUIME **CONCEPÇÃO**

ÁGATA MANDILLO **SELECÇÃO E ADAPTAÇÃO DAS HISTÓRIAS**

ANA MANDILLO, ROSINDA COSTA, ÁGATA MANDILLO **NARRADORAS**

SIMÃO COSTA **ELECTRÓNICA E DIFUSÃO SONORA**

MISO STUDIO **DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL**

PROGRAMA

JOSÉ LUÍS FERREIRA: *Uma Mesa é Uma Mesa. Será?** (HISTÓRIA DE ISABEL MARTINS), 2008

MIGUEL AZGUIME: *O Rouxinol do Imperador** (HISTÓRIA DE H. C. ANDERSEN), 2006

ÂNGELA LOPES: *A menina dos olhos de chuva** (ADAPTAÇÃO DE HISTÓRIA DE ANNE LAURICELLA), 2008

SÉRGIO PELÁGIO: *A Velha e o Ladrão** (HISTÓRIA DE ANTÓNIO TORRADO), 2008

ISABEL SOVERAL: *Nuno e os Monstros** (HISTÓRIA DE ÁGATA MANDILLO), 2008

SIMÃO COSTA: *Quando eu nasci*** (HISTÓRIA DE ISABEL MARTINS), (2009) EA

*ENCOMENDA MISO MUSIC PORTUGAL

**ENCOMENDA ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

EP ESTREIA PORTUGUESA

EA ESTREIA ABSOLUTA



INTÉRPRETES

ÁGATA MANDILLO

Nasceu em Lisboa em 1983. Concluiu em Junho de 2007 a licenciatura em Antropologia no ISCTE com média de 17 valores. Foi recentemente convidada para ser investigadora colaboradora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). É membro do M&P, grupo de *media* e *performance* que tem como principal objectivo problematizar as relações entre arte contemporânea e Antropologia. Paralelamente colabora desde 2002 com o artista e músico Simão Costa com o qual tem desenvolvido vários projectos, com principal destaque para o projecto *Alto e Falante*, um *atelier performativo* musical para crianças utilizando novas tecnologias da informática musical. Para além disso trabalha em produção na MãoSimMão.com desde 2004. Com uma sólida formação na área da dança e da música, tem ao longo dos últimos anos participado pontualmente em projectos como cantora, recitante e atriz. Entre 2000 e 2007 fez direcção de cena no Festival Música Viva. Desde 2000 trabalha como técnica de som do Miso Ensemble, duo de música contemporânea. Colaborou com o realizador Perseu Mandillo, enquanto argumentista e assistente de realização em 2005 e 2007. É mãe de duas filhas de 4 e 6 anos.



ROSINDA COSTA

Nasceu em 1985. Concluiu o Curso Básico de Piano em 1999. Acaba o Curso Profissional de Teatro de Cascais em 2003 com nota máxima. Em 2004 recebe o prémio Zita Duarte. Estreia-se profissionalmente em *A Noite dos Assassinos*, de José Triana, direcção de Manuel Coelho. Autora e intérprete de *O Devaneador*, apresentado no Teatro Municipal S. Luiz, Santiago Alquimista e no Café-Teatro Comuna. Fez assistência de direcção em *Homem-Legenda*, criação de Pedro Gil, uma produção Gulbenkian

e Barba Azul no âmbito do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Leitura encenada *Margem da Alegria*, concepção e dramaturgia de Fernanda Neves. Frequentou os cursos Zona Zero e Zona #3 pela companhia Teatro do Vestido, dirigido por Joana Craveiro e Gonçalo Alegria, e os *workshops Commedia dell'Arte* dirigido por Ferruccio Soleri do Teatro Piccolo de Milano, na Casa da Comédia e *Commedia dell'Arte* dirigido por Nuno Pino Custódio, no FIAR 2007. Leccionou Expressão Dramática na Escola EB1 Raul Lino em Alcântara. Licenciada em Teatro, opção Actores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema.

ANA MANDILLO

Nasceu em Lisboa em 1963. Desde muito cedo, quando aprendeu a ler, que o seu mundo interior se povoou de fadas e de lendas. Formou-se no Curso Profissional de Formação de Actores do Centro Cultural de Évora e ingressou na companhia do CCE, tendo-lhe sido confiados papéis de grande responsabilidade, nomeadamente *O Segundo Marinheiro* de Francisco José Viegas com encenação de Mário Barradas; *Woyzeck* de Georg Büchner, encenação de Luís Varela; *A Escola de Mulheres* de Molière, encenação de Luís Varela; *Joana na Fogueira* de Paul Claudel, encenação de Valentim Lemos... Construindo o seu percurso como se esse fora um caminho saído do mundo fantástico dos contos, inicia-se na concepção e construção de brinquedos. Durante um período de cinco anos foi responsável e coordenadora pelos *ateliers* de expressão dramática em várias escolas do concelho de Évora. Em 1986 realiza a sua primeira exposição individual na galeria Gesto Arte. Em 1988, ingressa no Serviço Educativo do Museu da Marioneta onde durante seis anos foi monitora de visitas guiadas a grupos escolares, abrangendo todas as faixas etárias, realçando-se o trabalho extraordinário e pioneiro efectuado com grupos de deficientes. Dirige vários *ateliers* com crianças sobre a protecção

da natureza e construção de marionetas. Em 1992 realiza uma exposição individual de pintura no Botequim. No mesmo ano participa na bienal do Seixal e realiza vários trabalhos de pintura encomendados para campanhas de prevenção contra a sida, capa de CD, etc. Em 1993 realiza uma segunda exposição individual de escultura no Botequim. Desde 1994 é monitora do Serviço Educativo do Museu Condes de Castro Guimarães. Mantém uma actividade regular de pintora, de contadora de histórias, de construtora e desenhadora de brinquedos; povoando o seu mundo de contos, alguns contados na primeira pessoa, multiplicando no seu caminho sonhos realizados e sonhos por realizar.

COMPOSITORES e OBRAS

JOSÉ LUÍS FERREIRA

www.mic.pt

Nasceu em Lisboa em 1973. Licenciado em composição (2001) pela Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), sob orientação de Christopher Bochmann, António de Sousa Dias e António P. Vargas. Mestrando em Artes Musicais – ramo composição – pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais de Lisboa (UNL-FCSH), sob a direcção de Christopher Bochmann. Paralelamente ao curso de composição, assistiu a seminários e *workshops* de diversos compositores, nomeadamente, Emanuel Nunes, Salvatore Sciarrino, Jean-Claude Risset, John Chowning, Per Anders Nilsson, Trevor Wishart e André Bartetzki. Em Abril de 2001 a peça electroacústica *Le bruit d'une tête qui frappe contre les murs d'une très petite cellule* foi premiada no concurso de composição de música electroacústica do Festival Música Viva. É professor na ESML das disciplinas de Síntese Sonora, Electrónica em Tempo Real, Estudo de Estilos e Análise Musical; na Escola Superior de Belas-Artes

(ESBAL) da disciplina de Imagem e Som; é professor coordenador e responsável pelo plano curricular do curso de Produção e Tecnologias da Música da Escola Técnica de Imagem e Comunicação (ETIC).

MIGUEL AZGUIME

www.misoensemble.com
www.mic.pt

Compositor, poeta, percussionista, Miguel Azguime nasceu em Lisboa em 1960. Em 1985, fundou com Paula Azguime o Miso Ensemble, duo de flauta e percussão, reconhecido pelo público e pela crítica como um dos mais importantes agrupamentos portugueses de música contemporânea com um percurso de mais de 400 concertos realizados por todo o mundo.

M. Azguime obteve vários prémios de composição e de interpretação, e o seu catálogo compreende mais de 80 obras para as mais diversas formações, instrumentais e/ou vocais, com e sem electrónica, música electroacústica, e ainda música para teatro, dança e cinema. Recebeu encomendas de inúmeras instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras. As suas obras têm sido interpretadas por prestigiados maestros, solistas e agrupamentos e apresentadas regularmente em alguns dos mais importantes festivais internacionais de música contemporânea, de Portugal ao Japão, passando pela Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, China, Croácia, Cuba, Eslovénia, Espanha, EUA, Finlândia, França, Itália, Lituânia, Luxemburgo, Polónia, Reino Unido, República Checa, Rússia e Suíça. A ligação entre o ser poeta e o ser compositor veio originar no trabalho criativo de Miguel Azguime uma relação única e privilegiada entre texto e música, e o "teatro electroacústico" que desenvolveu é disso o mais evidente reflexo. À sua intensa actividade como compositor, poeta e percussionista, vem juntar-se uma constante dedicação na

divulgação e fomento das novas linguagens musicais e das relações da música com a tecnologia. Neste sentido tem multiplicado as acções, destacando-se a fundação da editora independente Miso Records, a realização do Festival Internacional Música Viva, a criação do Miso Studio (estúdio para o desenvolvimento da música electrónica em tempo real, sendo sua a concepção e realização da primeira orquestra de altifalantes portuguesa) e a criação da Federação Portuguesa de Música Electroacústica, membro da CIME/UNESCO. Mais recentemente fundou com Paula Azguime o Centro de Informação da Música Portuguesa. É vice-presidente da Confederação Internacional de Música Electroacústica, e membro da direcção da Secção Portuguesa da Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Miguel Azguime tem sido compositor residente em numerosos estúdios de criação internacionais, nomeadamente no Heinrich Stroebel Experimental Studio da Sudwestfunk – Freiburg, no Electronic Music Studio EMS de Estocolmo, no Centre de Recherche et Formations Musicales de Wallonie – Liège, no TU Studio da Technische Universität Berlin, no International Centre for Composers – Visby no Sonology Department Kunitachi University – Tóquio, no Experimental Media and Performing Arts Center – Nova Iorque. Em 2006, Miguel Azguime foi compositor residente da DAAD em Berlim, passando desde então a trabalhar e a viver em Lisboa e em Berlim. Recentemente obteve com a sua *Nova Op-Era* "Itinerário do Sal" o Prémio Music Theatre NOW do Instituto Internacional de Teatro da UNESCO.

ÂNGELA LOPES

www.mic.pt

Natural do concelho de Ovar. Completa, em 1995, o Curso de Piano na Academia de Música de Santa Maria da Feira. Ingressa, em 1994, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE) do Instituto Politécnico do Porto (IPP) onde conclui o bacharelato (1997) e o Curso de Estudos Superiores Especializados/Licenciatura (2000) em Composição na classe do compositor Cândido Lima. Enquanto aluna, estuda ainda com os

compositores Álvaro Salazar (electroacústica), Filipe Pires (orquestração) e Virgílio Melo (electroacústica). Durante e após o CESE, colabora em vários projectos, alguns dos quais direccionados especificamente para a música electroacústica, como a sua participação no Festival Internacional de Electroacústica – Música Viva 2000 e 2001, onde participa com a apresentação das obras *Música para imagens*, *Harmonium* e *Canção de Izis*. Colabora ainda na projecção do som da peça *Circuitus* de Virgílio Melo e na realização de programação e projecção da obra *Gestos-Circus-Circulus* de Cândido Lima. Em 2003, o mesmo festival encomenda a peça *Coor* para clarinete baixo e electroacústica. É membro (2000/2001) do grupo MC47 – grupo de música mista com direcção de Virgílio Melo. Colabora igualmente com o Grupo Música Nova com direcção de Cândido Lima. Escreve para formações diversas instrumentais e/ou vocais, e ainda música electroacústica e música para audiovisuais e/ou multimédia. Tem algumas obras apresentadas em público em concertos como *Músicas. Músicos. Gerações* (1999), *A voz e a palavra; Viagens ao século XX* (2000), *Jovens Compositores – Novos Músicos – Novos Olhares* (2002), *Recital de Clarinete e Piano – Compositores Portugueses e Franceses do século XX* (2002) ou *A voz na música contemporânea* (2004), entre outros. Frequenta vários seminários, *workshops*, conferências e cursos com Cândido Lima, Carlos Guedes, Ken Valinsky, Virgílio Melo, Paul Mèfano, Filipe Pires, António de Sousa Dias e Emmanuel Nunes. Em 2003, é seleccionada uma obra sua, *Sequência*, para o primeiro *workshop* "Jovens Compositores" da Orquestra Gulbenkian. Colabora com o Teatro Pé de Vento na composição musical da peça *O poço* de Manuel António Pina que teve a sua estreia, no Teatro da Vilarinha, em Abril de 2003 (Dia Mundial da Água). Compõe, sob encomenda, a obra *Duas cantigas de amigo*, com poesias de D. Sancho I e de anónimo, para o VII Festival Internacional de Música de Santa Maria da Feira (2004). Inicia, no ano lectivo 2004/2005, o doutoramento em composição, sob orientação do compositor João Pedro Oliveira, na Universidade de Aveiro, e co-orientação do compositor Mario Mary, na Universidade de Paris VII. Lecciona a disciplina

de Análise e Técnicas de Composição nas academias de música de Fafe, Vilar do Paraíso e Santa Maria da Feira, onde é membro da direcção pedagógica.

SÉRGIO PELÁGIO

Iniciou os seus estudos musicais em guitarra clássica aos 12 anos de idade. Mais tarde, descobriu o jazz e a música improvisada e estudou em Nova Iorque com o guitarrista John Abercrombie. Estudou na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal que, mais tarde, veio a dirigir entre 1987 e 1990. Destaca a sua colaboração com os músicos David Liebman, Andy Sheppard, Graham Haynes, Frank Lacy, Norma Winston, John Abercrombie, Sylvia Cuenca, Bernardo Sasseti, Mário Franco e Mário Laginha, com quem gravou o CD *Hoje* (1994, Farol Música, Lda). Em 1992, criou o grupo IDEFIX, com o qual gravou o CD *Idefix live* (1992, Miso Records). Compôs bandas sonoras para vários espectáculos de coreógrafos portugueses como: Francisco Camacho, Vera Mantero, Paulo Ribeiro, Paula Massano, João Galante, Teresa Prima e Sílvia Real, bailarina com quem fundou, em 1998, as Produções Real Pelágio. Compôs a música para as curtas-metragens de Rita Nunes -9 (1.º Prémio no Festival de Curtas de Vila do Conde) e de Paulo Abreu *Xonor*. Compôs a peça musical *Strategies to adopt when envious*, integrada no espectáculo *Os Sete Pecados Capitais* (Culturgest). Editou, em 2002, o CD *Bandas sonoras para peças de Francisco Camacho e Vera Mantero 1993-97* (Miso Records). Tem dirigido vários cursos de sonorização para teatro e dança (Fórum Dança, NEC/Porto e Fundação Calouste Gulbenkian) e também *workshops* de guitarra de jazz (CENTA/Vila Velha de Ródão). É professor de guitarra eléctrica do Conservatório de Música de Santarém e na Escola JB Jazz em Lisboa.



ISABEL SOVERAL

www.mic.pt

Nasceu no Porto. Estudou no Conservatório Nacional com Jorge Peixinho e Joly Braga Santos, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1988, ingressou na Universidade Estadual de Nova Iorque em Stony Brook, onde estudou sob a orientação de Daria Semegen e Bulent Arel, tendo obtido bolsas das fundações Calouste Gulbenkian, Luso-Americana e Fulbright para os programas de mestrado e doutoramento em composição. A sua música tem sido apresentada em toda a Europa, Hong Kong, Macau, Argentina, Brasil, Cuba e Estados Unidos. Desde 1995, ensina composição, teoria e análise musical no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

SIMÃO COSTA

www.maosimmao.com

www.amima.pt

Pianista e compositor, tem desenvolvido projectos criativos na área da música, bem como projectos interdisciplinares com dança, vídeo e fotografia. Programa em Max/MSP/JITTER, utilizando este *software* como ferramenta nos seus trabalhos criativos. Simão Costa desenvolve trabalhos de criação áudio-visual, que se caracterizam pela investigação em tecnologias interactivas ao nível do som, da imagem e da luz, levando a arte digital contemporânea ao quotidiano das pessoas. A par da sua actividade criativa tem, ao longo dos anos, desenvolvido um intenso trabalho pedagógico de que resulta, entre outros projectos, o Teatro Electroacústico. Ganhou recentemente o 3.º Prémio do Concurso de Composição Internacional, no âmbito da 15.ª edição da Biennial of the Art for Children em Poznan, na Polónia, com a sua obra electroacústica *Oamis Tel*. Vive e trabalha em Lisboa, como músico independente.

ORQUESTRA GULBENKIAN

12 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
GRANDE AUDITÓRIO

CO-PRODUÇÃO ◀ MISO MUSIC PORTUGAL / FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Neste concerto de abertura, a Fundação Calouste Gulbenkian associa-se novamente ao Festival Música Viva para um percurso musical que põe em perspectiva a história musical dos últimos sessenta anos e que percorre algumas etapas da evolução do conceito de forma aberta.

PEDRO AMARAL DIRECÇÃO

PROGRAMA

EARLE BROWN: *Folio and 4 Systems* (1954 – 11') EA

FRANCO DONATONI: *To Earle* (1970 – 9') EP

MORTON FELDMAN: *The Turfam Fragments* (1980 – 17') EP

INTERVALO

CHRISTOPHER BOCHMANN: *Linus* (2002 – 11')

HUGO RIBEIRO: *Inventio* (2009 – 9') EA

CÂNDIDO LIMA: *A-MÊR-ES* * (1979 – 20')

* ENCOMENDA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



INTÉRPRETES

ORQUESTRA GULBENKIAN

Fundada em 1962 com apenas 12 músicos, a Orquestra Gulbenkian conta hoje com 66 instrumentistas, número que pode ser aumentado de acordo com os programas executados. Esta constituição permite-lhe tocar um amplo repertório que abrange os principais períodos da história da música, desde o classicismo à música contemporânea. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza no Grande Auditório uma série regular de concertos, colaborando com alguns dos mais reputados maestros e intérpretes de todo o mundo. Sendo uma referência musical no nosso país, distinguiu-se também nas principais salas de concertos da Europa, da Ásia, da África e das Américas. A Orquestra Gulbenkian gravou já muitos discos, tendo recebido importantes prémios internacionais. Lawrence Foster é o diretor artístico e maestro titular desde a temporada de 2002/2003.

PEDRO AMARAL

Nasceu em Lisboa em 1972. É maestro e compositor. Depois de estudar em Portugal, vai para Paris em 1994, para estudar composição com Emmanuel Nunes no Conservatório Superior de Paris. Estudou na École des Hautes Études en Sciences Sociales, obtendo o grau de mestre com uma tese sobre *Gruppen* de Stockhausen (1998), e, em 2003, o de doutor com uma tese em torno de *Momento e o problema da forma musical na música serial*. Estudou direcção de orquestra com Emílio Pomarico e Peter Eötvös. *Transmutations* foi composta no IRCAM em 1998-1999 e foi escolhida para representar Portugal na Tribuna Internacional de Compositores (UNESCO), no contexto da qual foi difundida pela rádio em todo o mundo. A mesma obra representou a secção portuguesa do ISCM no

World Music Days 2001, no Japão. No mesmo ano, a Porto Capital da Cultura encomendou a Pedro Amaral *Organa*, que foi igualmente desenvolvida nos estúdios do IRCAM. Em 2003-2004 manteve-se no IRCAM como Compositor em recherche. Convidado por Peter Eötvös foi compositor residente no Herrenhaus em Edenkoben, na Alemanha. Foi galardoado pela Académie de France à Rome pelas suas obras *Anamorphoses* e *Organa*, sendo o seu projecto na Villa Medici a composição de uma obra cénico-musical a partir de textos de Fernando Pessoa. A sua música tem sido tocada sob a sua direcção e por maestros como M. Foster, M. Tang, R. Rivolta, F. Ollu, M. Zilm; é regularmente apresentado em festivais de música contemporânea na Europa e no Japão. Como compositor e/ou maestro trabalha com a Orquestra Gulbenkian, a OML, a OrchesterUtopica, a OSP, a Orquestra Sinfónica de São Paulo, o Ensemble InterContemporain, a London Sinfonietta, as Percussions de Strasbourg, o Ensemble Recherche (Freiburg), musikFabrik (Colónia), o Remix Ensemble, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, entre outros. É actualmente maestro titular do Sond'Ar-Te Electric Ensemble. Desenvolve uma actividade permanente no campo da musicologia. Desde o ano lectivo de 2007 é professor convidado da Universidade de Évora.

COMPOSITORES E OBRAS

EARLE BROWN (1926-2002)

Nasceu em Lunenburg, no Massachusetts. Estudou Matemática e Engenharia na Northeastern University e frequentou Técnicas de Composição e Orquestração na Schillinger House School of Music. Tornou-se uma figura de grande relevo na música contemporânea desde o início dos anos cinquenta e foi naturalmente associado a outros compositores experimen-



istas, como J. Cage, M. Feldman ou C. Wolff, formando com este último aquilo a que se chama Escola de Nova Iorque. Recebeu inúmeras encomendas e prémios, incluindo um prémio Guggenheim, um doutoramento *Honoris causa* do Peabody Conservatory of Music, em 1970 (onde aliás detinha a cátedra de música W. Alton Jones), um prémio John Cage da Foundation for Contemporary Performance Arts, entre outros. Foi ainda residente no California Institute of the Arts, na Yale, nos festivais de música de Tanglewood e Aspen, na American Academy em Roma ou no Conservatório de Música de Basileia.

Folio and 4 Systems

O TRABALHO DE EARLE BROWN COM NOVOS MÉTODOS DE NOTAÇÃO, BEM COMO A SUA ATITUDE PERFORMATIVA, LEVOU-O AO DESENVOLVIMENTO DE PARTITURAS GRÁFICAS, IMPROVISAÇÕES E OBRAS ABERTAS, COMO É O CASO DE *FOLIO AND 4 SYSTEMS*. ENQUANTO OBRA ABERTA, *FOLIO AND 4 SYSTEMS* ESTÁ NO CENTRO DAS PREOCUPAÇÕES DO COMPOSITOR NO QUE RESPEITA AO TEMPO E AO ESPAÇO. BROWN CONSIDERA QUE O TEMPO É A DIMENSÃO NA QUAL A MÚSICA GANHA EXISTÊNCIA NO ACTO DA SUA EXECUÇÃO E QUE, PELA SUA NATUREZA, REPRESENTA UMA CONTINUIDADE INFINITAMENTE DIVISÍVEL. NENHUM SISTEMA MÉTRICO, NENHUMA NOTAÇÃO BASEADA NA MÉTRICA PODE INDICAR TODAS AS PARTICULARIDADES POSSÍVEIS DA CONTINUIDADE. O SOM É CAPAZ DE COMEÇAR E DE SE APAGAR NO DECORRER DE TODA ESTA DIMENSÃO. SEGUNDO EARLE BROWN, TODAS AS OUTRAS CARACTERÍSTICAS DO SOM: FREQUÊNCIA, INTENSIDADE, TIMBRE, MODOS DE ATAQUE-CONTINUAÇÃO-DESINTEGRAÇÃO, SÃO IGUALMENTE CONTINUIDADES INFINITAMENTE DIVISÍVEIS E INCOMENSURÁVEIS. ADMITE A POSSIBILIDADE DO TEMPO REAL E DO TEMPO INTUITIVO, BEM COMO A POSSIBILIDADE DESTE SER DETERMINADO PELO INTÉRPRETE. O ESPAÇO ENGLoba UMA INFINIDADE DE DIRECÇÕES A PARTIR DE UMA INFINIDADE DE PONTOS. O INTÉRPRETE OPERA NO ESPAÇO COM CADÊNCIAS DE VELOCIDADES CONSTANTES OU VARIÁVEIS, REFERENTES AO TEMPO REAL OU INTUITIVO.

FRANCO DONATONI (1927-2000)

Nasceu em Verona em 1927. Iniciou os seus estudos de violino com apenas sete anos, frequentando a academia de música local. Mais tarde, seguiu estudos no Conservatório de Milão e no Conservatório de Bolonha. Foi professor de composição na Accademia Nazionale di Santa Cecilia em Roma, nos conservatórios de Milão e Turim, e em diversas outras academias e cursos de Verão, como o Darmstädter Ferienkurse ou a Accademia Musicale Chigiana em Siena. Com uma carreira de quase 50 anos, é sobretudo a partir dos anos setenta que o volume da sua produção aumenta, tendo chegado a compor dez obras por ano. Para este "artesão", a inspiração chegava quando se sentava numa cadeira e começava a escrever. Compositor singular na originalidade do seu trabalho e de incontestável integridade, as suas obras foram dirigidas por nomes como Claudio Abbado, Pierre Boulez, Bruno Maderna, Salvatore Accardo, Alain Meunier, entre tantos outros. Poder-se-á dizer que pelo menos três gerações de compositores estudaram com Donatoni. Entre os italianos destacam-se Matteo D'Amico, Roberto Carnevale, Ivan Fedele, Sandro Gorli, Luigi Manfrin, Giorgio Magnanensi, Luca Mosca, Riccardo Piacentini, Fausto Romitelli, Giuseppe Sinopoli, Alessandro Solbiati ou Giovanni Verrando. Franco Donatoni morreu em Milão, em 2000.

To Earle

ESTA OBRA, ESCRITA EM 1970, RESULTOU DE UMA ENCOMENDA POR PARTE DA ORQUESTRA DE CÂMARA DE BOLZANO E TRENTINO E FOI ESTREADA A 2 DE FEVEREIRO DE 1971, TENDO SIDO APRESENTADA VÁRIAS VEZES NESSE MESMO ANO EM VÁRIAS CIDADES ITALIANAS. A PEÇA DEVE SER VISTA COMO A PÁGINA DE UM DIÁRIO E SURGE ENTRE *DOUBLES II* (1969/1970) E *TO EARLE II* (1971). O TRABALHO INTENSIVO QUE É FEITO SOBRE O MATERIAL SONORO CARACTERÍSTICO DESTAS



DUAS OBRAS É DIFICILMENTE PERCEPTÍVEL EM *TO EARLE*. A PRESENÇA DO COMPOSITOR SÓ É DISCRETAMENTE IDENTIFICÁVEL AO LONGO DA DELICADA PARTITURA, ONDE A NOTAÇÃO GRÁFICA SE CONFINA AO QUE NÃO TEM VALOR NEM SIGNIFICADO.

MORTON FELDMAN (1923-1987)

Nasceu em Nova Iorque em Janeiro de 1923. Iniciou os seus estudos de piano aos 12 anos com Madame Maurina-Press que tinha sido discipula de Busoni e que foi responsável por despertar em Feldman uma musicalidade vibrante. Na altura, compunha breves obras "scriabinescas", e só em 1941 começa a estudar composição com Wallingford Riegger e três anos mais tarde com Stefan Wolpe. Foi em 1949 que conheceu John Cage, com quem iniciou de imediato uma colaboração artística que viria a desempenhar uma importância crucial na música, na América dos anos cinquenta. Cage foi fundamental para Feldman apostar nos seus instintos, o que resultou em obras totalmente novas. Na verdade, nunca ninguém conseguiu identificar quais os seus métodos de trabalho, sendo que passava de momento para momento de um som para o seguinte. Durante os anos cinquenta em Nova Iorque, o seu grupo de amigos era formado por compositores como Earle Brown e Christian Wolff, pelos pintores Mark Rothko, Philip Guston, Franz Kline, Jackson Pollock e Robert Rauschenberg, ou ainda pelo pianista David Tudor. Foram os pintores que influenciaram decisivamente a procura de Feldman pelo seu próprio mundo sonoro, que passou então a ser mais espontâneo e físico. A partir dos anos setenta as suas obras expandem-se consideravelmente em termos temporais; e isto de tal forma que o seu segundo quarteto de cordas dura mais de cinco horas e meia. A enorme escala destas obras veio, simultaneamente, provocar controvérsia e admiração em torno de

toda a obra de Feldman. Em 1973 é convidado pela Universidade de Nova Iorque em Búfalo para ser professor "Edgar Varèse", cargo que ocuparia ao longo de toda a sua vida. Morreu na sua casa em Búfalo, a 3 de Setembro de 1987, com 61 anos.

The Turfan Fragments

"UMA SÉRIE DE EXPEDIÇÕES ARQUEOLÓGICAS AO ESTE DO TURQUISTÃO, CONDUZIDAS POR SIR AUREL STEIN NO INÍCIO DO SÉCULO XX, REVELOU DIVERSOS FRAGMENTOS DE TAPEÇARIAS QUE DATAVAM DOS SÉCULOS III E VI. APESAR DE ESTES FRAGMENTOS SEREM DEMASIADO PEQUENOS PARA QUE SE PERCEBA A SUA PROVENIÊNCIA E OS SEUS DESENHOS, DEIXAVAM TRANSPARECER UMA LONGA TRADIÇÃO DE TECELAGEM. EM SENTIDO LATO, ESTA É UMA METÁFORA EXTENSÍVEL À MINHA COMPOSIÇÃO: NÃO A SUGESTÃO DE UMA VERDADEIRA E COMPLETA OBRA DE 'ARTE' MAS DE UMA POSSÍVEL HISTÓRIA DA CONJUGAÇÃO DE SONS E INSTRUMENTOS NA MÚSICA OCIDENTAL. ESTA OBRA RESULTOU DE UMA ENCOMENDA DA RÁDIO SUÍÇA ITALIANA."
MORTON FELDMAN

CHRISTOPHER BOCHMANN

Nasceu em 1950. Formou-se em composição pela Universidade de Oxford, como aluno de David Lumsden, Kenneth Leighton e Robert Sherlaw Johnson. Em 1999, obteve o grau de D. Mus. (doutoramento em composição) pela mesma universidade. Estudou também com Nadia Boulanger em Paris e com Richard Rodney Bennett em Londres. Leccionou em várias escolas em Inglaterra, entre as quais a Escola Yehudi Menuhin. Passou dois anos como professor da Escola de Música de Brasília. Trabalha em Portugal desde 1980. Leccionou em várias escolas na área de Lisboa, nomeadamente no Instituto Gregoriano de Lisboa e no Conservatório Nacional. Durante seis anos, foi director da Escola Superior de Música de Lisboa, onde também coordena

o curso de Composição de 1990 a 2006. Desde 2006, é professor catedrático convidado da Universidade de Évora, onde também é director da Escola de Artes. É maestro titular da Orquestra Sinfónica Juvenil desde 1984, com a qual gravou três CD da sua própria música. Em 2004 foi-lhe atribuído a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura. E em 2005 foi agraciado pela rainha Isabel II com a condecoração OBE. (*Officer of the Order of the British Empire*). As suas composições abrangem quase todos os géneros musicais, desde a música para solistas à música orquestral, da música de câmara à música coral, além de inúmeras orquestrações e arranjos. O seu estilo musical passou por uma fase de considerável complexidade, e já utilizou muitos processos aleatórios. Mais recentemente, a sua música tem-se tornado algo mais simples, seguindo assim certas tendências do pós-modernismo sem contudo recorrer ao neo-tonalismo. Toda a sua música revela uma preocupação com a relatividade com que ouvimos e apreciamos o som, numa tentativa de fazer corresponder os processos e as técnicas estruturantes da música cada vez mais proximoamente a critérios intrinsecamente musicais.

Linus

NA TRADIÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA, LINUS ERA A PERSONIFICAÇÃO DO LAMENTO. ENTRE VÁRIAS HISTÓRIAS ALGO CONFUSAS, LINUS, FILHO DE PSAMATHE E APOLO, FOI EXPOSTO NA MONTANHA E DEVORADO POR CÃES. O PAI DE PSAMATHE OUVIU FALAR DO DESASTRE E MANDOU MATÁ-LA. EM CONTRAPARTIDA, APOLO AMALDIÇOOU O POVO DE ARGOS COM UMA PRAGA À QUAL NÃO PODERIA HAVER ABSOLVIÇÃO A NÃO SER QUE AS MORTES DE PSAMATHE E DE LINUS FOSSEM DEVIDAMENTE COMPENSADAS COM ORAÇÕES E CANTOS DE LAMENTAÇÃO. O CANTO DE LINUS, DERIVADO DESTA LENDA, CANTAVA-SE À ALTURA DA CEIFA COMO LAMENTO À VEGETAÇÃO MORIBUNDA. ESTA PEÇA BASEIA-SE SOBRE AS NOTAS DO *DIABOLUS IN MUSICA* (FÁ E SI), NESTE CASO À DISTÂNCIA DE UMA OITAVA E MEIA, O QUE LHE TIRA A SUA "FUNÇÃO" HARMÓNICA (E A SUA DIABOLICIDADE?!), CONFERINDO-LHE UMA ESPECIFICIDADE PARTICULAR. A PRIMEIRA "METADE" APRESENTA O FÁ COM VÁRIOS TIMBRES DIFERENTES E EM VÁRIOS CONTEXTOS DIFERENTES, DIFERENÇAS

ESTAS QUE DEFINEM O DISCURSO MUSICAL. DEPOIS DE UMA EXPLOÇÃO CENTRAL, A QUAL NOS CRIA UMA DIMENSÃO QUE NOS PERMITE APRECIAR MELHOR AS NOTAS ÚNICAS, A MÚSICA CENTRA-SE NUM SI CENTRAL, IGUALMENTE COM TIMBRES DIFERENTES E EM CONTEXTOS DIFERENTES. MAL SE COMEÇA A OUVIR ALGO QUE PODERIA TORNAR-SE MELODIA, A MÚSICA TERMINA. ESTA PEÇA FAZ PARTE DE UM GRUPO DE OBRAS ESCRITAS NESTE PERÍODO (*LAMENT, LACRIMAE, LIED I, ETC.*), QUE SE CARACTERIZAM PELA SIMPLICIDADE DO GESTO FUNDAMENTAL; NO ENTANTO, ESTA SIMPLICIDADE NÃO EXCLUI RIQUEZAS DE PORMENOR...

HUGO RIBEIRO

Nasceu em Lisboa em 1983. Iniciou os seus estudos musicais com Vera Belozorovitch (piano) e Carlos Marecos (análise e técnicas de composição). Terminou o curso de composição (2005) na Escola Superior de Música de Lisboa. Estudou com Luís Tinoco, António Pinho Vargas e Christopher Bochmann, entre outros. Concluiu o mestrado em composição (2007) na Royal Academy of Music em Londres; teve como professores os compositores Simon Bainbridge e Paul Patterson e foi galardoado com os prémios Lena Pritchard Green Award e Ismena Holland Award. Trabalhou ainda com os compositores Sir Peter Maxwell Davies, Martin Bresnick, David Sawer e Bent Sørensen, e com os agrupamentos COMA (London), BBC Singers e Royal Academy Soloists. Participou em *master-classes* de piano com Vladimir Viardo, Helena Sá e Costa e Vitali Dotesenko, bem como em cursos de composição com Emmanuel Nunes, Salvatore Sciarrino, Philippe Hurel, John Chowning, entre outros. Frequentou os cursos de Verão de Darmstadt (2004), onde contactou com B. Ferneyhough, G. Friedrich Haas, T. Hosokawa e T. Wielecki. Recebeu o 1.º Prémio na Categoria de Música para Orquestra no 2.º Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim (2007), e venceu o concurso Ópera em Criação 2008 no Teatro S. Luiz (Lisboa). É bolseiro do Centro Nacional de Cultura desde 2006 e encontra-se a realizar o doutoramento na Canterbury Christ Church University. Presentemente trabalha na partitura de *Os Mortos Viajam de Metro*, ópera com libreto de Armando Nascimento Rosa, que será estreada pela OSP, sob a direcção de João

Paulo Santos e encenação de Paulo Matos, no Teatro S. Luiz, em Abril de 2010.

Inventio

"DE ORIGEM LATINA, A PALAVRA *INVENTIO* SIGNIFICA DESCOBERTA (*DISCOVERY, FINDING OUT*). ENQUANTO ESCREVA ESTA PEÇA, A IDEIA DE 'ARRISCAR' ERA EXTREMAMENTE CLARA PARA MIM, JUSTIFICANDO A MINHA RECENTE OBSESSÃO EM CRIAR MAIS DO QUE DUAS CAMADAS DE MATERIAL MUSICAL SOBREPOSTAS, DANDO A IDEIA DE CEGUEIRA AUDITIVA, SENDO DIFÍCIL FOCAR UM MOMENTO MUSICAL PARTICULAR. A IDEIA PARA ESTA PEÇA TEVE POR BASE A EXPLORAÇÃO DE ALGUNS MATERIAIS USADOS EM PEÇAS QUE TINHA ESCRITO ANTERIORMENTE, DIRECCIONANDO-OS PARA CAMINHOS COMPLETAMENTE DIFERENTES. A PEÇA COMEÇA COM UMA INTRODUÇÃO E UMA SECÇÃO A DE CONTRAPONTO CERRADO (UMA QUASI-HOMENAGEM A BACH, COMPOSITOR DE PEÇAS CONTRAPONÍSTICAS A DUAS VOZES DE ESTILO CONCIOSO INTITULADAS *INVENTIO*), PROGREDINDO ATÉ UM CLÍMAX ONDE EXISTE UMA DISTENSÃO QUE LEVA ATÉ À SECÇÃO B, ONDE DIFERENTES CAMADAS DE MATERIAL MUSICAL SE SOBREPÕEM. *INVENTIO* É DEDICADA AO COMPOSITOR E PROFESSOR PAUL PATTERSON, PARA O SEU SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO."

HUGO RIBEIRO

CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

A-MÈR-ES

SEGUNDO O AUTOR, TRATA-SE DE UMA HOMENAGEM PRESTADA "A XENAKIS (MÚSICO E POETA), A BERNARD GIRARD (MATEMÁTICO E PROFESSOR DE ESTATÍSTICA), AO PALÁCIO DA DESCOBERTA (HISTÓRIA VIVA DA CIÊNCIA), À FILOSOFIA E À VIDA QUE NOS RODEIA; CADA PÁGINA DE *A-MÈR-ES* É UM CRUZAMENTO DE PESSOAS, DE ASPECTOS DO QUOTIDIANO, DE BUSCAS DIVERSAS, CUJOS EIXOS ACABAM DE SER LEMBRADOS". A RESPEITO DESSA OBRA, CÂNDIDO LIMA REDIGIU A SEGUINTE NOTA: "MESSIAEN ESCREVEU UM DIA DE XENAKIS: 'PHILOSOPHE, MATHÉMATICIEN, LOGICIEN, AUSSI POÈTE ET MUSICIEN PAS COMME LES AUTRES.' NÓS ESCREVERÍAMOS ANTES: "POÈTE ET MUSICIEN, AUSSI PHILOSOPHE, MATHÉMATICIEN, LOGICIEN PAS COMME LES AUTRES." O "AUSSI" DE MESSIAEN ENCERRA UM JUÍZO DEFEITUOSO, ESCONDENDO MAL O SEU REPÚDIO PELAS TÉCNICAS, PELA

TECNOLOGIA, PELAS CIÊNCIAS. SALVAGUARDADAS AS DEVIDAS PROPORÇÕES, A OBRA *A-MÈR-ES* (DESDOBRAMENTO DE VÁRIAS PALAVRAS FRANCESAS NUMA SÓ, "AMÈRES") SUGERE-NOS E SUGERIRÁ AO OUVINTE ATITUDES E JUÍZOS SEMELHANTES: NELA SE UTILIZAM NO DOMÍNIO TEÓRICO, A TEORIA DOS CONJUNTOS (OPERAÇÕES LÓGICAS E ÁLGEBRA DE BOOLE), PROGRAMAÇÃO AO COMPUTADOR, MÓDULOS, PROBABILIDADES (TUDO A UM NÍVEL ELEMENTAR); NO DOMÍNIO DO SOM A OBRA UTILIZA A INFORMÁTICA (SÍNTESE DO SOM "À LA MAIN SUR ORDINATEUR"), E A ELECTRÓNICA TRADICIONAL. *A-MÈR-ES* CONTÉM TUDO ISTO, MAS TAMBÉM CONTÉM MÚSICA. SONS E ESTRUTURAS EM TURBILHÃO (COMO NA OBRA *OCEANOS*), SERÁ NA IMEDIATEZ DO SOM E DAS SUAS RELAÇÕES NO TEMPO QUE A INTUIÇÃO E A INTELIGÊNCIA PRÓPRIAS DE CADA UM DEVERÃO AGIR, À MARGEM DE CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS QUE NÃO SÃO SENÃO, A MAIOR PARTE DAS VEZES, COMO NESTA OBRA, UM MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO DE "IDEIAS CLARAS E DISTINTAS" MAS INFORMES, PREEXISTENTES NO ESPÍRITO DO COMPOSITOR, E TANTAS VEZES OBSTÁCULOS ARTIFICIAIS AO ACESSO IMEDIATO À OBRA DE ARTE. *A-MÈR-ES* FOI COMPOSTA ENTRE 1977 E 1978, EM PARIS, ENCOMENDADA PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, PELA VOZ DO DR. PEREIRA LEAL, NA PRESENÇA DO DR. AZEREDO PERDIGÃO E DA DRA. MADALENA PERDIGÃO, POR PROPOSTA DO COMPOSITOR IANNIS XENAKIS LOGO APÓS UM CONCERTO NO THÉÂTRE DE LA VILLE, NO ÂMBITO DAS JOURNÉES XENAKIS. *A-MÈR-ES* FOI PENSADA PARA A FORMAÇÃO INSTRUMENTAL DA ÉPOCA DA ORQUESTRA GULBENKIAN, INCLUINDO "BANDA MAGNÉTICA", COM SONS ELECTRÓNICOS E SONS SINTETIZADOS AO COMPUTADOR, NOS ESTÚDIOS DE MÚSICA ELECTROACÚSTICA DA UNIVERSIDADE DE VINCENNES, NOS ESTÚDIOS DO CEMAMU/CNET, EM ISSY-LES-MOULINEAUX, SEGUNDO O SISTEMA DE INFORMÁTICA MUSICAL UPIC-A E NOS ESTÚDIOS DA RDP DO PORTO. A ESTREIA TEVE LUGAR EM NOVEMBRO DE 1979, NO GRANDE AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO, PELA ORQUESTRA GULBENKIAN, DIRIGIDA POR MICHEL TABACHNIK, COM PROJECCÃO E CONTROLO DO SOM PELO AUTOR, NUM PROGRAMA QUE INCLUÍA OBRAS DE MENDELSSOHN E MAHLER.

CÂNDIDO LIMA ◀ NOV. 1979/JUN. 2009

INSTALAÇÕES SONORAS

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

13 A 19 SETEMBRO ◀ FOYER DO PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO ◀ CENTRO CULTURAL DE BELÉM (ANTES DE CADA CONCERTO)

ANDRÉ CASTRO: *Radio Fragments*

Este é um projecto de envolvimento sonoro-radiofónico de André Castro, que pretende abrir espaços para outro tipo de atenção auditiva, diferente da habitualmente associada à escuta radiofónica. Uma emissão de rádio é ouvida e analisada em tempo-real, em busca daquilo que normalmente se procura evitar no contexto radiofónico: pausas, indecisões, espirros, ruídos, espaços mortos, erros. Estes fragmentos de matéria hertziana são desmultiplicados por diversas camadas de processamento, dando origem ao tecido sonoro de Radio Fragments, a partir do qual se procurará criar espaços entre palavras e músicas, espaços entre si próprios, espaços de respiração. Um espaço no qual o público pode sintonizar, ouvir, observar e respirar.

COLECTIVO SUECO MAM:

In(g) sonic Mov28 EP

A graça e o prazer do 28 prometem transportar o CCB dos Prazeres à Graça. O porte e o transporte da carreira 28 da Carris, emblemático eléctrico lisboeta, darão o som. O património auditivo deste transporte público será a pedra em bruto que dará origem a uma escultura acústica.

ANDRÉ CASTRO www.c-e-m.org

É um artista sonoro, licenciado em artes sonoras pela Universidade de Middlesex, Londres. Na sua prática tem-se movido constantemente entre dois universos: umas vezes pelo mundo da música por computador, com as suas texturas meditativas, ruídos, *blips*, algoritmos e construção de *software* específico; outras vezes, voltando costas ao ecrã do computador, decide sair com um microfone e dedicar-se à captura da incrível diversidade sonora que nos rodeia, e das vozes e histórias que se escondem em cada pessoa. Comum a estas duas vertentes é o despojamento de elementos visuais que tem caracterizado a maioria dos seus trabalhos. Além dos projectos a solo, parte importante do seu trabalho tem-se desenvolvido através de colaborações com coreógrafos, artistas visuais, músicos e cientistas. Em 2008 concluiu uma série de documentários sonoros intitulados *Subterrâneos de Lisboa*, dedicados ao pouco conhecido mundo subterrâneo desta cidade. Integra, desde 2001, a estrutura c.e.m – centro em movimento.

COLECTIVO SUECO MAM

MATTIAS SKOLD www.mattiasskold.com
ANNA EINARSSON www.annaenarsson.com
MATTIAS PETERSSON www.myspace.com/mattiaspetersson
MSM MÃOSIMMÃO/SIMÃO COSTA www.maosimmao.com

SOUND WALK EA

13 A 20 SETEMBRO
13 < DAS 20H ÀS 24H / 14 A 19 < DAS 10H ÀS 24H / 20 < DAS 10H ÀS 17H
CAMINHO PEDONAL < CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Resultando de um convite a nível mundial dirigido aos compositores de música electroacústica, *Sound Walk* é uma instalação sonora colectiva e inédita que durante todo o decurso do festival acompanha os visitantes que percorrem o Caminho Pedonal do Centro Cultural de Belém.

Sound Walk proporciona a vivência de paisagens sonoras em espaço público.

COMPOSITORES E OBRAS

ANTÓNIO FERREIRA
Khamsin | PORTUGAL

AKIKO HATAKEYAMA
Far | JAPÃO

DAVID BEREZAN
Hannibal | REINO UNIDO

DANNY DE GRAAN
bachsbaby | PAÍSES BAIXOS

JUNYA OIKAWA
Focus | JAPÃO

ALAIN LITHAUD
Nuit Vernale | FRANÇA

JAMES ANDEAN
Outgribing | FINLÂNDIA

MADJID TAHRIRI
Amadinda | IRÃO

PANAYIOTIS KOKORAS
AnechoicSpin | GRÉCIA

CÂNDIDO LIMA
Momento-Paisagem
PORTUGAL

HERVÉ DÉJARDIN
The Bolduc Sound | FRANÇA

DANIEL DOMINGUEZ
El Blanco Negro

PAUL DAVID THOMAS
Bologna | EUA

HUGO PAQUETE
in situ | PORTUGAL

MAGGI PAYNE
BubbleUp | EUA

SÍLVIA MENDONÇA
Biopsy | PORTUGAL

JEAN-FRANÇOIS BLOUIN
*Le mouvement d'un
murmure* | FRANÇA

SAIR SINAN KESTELLI
EarthWorks | TURQUIA

ORLANDO JACINTO GARCIA
Transcending Time | CUBA

ROBERT MACKAY
Joyce's Vision | REINO UNIDO

ANDRÉ RUIZ
Órnis | PORTUGAL

CARLOS SÚAREZ SÁNCHEZ
Memento Homo | VENEZUELA

BENJAMIN O'BRIEN
WTO: Feedback | EUA

SHINICHI MORITA
Ezogiku | JAPÃO

RICARDO DE ARMAS
Palabras vacías | ARGENTINA

JOÃO CASTRO PINTO
*Invocatio - ascribing
soundimages into silence*
PORTUGAL

PAUL OEHLERS
Phreximus | EUA

JURAJ KOJS
Jewel

JORGE ANTUNES
*Voyage au fond de
l'océan cerebral* | BRASIL

GERALD FIEBIG
Sound Walk | ALEMANHA

JOAN LA BARBARA
African Rhythms | EUA

MASSIMO DAVI
*Lame Lucenti...
Tacerai per sempre*
ITÁLIA

JEAN LOUIS HARGOUS
Iluna eta gero | FRANÇA

RUI CHAVES
Harbour | PORTUGAL

AGAPITO GALAN
Devenir | VENEZUELA

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

13 SETEMBRO < 21H < M/16
CENTRO CULTURAL DE BELÉM
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO

CO-PRODUÇÃO < MISO MUSIC PORTUGAL/CENTRO CULTURAL DE BELÉM

APOIOS < CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS, ÉBANO&MARFIM

O *Sond'Ar-te Electric Ensemble* é já hoje, em Portugal e no estrangeiro, reconhecido como uma proposta inovadora no panorama musical europeu contemporâneo, por conjugar de forma estruturante os instrumentos acústicos com os meios eletrónicos. Com uma adesão entusiástica por parte do público e dos vários compositores que já escreveram ou estão a escrever para o grupo, as suas propostas, musical e tecnicamente consistentes e convincentes, misturam neste concerto/espectáculo música, palavra, electrónica e imagem. O *Sond'Ar-te Electric Ensemble* apresenta neste concerto obras de autores portugueses especialmente escritas para o ensemble, sendo de destacar as estreias absolutas de *ETRAS-cantos de sonhi ma* de Cândido Lima, encomenda da Câmara Municipal de Matosinhos, e de *Mestre Gato ou o Gato de Botas* de Miguel Azguime, narrativa fantástica cénico-musical em torno do conto de Perrault, encomenda do CCB.

JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU DIRECÇÃO
MIGUEL AZGUIME NARRADOR
MONIKA STREITOVÁ FLAUTA
NUNO PINTO CLARINETE
ANA TELLES PIANO
SUZANNA LIDEGRAN VIOLINO
NUNO ABREU VIOLONCELO
JEAN MARC SULLON ASSISTENTE INFORMÁTICO MUSICAL
PAULA AZGUIME PROJEÇÃO SONORA E IMAGEM
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

LUÍS TINOCO: *O Silêncio e as Pedras* * (2008 – 9')
RICARDO RIBEIRO: *Intensités* (2001, REV. 2006 – 6')
CÂNDIDO LIMA: *ETRAS-cantos de sonhi ma* ** EA (2009 – 15')

INTERVALO

MIGUEL AZGUIME: *Mestre Gato ou O Gato de Botas* *** EA (2009 – 27')

* ENCOMENDA MISO MUSIC PORTUGAL

** ENCOMENDA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

*** ENCOMENDA CENTRO CULTURAL DE BELÉM





INTÉRPRETES

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

www.sondarte.com

Fundado em Julho de 2007, o Sond'Ar-te Electric Ensemble é uma proposta totalmente inovadora no panorama musical europeu contemporâneo na medida em que conjuga de forma estruturante os instrumentos acústicos com os meios electrónicos.

O Sond'Ar-te Electric Ensemble é constituído por Pedro Amaral (maestro titular), Monika Štreitová (flauta), Nuno Pinto (clarinete), Ana Telles (piano), Suzanna Lidegran (violino), Nuno Abreu (violoncelo), Paula Azguime (desenho de som), Miguel Azguime (electrónica). Associando o elevadíssimo padrão de qualidade dos músicos que o integram à tecnologia musical de ponta que ao longo dos anos tem sido desenvolvida pelo Miso Studio. Paralelamente ao desenvolvimento e à interpretação de um novo repertório, o Sond'Ar-te Electric Ensemble assenta a sua prática no importante repertório da música do século XX, com a interpretação de algumas das obras emblemáticas que atravessam a história musical do século passado. Refira-se ainda, como ponto central da actividade do Sond'Ar-te Electric Ensemble, o programa de encomendas de obras musicais, o concurso internacional de composição Sond'Ar-te Electric Ensemble – música de câmara com electrónica, o desenvolvimento de projectos New Op-Era e ainda diversos projectos pedagógicos e de sensibilização de novos públicos.

JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU

Ingressou aos nove anos no Conservatório de Paris, onde teve como professores Darius Milhaud, Olivier Messiaen, Louis Fourestier e Maurice Martenot, entre outros. Com apenas 27 anos foi

nomeado director do Conservatório de Metz e maestro titular da Orquestra Sinfónica da mesma cidade; mais tarde, veio a dirigir igualmente os conservatórios de Rouen e Estrasburgo. Durante cerca de 15 anos foi professor de direcção de orquestra e responsável pelas três orquestras do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris; colaborou com Pierre Boulez e Leonard Bernstein. A par da sua actividade docente, Jean-Sébastien Béreau tem desenvolvido uma intensa carreira internacional como maestro. Foi titular das orquestras de Metz e Rouen, bem como dos cantores de Sto. Eustáquio, em Paris, e da Chorale Strasbourgeoise, em Estrasburgo. Dirigiu algumas das mais prestigiosas orquestras em Paris, Moscovo, Bruxelas, Luxemburgo, Lisboa, Roma, Manila, Taipé, entre outras. Dirigiu a Orquestra dos Mil, composta por mil músicos escolhidos entre os solistas de todas as principais orquestras francesas. Colaborou com os solistas Aldo Ciccolini, Samson François, Pierre Barbizet, Robert Casadesus, Paul Badura-Skoda, Philippe Entremont, Tatiana Nicolaeva, Yvonne Loriod, Roger Muraro, Maria João Pires, Pierre-Laurent Aimard, Jean Guillou, Yuri Bashmet, Jean-Pierre Rampal, Pierre-Yves Artaud, Pascal Moraguès, Maurice Allard, Maurice André, Thierry Caens, Bernard Soustrot, Régine Crespin, Nicolai Gedda, entre muitos outros. Entre os seus numerosos alunos de direcção de orquestra figuram os maestros Pascal Verrot, Pascal Rophé, Vincent Barthe e Martin Lebel. Além de várias condecorações francesas, entre as quais a Ordre du Mérite, foi-lhe atribuído o Prémio de Composição da Fundação Americana W. and N. Copley. Actualmente, ensina direcção de orquestra no Conservatório Nacional da região de Lille.

NUNO PINTO

www.nunopinto.pt

Nasceu em Vila Real em 1976. Fez os estudos de clarinete com Saul Silva e António Saiote, e aperfeiçoou-se com Michel Arrignon e Alain Damiens. Em Portugal, França e Áustria, frequentou *master-classes* orientadas pelos clarinetistas Guy Dangain, Walter Boeykens, Howard Clug, António Saiote, M. Arrignon, Robert Fontaine e Alois Brandhofer. Músico completo é intérprete de vários estilos musicais e tem participado em inúmeros festivais de música em Portugal e no estrangeiro. Nuno Pinto tem dedicado uma grande parte do seu trabalho à música de câmara e à música contemporânea. É membro fundador dos grupos de câmara Camerata Senza Misura, Trivm de Palhetas e Clarinetes Ad Libitum e tem colaborado, entre outros, com o Moscovo Piano Quartet, o Ensemble Contrapunctus, o Ensemble Português de Clarinetes e os quartetos de cordas de Lisboa, Aveiro e Lyra. É ainda membro da OrchestrUtopica, do Grupo Música Nova e do Sond'Ar-te Electric Ensemble. Enquanto clarinetista, esteve presente em estreias de obras de compositores como Cândido Lima, Christopher Bochmann, António Vitorino d'Almeida, Carlos Guedes, V. Melo, C. Azevedo, F. C. Lapa, J. J. Lopes, Nuno Côrte-Real, I. Moody, C. Caires, A. Sousa Dias, M. Azguime, M. Eggert, J. Madureira, J. Motschmann, Luís A. Pena, entre muitos outros. É dedicatário de obras de Cândido Lima, L. Tinoco, S. Azevedo, R. Ribeiro e V. Melo. Foi solista com a Orquestra Clássica do Porto, Orquestra do Norte, Solistas do Porto, Orquestra de Câmara Musicare, Orquestra Artave e European Medical Students Orchestra. Colaborou ainda com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Nacional do Porto. É professor de clarinete e de música de câmara na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, no Porto, e na Fundação Conservatório Regional de Gaia. É convidado regularmente para orientar cursos de aperfeiçoamento, *workshops* e *master-classes* um pouco por todo o país. Com o grupo Clarinetes Ad Libitum gravou, em 2006, o disco *Contradanza* e participou, em 2007, com o grupo Camerata Senza Misura no filme *A Terra antes do Céu*, de João Botelho.

COMPOSITORES E OBRAS

LUÍS TINOCO

www.tinocoluis.com

www.mic.pt

Formou-se em composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura completou o mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente, encontra-se a fazer estudos de doutoramento na Universidade de York, sob orientação de Nicola LeFanu. Paralelamente à sua actividade de compositor, tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical, destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e, mais recentemente, assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos. Actualmente, encontra-se a escrever uma peça encomendada pela Orquestra Sinfónica de Albany para ser estreada pelo Ensemble Dogs of Desire no Experimental Music Performing Arts Center, em Troy/Nova Iorque. A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press.

O Silêncio e as Pedras

"O SILÊNCIO E AS PEDRAS FOI ESCRITA EM RESPOSTA A UMA ENCOMENDA DA MISO MUSIC PORTUGAL.

A PEÇA É DEDICADA AO SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE, QUE FEZ A SUA ESTREIA EM DEZEMBRO DE 2008. PARA A SUA COMPOSIÇÃO USEI A INSTRUMENTAÇÃO BASE DO SOND'AR-TE (FLAUTA, CLARINETE, PIANO, VIOLINO, VIOLONCELO) E UM CONJUNTO DE BLOCOS DE GRANITO, COMBINADOS COM SONS PRÉ-GRAVADOS E MEIOS ELECTRÓNICOS EM TEMPO REAL. CONTEI, AINDA, COM O PRECIOSO APOIO DE JOSÉ LUÍS FERREIRA, NA ASSISTÊNCIA INFORMÁTICA MUSICAL."

LUÍS TINOCO < JULHO 2009

[...]

O CHÃO ESTÁ CHEIO DE INSECTOS QUE SE CONFUNDEM COM AS ALFARROBAS; SÓ SEI DELES ÀS QUATRO DA TARDE QUANDO FAZEM A SOMBRA FALAR.

[...]

NÃO HÁ TEMPO PARA OS GRILOS;
NÃO HÁ ÁGUA NO BARRO
NEM MANGUEIRAS AO SOL.
SÓ O SILÊNCIO E AS PEDRAS
E A AREIA NAS MÃOS.

JOÃO TINOCO, *TEMPO REDONDO*, ED. ULMEIRO

RICARDO RIBEIRO

www.mic.pt

Nasceu em Calvão, Aveiro, em 1971. Depois de ter concluído o curso superior de composição na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Christopher Bochmann e António Pinho Vargas, Ricardo Ribeiro realizou, nos dois anos subsequentes, o curso de Alto Perfezionamento Musicale em Itália, com o compositor Franco Donatoni. Entre 1998 e 2002, o compositor viveu em Paris, onde prosseguiu, sob a orientação de Emmanuel Nunes, o seu trabalho de composição e de investigação. Emmanuel Nunes surge, desde então – depois dos ensinamentos de Franco Donatoni e de Tristan Murail –, como influência determinante no percurso criativo do compositor. Paralelamente às formações já referidas, frequentou ainda diferentes cursos e seminários de composição, dirigidos por compositores como Magnus Lindberg, Philippe Manoury, Tristan Murail, Salvatore Sciarrino e Brian Ferneyhough, entre outros. Em 2003, na Universidade de Nice-Sophia Antipolis, obteve o grau de Mestre em Esthétique et Pratique des Arts, sob a orientação de Antoine Bonnet, com a tese “Invention et développement mélodique dans l’œuvre Einspielung I (1979) d’Emmanuel Nunes”. Prepara, na Universidade de Rennes 2, com o mesmo orientador, a tese de doutoramento intitulada “Dimensions complémentaires constitutives du temps”. Para a realização dos seus estudos têm sido atribuídas ao compositor diferentes bolsas, das quais se destacam a Bolsa de Aperfeiçoamento Artístico da Fundação Calouste Gulbenkian (1997 a 2001) e a Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (2002 a 2006). As obras de Ricardo Ribeiro têm sido apresentadas e encomendadas por diferentes instituições europeias.

Intensités

“A OBRA *INTENSITÉS* ASSENTA NUM GÉNERO DE ETERNO RETORNO, NA MEDIDA EM QUE A CADA CICLO, CÉLULAS RÍTMICO-MELÓDICAS SE ENCONTRAM INTEGRADAS NUM NOVO CONTEXTO, CONSERVANDO NUMA NOVA REALIDADE TRAÇOS RECONHECÍVEIS DA SUA IDENTIDADE. COMO O TÍTULO SUGERE, ESTA OBRA CARACTERIZA-SE POR UMA VEEMÊNCIA ALIMENTADA POR INTENSIDADES RÍTMICO-HARMÓNICAS, QUE NÃO SE APOIAM EM CERTOS EFEITOS CARACTERÍSTICOS DA ESCRITA PARA CLARINETE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX, COMO GLISSANDOS E MULTIFÔNICOS, DELIBERADAMENTE EXCLUÍDOS PELO COMPOSITOR. EM 2008, O COMPOSITOR REALIZOU A VERSÃO PARA CLARINETE E SISTEMA ELECTRÓNICO DE PROCESSAMENTO EM TEMPO REAL. *INTENSITÉS* RESULTA DE UM TRABALHO DE PESQUISA E PARTILHA COM O CLARINETISTA NUNO PINTO, A QUEM É DEDICADA.”

D. FERREIRA

CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

ETRAS-cantos de sonhi ma

“NO TÍTULO E NO SUBTÍTULO HÁ SENTIDOS E SEGREDOS NUM JOGO DO LADO OCULTO E DO LADO POÉTICO DAS COISAS. É ASSIM NAS OBRAS DO COMPOSITOR DOS ÚLTIMOS ANOS: DO PROSAICO AO SOFISTICADO, DO CLARO AO OSCURO, DO REAL E CONHECIDO AO IMAGINÁRIO E INVENTADO. DE LETURAS A UMA DISTÂNCIA INFINITESIMAMENTE GRANDES E INFINITESIMAMENTE PEQUENAS UMAS DAS OUTRAS, IMPORTA, EM PRIMEIRO LUGAR, AO COMPOSITOR, QUE A SONORIDADE DO TÍTULO SUSCITE SURPRESA E CURIOSIDADE. DA TONALIDADE GREGA DE *ETRAS*, DA SOLETRAÇÃO DE PALAVRAS OU SIGLAS DE *ETRAS* (NOVAS TÉCNICAS DIGITAIS ASSOCIADAS ÀS TÉCNICAS TRADICIONAIS DA MECÂNICA), OU SE SOLETRADAS AO CONTRÁRIO (SON D’AR-TE) ÀS SONORIDADES DE ETNIAS AFRICANAS, AMAZÓNICAS, DO SUL-ASIÁTICO OU DO EXTREMO ORIENTE, DA EXPRESSÃO *CANTOS DE SONHI MA*, HÁ UMA LONGA VIAGEM PARA A IMAGINAÇÃO DE CADA UM. DAS SEMÂNTICAS E DOS SENTIDOS POÉTICOS IMAGINÁRIOS ÀS REFERÊNCIAS DAS MECÂNICAS E DAS EMOÇÕES A COMBINAÇÕES DE SÍLABAS E DE LETRAS HÁ UM LARGO CAMPO DE DESCOBERTA.

“ERA UMA VEZ...”, ASSIM PODERIA COMEÇAR, POR

EXEMPLO, UMA HISTÓRIA SOBRE UM CIDADÃO ANÓNIMO DOS MARES OU DOS BOSQUES DE MATOSINHOS (DESCUBRA-O EM *CANTOS DE SONHI MA*), VIAJANTE E NAVEGADOR, QUE VIVEU COM ÍNDIOS, MAIAS OU ASTECAS, COM ZULUS, HINDUS OU MONGÓIS. DOS CANTOS POR ONDE PASSOU AOS CANTOS QUE OUVIU E QUE CANTOU UMA HISTÓRIA DE CUMPLICIDADES NO INTERIOR E NO EXTERIOR DESTA TERRA DE MAR. UMA PRINCESA LENDÁRIA PODERIA ESTAR NAS CONJECTURAS DO COMPOSITOR E DO OUVINTE DA OBRA, IMAGINANDO-O COM ESSES NAVEGADORES. MAIS PRÓXIMOS DE NÓS, AMIGOS VIAJANTES PELAS AVENTURAS DA MÚSICA PORTUGUESA ENCONTRAM-SE, NO INTERIOR DOS DOIS TÍTULOS, NUMA LEITURA MAIS TERRA A TERRA, EM COMBINAÇÕES DE SÍLABAS E LETRAS. SÃO AS MARCAS DA HISTÓRIA QUE CADA UM QUISER INVENTAR; MAS NO INTERIOR DOS DOIS TÍTULOS ENCONTRAMOS A GÉNESE E O MOTOR DESTA MÚSICA BREVE, EM HOMENAGEM AOS INTÉRPRETES E ÀS GENTES DE MATOSINHOS PERSONIFICADOS NOS RESPONSÁVEIS DA CÂMARA DA CIDADE. ISTO ESCONDE E DEIXA A DESCOBERTO, AO MESMO TEMPO, A DESCODIFICAÇÃO DO TÍTULO, JÁ FEITA AO LONGO DESTE TEXTO. A OBRA É DEDICADA AO COMPOSITOR MIGUEL AZGUIME, RESPONSÁVEL PELO PROJECTO E PELO NASCIMENTO DA OBRA, AOS AMIGOS DO GRUPO SOND’AR-TE, DESTINATÁRIOS DA OBRA, AO DR. MANUEL DIAS DA FONSECA E AO DR. FERNANDO ROCHA, RESPONSÁVEIS ÚLTIMOS PELA EXISTÊNCIA DA OBRA E DE TANTAS COISAS MARCANTES NA HISTÓRIA DA CULTURA PORTUGUESA.”

CÂNDIDO LIMA ◀ MARÇO DE 2009

MIGUEL AZGUIME

(VER PÁGINA 6)

Mestre Gato ou O Gato de Botas

MESTRE GATO OU O GATO DE BOTAS PARA NARRADOR, CONJUNTO DE CÂMARA E ELECTRÓNICA SOBRE O CONTO DE FADAS DE CHARLES PERRAULT, EXISTE EM DUAS VERSÕES: UMA PARA ADULTOS (VERSÃO A); E UMA OUTRA PARA CRIANÇAS (VERSÃO B). EM AMBOS OS CASOS OS FUNDAMENTOS DA HISTÓRIA MANTÊM-SE, ASSIM COMO A ESCRITA INSTRUMENTAL, TODAVIA EXISTEM *INTERMEZOS* DE CONTEÚDO EXPLICITAMENTE ERÓTICO NA VERSÃO A QUE NÃO ESTÃO PRESENTES NA VERSÃO B, E A PARTE ELECTRÓNICA FINAL É TOTALMENTE DIFERENTE EM CADA UMA DAS VERSÕES.

A MOTIVAÇÃO PARA ESCREVER UMA PEÇA SOBRE ESTE TEXTO TEVE DUAS RAZÕES PRINCIPAIS:

— POR UM LADO, O GOSTO PELOS CONTOS DE FADAS E PELO SENTIDO PEDAGÓGICO DAS FREQUENTES PARÁBOLAS QUE ENUNCIAM – E NESSE SENTIDO FORAM OS MEUS FILHOS, AS MINHAS SOBRINHAS E AS MINHAS NETAS QUE ME ENSINARAM A CONTAR E A RECONTAR, VEZES SEM FIM, NUM ACTO TEATRAL E AFECTIVO SEMPRE REINVENTADO, ESTA HISTÓRIA QUE LIVREMENTE FUI ADAPTANDO E POR ISSO É A ELAS QUE ESTA PEÇA É DEDICADA;

— POR OUTRO LADO, ESTE CONTO APARENTEMENTE SEM MORAL É NA VERDADE UMA CRÍTICA PERSPICAZ AO PODER POLÍTICO QUE MANTÉM A SUA ACTUALIDADE E QUE SUBSCREVO – COM UM HERÓI QUE NA VERDADE É UM VILÃO, OPORTUNISTA SEM ESCRÚPULOS QUE TOMA DE ASSALTO O PODER POLÍTICO, MESTRE EM AMEAÇAS E BURLAS QUE VENCE SEM DIFICULDADES TANTO O PODER ESTABELECIDO (O REI), MANIPULÁVEL E CORRUPTÍVEL, COMO O CONTRAPODER DA OPOSIÇÃO (O PAPÃO), INCOERENTE E INCONSTANTE E IGUALMENTE VULNERÁVEL À IMPOSTURA E AO EMBUSTE.

IMPORTA AINDA REFERIR QUE DESDE A MINHA NOVA OP-ERA *ITINERÁRIO DO SAL*, O SAL ENQUANTO ELEMENTO SIMBÓLICO DO “ESSENCIAL QUE FAZ A DIFERENÇA”, TOMOU UMA IMPORTÂNCIA ESPECIAL NA EXPRESSÃO DO MEU TRABALHO E, NESTE SENTIDO, O EROTISMO É TAMBÉM UM SAL QUE TRANSFORMA O GOSTO E A CONSCIÊNCIA. ANALISAR O TEXTO DE CHARLES PERRAULT DESTE PONTO DE VISTA, E NA MEDIDA EM QUE TENHO O AMOR (E O SEXO E O EROTISMO QUE LHE SÃO INTRÍNSECOS) COMO A DIMENSÃO MAIS PERFEITA DA CRIATIVIDADE E DA VIDA, FORAM OS MOTIVOS SUFICIENTES PARA OUSAR ESTA VERSÃO A.

MESTRE GATO OU O GATO DE BOTAS RESULTA DE UMA ENCOMENDA DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM E FOI ESPECIALMENTE ESCRITA PARA O SOND’AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE.

POWERTRIO PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE

14 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

I PARTE

A CORDA, ESTICADA
entre duas cabeças, lá no alto,
tenta alcançar, também com as tuas mãos,
o eterno exterior,
a corda
há-de cantar agora – e canta.
Um som
sacode os selos
que tu violas.

Do poema A MORTE É UMA FLOR de Paul Celan, traduzido por João Barrento.

POWERTRIO

EDUARDO RAON HARPA, ELECTRÓNICA
JOANA SÁ PIANO TOY PIANO
LUÍS MARTINS GUITARRA
ÂNGELO LOURENÇO SONORIZAÇÃO

PROGRAMA

POWERTRIO: *A corda há-de cantar agora* EA (2009 – 30')



II PARTE

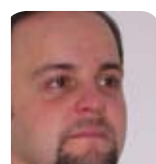
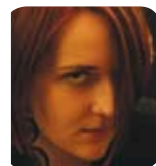
Proveniente de Estocolmo, é um quarteto de músicos excepcionais com uma energia contagiante, que tem desenvolvido um novo repertório que assenta em obras miniatura ou muito curtas. Têm desta forma preparado programas que constituem panoramas diversificados da música de cada país. Para o concerto em Lisboa, e resultando da parceria com o compositor romeno Cristian Marina e em colaboração com o Instituto Cultural Romeno, prepararam um programa que põe em perspectiva a música sueca, romena e portuguesa.

PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE

SARA HAMMARSTRÖM FLAUTAS
GEORGE KENTROS VIOLINO
MATS OLOFSSON VIOLONCELO
MÅRTEN LANDSTRÖM PIANO

PROGRAMA

DIANA ROTARU: *Tremurcutremur* EP (2008 – 5')
ANTÓNIO PINHO VARGAS: *Terceiro Verso de Caetano* EP (1997 – 3')
ADRIAN BORZA: *Lay Low* EP (2007 – 4')
CRISTIAN MARINA: *Falso brilhante* EP (2005 – 6')
CRISTIAN LOLEA: *Micro Circuits* EP (2008 – 5')
CÂNDIDO LIMA: *Nanghê* (1990 – 8')
PÅR LINDGREN: *Soirée de Noël* EP (2007 – 9')



INTÉRPRETES

POWERTRIO

www.myspace.com/powertrio3

Colectivo dedicado à criação/interpretação de música contemporânea e improvisação. Iniciou o seu trabalho em 2007 e é constituído por três criadores/ intérpretes com formação clássica e experiência noutras áreas musicais e artísticas: Eduardo Raon, Joana Sá e Luís Martins. Esta rara combinação instrumental permitiu criar uma sonoridade profundamente original, tirando partido da idiomática de cada instrumento e das vastas possibilidades camarísticas deste *ensemble*. Consciente do legado da música erudita, o POWERTRIO recorre, utiliza e subverte as soluções e lógicas musicais contemporâneas, procurando integrar e questionar a utilização de recursos transdisciplinares. O nome POWERTRIO – designativo da formação *rock* (guitarra, baixo e bateria) – invoca a atitude, energia e acção musical intuitiva caracterizantes desta linguagem.

PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE

www.swinepearl.com

O *ensemble* foi fundado em 1995, e tornou-se num dos mais bem-sucedidos e originais da nova música na Escandinávia. Dedicaram-se a encomendar o seu próprio repertório de pequenas peças (5 minutos), e até à data receberam mais de 80 trabalhos provenientes de 18 países. Dos compositores que escreveram para o *ensemble* destacam-se Anders Hillborg, Mikael Edlund, Lars Ekström (Suécia), David Lang (EUA), Tristan Murail (França), Atli Heimir Sveinsson (Islândia) e Michel van der Aa (Holanda). Os membros do *ensemble* conheceram-se na Royal University College of Music em Estocolmo, mas também estudaram em conservatórios de várias cidades, como Boston, Nova Iorque, Londres, Copenhaga, Colónia,

entre outras. Todos eles são músicos de câmara *freelancers* na Suécia. O estilo descontraído e directo dos seus concertos, que incluem contacto com o público, tornou-os bastante convidativos para festivais por todo o mundo. Têm actuado em todos os festivais mais importantes de música contemporânea da Escandinávia, assim como no ISCM World Music Days, no Japão. PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE lançaram dois CD pela Editora Caprice; ao seu primeiro auto-intitulado CD foram atribuídas cinco Estrelas pela revista alemã Fonoforum, e o seu segundo álbum, *swine live!*, foi considerado pelo jornal matinal nacional *Svenska Dagbladet* como “tendo revitalizado a nova cena musical sueca”. Ou, como o jornal *Expressen* classificou: “The PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE é uma das melhores coisas que aconteceu à música.” Em 2004, ganhou o Crystal Prize (Kristallpriset) atribuído pela Edition Reimers e pela Sociedade Sueca de Maestros, pelo contributo especial à música contemporânea; em 2005, o grupo foi galardoado com o Prémio para Intérprete da Sociedade Sueca de Compositores.

COMPOSITORES e OBRAS

DIANA ROTARU

Nasceu em Bucareste em 1981. Tem o bacharelato e a licenciatura em Composição na Universidade Nacional de Música de Bucareste, onde estudou com Stefan Niculescu e Dan Dediu. Actualmente está a terminar o doutoramento na mesma universidade. Entre 2005 e 2006, e no âmbito do programa de intercâmbio Erasmus, estudou no Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris com Frederic Durieux, entre outros. Participou em diferentes cursos de Composição de Verão, como Acanthes (2008), Voix Nouvelles-Royaumont (2002 e 2006), e o International Bartók Seminary-Szom-

bathely (2003), ao mesmo tempo que estudou com os compositores Salvatore Sciarrino, Jonathan Harvey, Brian Ferneyhough e Michael Jarrell. Venceu inúmeros prêmios, entre os quais o ISCM-IAMIC Young Composer Award (ISCM World Music Days, Vilnius, 2008), o Irino Prize (Japão) por trabalho orquestral em 2004, e o Prêmio George Enescu *ex-aequo* (Roménia), em 2003 e 2005. As suas obras têm sido interpretadas na Europa e no Japão. As suas criações incluem música de câmara e de orquestra, assim como ópera.

Termurcutremur

O TRABALHO EXPERIMENTA UM VAGO PARALELO ENTRE OS FENÓMENOS NATURAIS QUE INSPIRAM TERROR (TERRAMOTOS OU ERUPÇÕES VULCÂNICAS) E AS DOENÇAS MENTAIS (PSICOSES, ALUCINAÇÕES, DELÍRIOS, ATAQUES DE PÂNICO, AUTISMO, ETC.). OS TREMORES TRADUZEM-SE EM SISMO, IRIDESCÊNCIA EM PULSAÇÃO MECÂNICA, SONHOS EM PESADELOS, PAIXÃO EM TORPOR. OS MATERIAIS MUSICAIS DESENVOLVEM VÁRIOS TEMAS OBSESSIVOS. ESTA OBRA FOI ESCRITA PARA PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE.

ANTÓNIO PINHO VARGAS

www.antonipinhovargas.com
www.mic.pt

Compositor, músico e ensaísta. Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actualmente bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, *research fellow* do Departamento de Música da Universidade de Durham e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde prepara um doutoramento em Sociologia da Cultura. Publicou os livros *Sobre Música: ensaios, textos e entrevistas* (Porto, Afrontamento, 2002) e *Cinco Conferências sobre a História da Música do Século XX* (Lisboa, Culturgest, 2008). Gravou oito discos de jazz como pianista/compositor e quatro discos monográficos. Após 12 anos sem gravar, o CD duplo *Solo* obteve uma excelente recepção crítica em 2008, tal como o CD *Graffiti* da Numérica/Casa da Música, ambos incluídos em várias listas dos Discos do Ano. Compôs quatro óperas, uma oratória, nove peças para orquestra, sete obras para ensemble, dezasseis obras de câmara, sete obras

para solistas e música para cinco filmes. Podem destacar-se as óperas *Édipo*, *Tragédia de Saber* (1996) e *Os Dias Levantados* (1998), *Outro Fim* (2008); os quartetos de cordas *Monodia*, *quasi un Requiem* (1993) e *Movimentos do subsolo* (2008); as obras para orquestra *Acting Out* (1998), *A Impaciência de Mahler* (2000), *Graffiti [just forms]* (2006), *Six Portraits of Pain, para violoncelo solo e ensemble* (2005); e *Um Discurso de Thomas Bernhard, para narrador e orquestra* (2007).

Terceiro Verso de Caieiro

“CERCA DE 1998 RECEBI UM PEDIDO DE UMA OBRA MUITO CURTA PARA INTEGRAR O PROJECTO DO GRUPO SVEN VON PARLOR DE UM CONCERTO COM VÁRIAS OBRAS DE COMPOSITORES DE DIFERENTES PAÍSES EUROPEUS. ESCRIVI UMA NOVA VERSÃO, ADEQUADA À INSTRUMENTAÇÃO REQUERIDA, DO 3.º ANDAMENTO DA MINHA OBRA DE 1997 *TRÊS VERSOS DE CAIEIRO PARA 12 INSTRUMENTOS*. INTITULEI-A *TERCEIRO VERSO DE CAIEIRO*.”

ANTÓNIO PINHO VARGAS

ADRIAN BORZA

É reconhecido como um músico versátil que se dedica à composição musical instrumental e electroacústica, ao desenvolvimento de *software* musical, áudio de pós-produção e ensino da música. Na Roménia, levou a cabo estudos avançados em composição musical na Academia de Música Gheorghe Dima e realizou um doutoramento em música. Durante o período em que viveu no Canadá, frequentou cursos de programação musical na Universidade de Montreal. A sua música tem sido interpretada em diversos concertos e transmitida pela Europa, Ásia, América do Norte e América do Sul, como seja o Festival Electroacústico JSEM/MSL (Japão, 2009), no Festival Outside the Box New Music (Estados Unidos da América, 2009), Festival Art of Sounds (Sérvia, 2008) e no Festival Meridian Zilele SNR-SIMC (Roménia, 2008).

Lay Low

PARA COMPOR *LAY LOW*, O COMPOSITOR UTILIZOU O SEU PRÓPRIO SISTEMA INTERACTIVO PARA COMPOSIÇÃO, INTITULADO *IAC* – “INTERACTIVE ALGORITHMIC COMPOSITION” (2004) USANDO MAX/

MSP. O *SOFTWARE* INTERAGE EM TEMPO REAL COM AS ACÇÕES DO ARTISTA ENQUANTO UM TECLADO MIDI É LIGADO E TOCADO; CONSEQUENTEMENTE AS NOTAS, A INTENSIDADE E O TEMPO SÃO CONTROLADOS NO DECORRER DA APRESENTAÇÃO. *LAY LOW* FOI BASICAMENTE IMPROVISADA PELO COMPOSITOR NO SEU SISTEMA INTERACTIVO E SÓ DEPOIS ARRANJADO PARA O PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE. O TRABALHO ESTÁ ESTRUTURADO EM CINCO PARTES, NARRANDO HISTÓRIAS IMAGINÁRIAS COM HUMOR OU COM RAPIDEZ E UM CERTO ALVOROÇO; CADA UMA DELAS TEM CERCA DE UM MINUTO. A QUARTA PARTE, POR EXEMPLO, É INSPIRADA POR UM PADRÃO RÍTMICO DE UMA CANÇÃO DE EMBALAR.

CRISTIAN MARINA

Nasceu em 1965 em Cluj, Roménia, onde fez os estudos musicais básicos na Escola de Música e na Academia Musical Gheorghe Dima. Vive na Suécia desde 1987, onde completou os seus estudos em composição no Royal Music College em Gotemburgo e em Estocolmo, com Magnus Lindberg e Sven-David Sandström. Frequentou a Academie d'été – IRCAM, Paris, em 1995, com Luca Francesconi e a Accademia Chigiana, Siena, em 1996, com Franco Donatoni. Estudou ainda com Miklos Marós e frequentou cursos com Brian Ferneyhough e Philippe Manoury. A sua música cobre quase todos os géneros e tem sido interpretada em concertos e festivais, e transmitida na maior parte dos países europeus, no Japão e em Hong Kong. As suas partituras foram editadas pela Edition Suécia, e as obras gravadas em CD pela Phono Suecia e pela Fylkingen Records (Suécia), assim como pela Edition LGNM (Luxemburgo). Recebeu o 1.º Prémio no Aperto International Composition Competition, Bucareste, em 2006, e o 3.º Prémio no International Composition Prize, Luxemburgo, em 2003. Recebeu ainda vários prémios e bolsas nacionais atribuídos pela Royal Swedish Academy of Music e pela Swedish Arts Grants Committee. Cristian Marina é membro da Swedish Composers Society e da Swedish Section of the ISCM (foi presidente entre 2001 e 2004).

Falso brilhante

POR DETRÁS DE *FAKE BRILLIANCE* ESTÁ UMA VIBRAÇÃO MELÓDICA E RÍTMICA, QUE TRANSPORTA A EXPRESSÃO MUSICAL PARA ELEVADOS NÍVEIS DE TENSÃO.

O VIRTUOSISMO DOS QUATRO INSTRUMENTISTAS É AQUI COMPLETAMENTE TESTADO NO QUE DIZ RESPEITO À SINCRONIZAÇÃO E À EXECUÇÃO DE UM FLUXO INTENSO DE EVENTOS SONOROS. A OBRA TRADUZ A JÁ FAMILIAR MARCA DO ENSEMBLE PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE (AO QUAL É DEDICADO), OU SEJA, A EXPRESSÃO E O DESENVOLVIMENTO CONCENTRADOS DE UMA IDEIA MUSICAL NUM CURTO INTERVALO DE TEMPO (4 A 5 MINUTOS).

CRISTIAN LOLEA

Nasceu em 1977 em Bucareste. Estudou na Escola de Música George Enescu (1995) e graduou-se pela Universidade Nacional de Música de Bucareste, tendo como seu professor Tiberiu Olah (2000). Está neste momento a preparar a dissertação de doutoramento, sob a orientação de Octavian Nemescu, na mesma universidade onde é igualmente professor. Frequentou vários cursos de composição, nomeadamente na Gaudeamus Music Week (Amesterdão-Holanda, 1997), na International Summer Courses for Young Composers (Radziejowice-Polónia, 1998) e no 7. Internationale Akademie für Neue Komposition und Audio-Art (Schwaz-Áustria, 1999). Foi galardoado com o 1.º Prémio em vários concursos nacionais e internacionais, entre os quais o Concurso Internacional de Composição The Roads of Romanticism (Varsóvia-Polónia, 2007), o Troféu de Excelência para Jovens Compositores, atribuído pela UNPR (União Nacional de Empregadores da Roménia, Bucareste, 2006) e em 2008 ganhou o Gopo Prize para melhor orquestração de um filme original. Compôs música de câmara, música sinfónica e vocal-sinfónica, música para publicidade, filmes e televisão. As suas obras têm sido interpretadas em concertos na Europa, nos Estados Unidos da América e no Brasil, e também transmitidas na Europa, na América do Norte e na América do Sul.

Micro Circuits

PARA QUATRO ARTISTAS É UMA VERSÃO MAIS CURTA DO TRABALHO *CIRCUITS* PARA ORQUESTRA DE CÂMARA. ANALOGIAS COM O AMBIENTE ELECTRÓNICO, TANTO A NÍVEL ESTRUTURAL COMO A NÍVEL DE SONORIDADE, OFERECEM UMA DEFLEXÃO DOS CAMINHOS MUSICAIS CONVENCIONAIS. ESTA VERSÃO FOI ESCRITA NO INÍCIO DE 2008 PARA O GRUPO PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE.

CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

Nānghê

NĀNGHÊ (SOL EM LINGUAGEM FULA, ETNIA AFRICANA), PARA FLAUTA, VIOLINO, VIOLONCELO E PIANO, FOI ESCRITA EM POUCOS DIAS PARA UM CONCERTO DO GRUPO MÚSICA NOVA, EM PARIS, EM 1989. A VERSÃO PARA DOIS GRUPOS INSTRUMENTAIS IGUAIS, PELOS MESMOS INSTRUMENTISTAS OU POR OUTROS EM PRÉ-GRAVAÇÃO, APRESENTA-SE SOB DOIS PLANOS DIFERENTES E ESPECÍFICOS: UM, DE GRANDE EFERVESCÊNCIA SONORA, OUTRO, DE CARÁCTER MAIS TRANQUILO. CABE AOS INSTRUMENTISTAS ESCOLHER UM OU OUTRO GRUPO PARA PRÉ-GRAVAÇÃO (EM TEMPO DIFERIDO) E PARA EXECUÇÃO AO VIVO (EM TEMPO REAL). A INTENÇÃO DO COMPOSITOR FOI DESTACAR A DIMENSÃO EXPERIMENTAL DO SOM, ONDE A ALEATORIEDADE DESEMPEÑA PAPEL IMPORTANTE: NA PRODUÇÃO DO SOM, NOS TEMPI, NOS RITMOS, NAS ALTURAS, O GESTO E O IMPULSO MARCAM A NATUREZA DA PROECÇÃO DO DISCURSO INDIVIDUAL E DO DISCURSO DO GRUPO. A FORMA É ARQUITECTADA SEGUNDO OBJECTOS ACÚSTICOS AUTÓNOMOS: FIGURAS MELÓDICAS, FIGURAS RÍTMICAS, FIGURAS TÍMBRICAS. A CONDUÇÃO DESTA ESPÉCIE DE *PATCHWORK* É FEITA PELA ENERGIA E PELA CAPACIDADE DE PRODUZIR AS VARIÁVEIS ACÚSTICAS IMPREVISTAS, OCULTAS. NÃO ESCRITA EXPLICITAMENTE, MAS INVENTADA PELOS INSTRUMENTISTAS A PARTIR DA NOTAÇÃO AO MESMO TEMPO PRECISA, IMPRECISA E AMBÍGUA. A TÉCNICA, A IMAGINAÇÃO E A CAPACIDADE DE INVENÇÃO DO INTÉRPRETE, DA FORMA COMO RECREIA O QUE SE ESCONDE DENTRO DOS SÍMBOLOS DA NOTAÇÃO DESEMPENHAM UM PAPEL FUNDAMENTAL NO RESULTADO LOCAL E GLOBAL DO SOM. A ELECTRÓNICA RESULTA DA TRANSFORMAÇÃO DA GRAVAÇÃO INSTRUMENTAL E DA SUA TRANSFORMAÇÃO POR *SAMPLER*, ACRESCIDO DA UTILIZAÇÃO DE SINTETIZADOR. ESTA VERSÃO ELECTROACÚSTICA ACOMPANHA A PAR E PASSO, COM ALGUMA MARGEM DE DESLIZAMENTO, A FONTE DE ORIGEM. A PARTE REFERIDA ACIMA COMO EFERVESCENTE FOI A PARTE DOS QUATRO INSTRUMENTOS QUE FORAM TRANSFORMADOS POR *SAMPLER*. A SINCRONIZAÇÃO ENTRE A VERSÃO ELECTRÓNICA E OS INSTRUMENTOS AO VIVO NÃO É ABSOLUTA, PORÉM COMPATÍVEL, POIS O QUE SE OUVE NA ELECTRÓNICA É IDENTIFICÁVEL COM A PARTE INSTRUMENTAL.

PÄR LINDGREN

Estudou composição com Gunnar Bucht e Lars-Gunnar Bodin no Royal College of Music em Estocolmo, fazendo parte do corpo docente desde 1980. Em 1998, foi nomeado professor de composição. De início o seu trabalho direccionava-se sobretudo para a área da música electrónica. Obras como *Electric Music* e *The Room, The Second Room* e *Houdini* atraíram desde logo as atenções. Ao longo dos anos, o interesse de Lindgren foi-se focando mais na música instrumental. Lindgren toca guitarra e alaúde, o que de certo modo poderá explicar o porquê da fantasia composta a partir de *Shadowes That in Darkness Dwell* de Dowland. Por outro lado, avaliando a obra de Lindgren como um todo, é perceptível como vários trabalhos estão unidos por certas temáticas extramusicais, constituindo a base para a sua criatividade. Lindgren prefere escrever para orquestras ou formações de câmara de maiores dimensões e a sua música pode ser descrita como uma investigação do corpo do som – pode ser descrita de forma mais clara com a ajuda de metáforas físicas: o trabalho adquire linhas esculturais, os movimentos são refinados e bem coreografados no contexto de um quadro harmónico bem definido. Mas por detrás desta primeira impressão de controlo e delicadeza, e numa observação mais atenta, a coordenação parece estremeecer e vibrar. Apesar de se observarem alterações no método de composição de uma obra para outra, há algo no perfil deste compositor que permanece. Pär Lindgren foi galardoado com o Christ Johnson Music Prize em 1987 por *Shadowes that in Darkness Dwell* e por *Oaijé* em 1996.

Soirée de Noël

ESTA PEÇA CONSISTE NUMA REFLEXÃO SOBRE O TSUNAMI NA TAILÂNDIA, AO QUAL O COMPOSITOR SOBREVIVEU. TEM COMO MATERIAL MÚSICAS NATALÍCIAS TAILANDESAS QUE HAVIA OUVIDO NOS DIAS QUE ANTECEDERAM A CATÁSTROFE.

CRISTIAN BENCE-MUK

Nasceu a 31 de Agosto de 1978 em Deva. Fez a sua formação em composição na Academia Musical Gheorghe Dima em Cluj-Napoca, na Roménia, terminando os seus estudos em 2002 na classe do professor Hans Peter Türk. Em 2005, sob a coordenação do professor Cornel Tăranu, obteve o título académico de Doutor em Música com especialização em Composição. Actualmente, é professor universitário de Forma e de Análise Musicais na Academia Musical Gheorghe Dima. O seu trabalho consiste sobretudo em peças corais, vocais, música para *ensembles* de música de câmara, obras sinfónicas e sinfónico-vocais. Foi galardoado com vários prémios nacionais e as suas obras têm sido interpretadas tanto na Roménia como fora do país (Itália, França e Suécia), e estão editadas na Roménia e na Suíça.

Radio.zip

ESTA OBRA É UMA VERSÃO DE UMA OUTRA OBRA: *RADIO*. SOFREU ARRANJOS, FOI ADAPTADA E SUBSTANCIALMENTE ABREVIADA ESPECIFICAMENTE PARA O *ENSEMBLE PEARLS BEFORE SWINE EXPERIENCE*. O TÍTULO DA OBRA REMETE PARA A EXTENSÃO *ZIP* DAS PASTAS ARQUIVADAS/CONDENSADAS PARA OS PC PRECISAMENTE POR SE TRATAR DE UMA VERSÃO COMPRIMIDA, ARQUIVADA A PARTIR DA OBRA ORIGINAL. A OBRA *RADIO.ZIP* BASEIA-SE EM QUATRO TEMAS ESTILISTICAMENTE DIFERENTES (MÚSICA MODERNA, MÚSICA POPULAR ROMENA, MÚSICA BARROCA E JAZZ), UM POUCO À SEMELHANÇA DO QUE UM OUVINTE DE RÁDIO IMPACIENTE FARIA AO MUDAR DE ESTAÇÕES DE RÁDIO. OS QUATRO TEMAS INDUZEM A UMA DISCUSSÃO MUSICAL, E DEPOIS A UM DESENVOLVIMENTO (COMBINAM DOIS A DOIS, DE FORMA A QUE NO FINAL TODOS SE SOBREPONHAM), E FINALMENTE A UMA REPOSIÇÃO. DESTE MODO, A OBRA ADQUIRE A FORMA DE UMA SONATA COM QUATRO TEMAS. POR FIM, O OUVINTE ENTEDIA-SE E MUDA DE ESTAÇÃO CADA VEZ MAIS RAPIDAMENTE, DE TAL MANEIRA QUE NO FINAL ACABA POR ATIRAR O RÁDIO PARA O CHÃO E DESTRUÍ-LO.

WORKSHOP CONCERTO MÃOS NA MASSA: DO SOM Novas Bandas Portuguesas Difundem com a Orquestra de Altifalantes

15 SETEMBRO ◀ 11H00 *

18 SETEMBRO ◀ 23H (C/ INSCRIÇÃO**)
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA
EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

MISO STUDIO
DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

* informações através da RTP – ANTENA 3
** inscrições através da Miso Music Portugal
mais informações em www.misomusic.com

VÍDEO MÚSICA

VISAGE PRESQUE BLEU

QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS

CO-PRODUÇÃO ◀ CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

15 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

I PARTE

Visage Presque Bleu é o título do primeiro de três concertos Vídeo Música dedicados à relação da música e da imagem. Por um lado, teremos a obra emblemática de Luciano Berio Visage que se inscreve pela sua característica de linguagem vocal, original e emocional numa das temáticas do festival deste ano: música e erotismo; por outro lado, Presque Bleu de Horacio Vaggione revela-nos o desenvolvimento composicional sonoro e visual do compositor, num trabalho de integração identitária das duas abordagens, que especula sobre os seus diferentes graus de correspondência e sincronização, num percurso de pesquisa do que pode ser entendido por visualização do som.

VÍDEO MÚSICA VISAGE PRESQUE BLEU

RICARDO GUERREIRO PROJEÇÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

LUCIANO BERIO: *Visage* (1961 – 21')
HORÁCIO VAGGIONE (música e vídeo): *Presque Bleu* (2008 – 6')

II PARTE

O Quarteto de Cordas de Matosinhos criado em 2007, projecto extraordinário da Câmara Municipal de Matosinhos e invulgar no panorama nacional, traz-nos neste concerto três obras encomendadas pela Câmara Municipal de Matosinhos a três compositores portugueses.

QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS

VÍTOR VIEIRA VIOLINO
JUAN MAGGIORANI VIOLINO
JORGE ALVES VIOLA
MARCO PEREIRA VIOLONCELO

PROGRAMA

VASCO MENDONÇA: *Caged symphonies**
MIGUEL AZGUIME: *Le Feu qui Dort* * (2008 – 14')

INTERVALO

CÂNDIDO LIMA: *Vozes à Luz* * (1996 – 30')

* ENCOMENDA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS



INTÉRPRETES

QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS

Criado em 2007 no seguimento do concurso organizado pela respectiva Câmara Municipal é constituído por Vítor Vieira e Juan Maggiorani (violinos), Jorge Alves (viola) e



Marco Pereira (violoncello). Todos terminaram as suas licenciaturas na Academia Nacional Superior de Orquestra, instituição com a qual o quarteto mantém ainda colaboração, e realizaram estudos de aperfeiçoamento em diversas escolas de prestígio, como a Escuela Superior de Música Reina Sofia em Madrid, a Northwestern University em Chicago e o Conservatório de Sion na Suíça. O quarteto realizou também estudos especializados no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, sob a orientação de Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen). Todos os seus membros receberam prémios portugueses e internacionais individualmente e em música de câmara. Destaca-se o segundo prémio obtido no 1.º Concurso Internacional de Música de Câmara de Alcobaça, em 2009, e os primeiros prémios obtidos no concurso Prémios Jovens Músicos na qualidade de solistas (1996, 2001 e 2003) e de música de câmara (1992, 1999 e 2004). Este último levou à apresentação do então Quarteto Tacet na Fundação Calouste Gulbenkian, Festival de Música de Sintra e Casa da Música. Os membros do quarteto, nos seus anos de estudo, tiveram contacto, em *master-classes* e também regularmente nas suas escolas, com membros de vários quartetos destacados do panorama internacional, nomeadamente os quartetos Alban Berg, Hagen, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer e Kopelman. Atualmente, tem uma temporada



regular de concertos em Matosinhos, na qual vem desenvolvendo uma série de projectos inéditos no país: além de integrais dos quartetos de Haydn, Mozart e Mendelssohn, assume especial importância a encomenda e estreia de obras de compositores portugueses. O quarteto estreou já obras de Carlos Azevedo, Fernando Lapa, Vasco Mendonça e Miguel Azguime, estando previstas para 2009 estreias de quartetos de Nuno Côrte-Real, Eurico Carrapatoso, António Chagas Rosa, Álvaro Salazar e um concerto para quarteto e orquestra de António Pinho Vargas (a estrear na Casa da Música com a Orquestra Nacional do Porto em Outubro de 2009). O quarteto apresenta-se um pouco por todo o país, tendo realizado concertos nos Dias da Música do CCB e nos festivais de música de Espinho e Póvoa de Varzim, colaborando com os músicos Carlos Azevedo (na estreia do seu quinteto), os clarinetistas António Saiote e Bruno Graça e os pianistas António Rosado e Miguel Borges Coelho.

COMPOSITORES e OBRAS

LUCIANO BERIO (1925-2003)

Foi um dos protagonistas do movimento *avant garde* actual, alcançando resultados decisivos não só no campo da música electrónica, como também no novo teatro musical, numa nova concepção de vocalismos (assistido pela vocalista Cathy Berberian) e na música instrumental; o seu estilo caracteriza-se por um certo "concretismo" fónico e pela atenção que dedica às propriedades específicas do meio sonoro. Berio estudou com o seu pai, antes de frequentar aulas de composição no Conservatório de Música de Milão com Paribeni e Ghedini. Em 1954, fundou em Maderna o Estúdio de Fonologia na Rádio Televisão de Milão, primeiro estúdio de música electrónica, que dirigiu até 1961. Em

1956 deu início à publicação *Incontri Musicali*, e até 1960 foi responsável pelos concertos promovidos pela mesma. Exerceu intensivamente a docência nos EUA e na Europa, tendo leccionado igualmente Composição em Tanglewood (1960, 1962), na Escola de Verão de Dartington (1961, 1962), no Mills College, Oakland na Califórnia (1962, 1963), em Darmstadt, em Colónia, na Universidade de Harvard e, de 1965 a 1972, na Juilliard School of Music de Nova Iorque. De 1974 a 1979 foi colaborador no IRCAM de Paris. Em 1980, recebeu o doutoramento *Honoris causa* da City University de Londres. Foi também premiado com o Prémio da Fundação Edison e Wolf e, em 1989, com o Ernst von Siemens-Musikpreis de Munique. Foi membro honorário do Salzburg Mozarteum Hochschule e convidado para dirigir a cadeira de poesia Charles Eliot Norton na Universidade de Harvard no ano lectivo de 1993/1994. Berio recebeu o Imperial Premium, prestigiado prémio da Associação Japonesa de Arte, sendo o primeiro italiano na área da música a receber tal galardão. Dirigiu grandes orquestras nos EUA e na Europa e, em 2000, foi eleito presidente e director artístico da Accademia di Santa Cecilia em Roma. Em 2001, recebeu o Prémio Internacional Luigi Vanvitelli em Caserta.

Visage

COMPOSTA EM 1961, É UMA COMPOSIÇÃO ELECTRO-VOCAL QUE CONSISTE DE FORMA MAIS PROEMINENTE NA VOZ DE CATHY BERBERIAN, PRODUZINDO TODO O TIPO DE SONS E UTILIZANDO APENAS UMA PALAVRA: “PAROLE” (PALAVRA). PARA ESTA COMPOSIÇÃO, BERIO PEDIU A BERBERIAN PARA IMPROVISAR DE ACORDO COM ALGUMAS E VAGAS INSTRUÇÕES (BERBERIAN EM STOIANOVA 1985). A GRAVAÇÃO DESSA IMPROVISACÃO FORMA O GROSSO DA OBRA *VISAGE*; BERIO FEZ UMA MONTAGEM DISSO E ACRESCENTOU-LHE SONS ELECTRÓNICOS E MANIPULAÇÕES SONORAS COMO PANO DE FUNDO. OS SUSPIROS, CHOROS, RISOS, GEMIDOS, GRUNHIDOS, GAGUEJOS, E TANTOS OUTROS IMPRESSIONANTES SONS VOCAIS NÃO VERBAIS DE BERBERIAN, SÃO OS MAIORES ATRIBUTOS DE *VISAGE*. PODEMOS IMAGINAR QUE ESTES SONS CHOCARAM A RÁDIO DE MILÃO: *VISAGE* FOI CONSIDERADO COMO OBSCENO E DEMASIADO PORNOGRÁFICO; E APESAR DE TER SIDO FEITO NO ESTÚDIO DE MÚSICA ELECTRÓNICA DA RÁDIO DE MILÃO, NÃO FOI TRANSMITIDO INTEGRALMENTE.

HORACIO VAGGIONE

Nasceu em 1943 em Cordoba, Argentina. Estudou composição na Universidade Nacional de Cordoba, e fez um doutoramento em musicologia na Universidade de Paris-VIII. Com uma bolsa Fulbright (USA) toma contacto com os computadores enquanto ferramentas musicais na Universidade de Illinois. É cofundador do Centro de Música Experimental da Universidade de Cordoba, Argentina; membro do grupo ALEA de Madrid (1969-1973), trabalhando posteriormente em centros como o IRCAM, o INA-GRM, o GMEB, a Universidade Técnica de Berlim, o Instituto de Sonologia de Haia, entre outros. Recebeu bolsas da DAAD (Berliner Künstlerprogram, 1987) e é membro da Academia Internacional de Música Electroacústica de Bourges. Recebeu vários prémios de composição, entre os quais: 1.º Prémio (Cambridge, USA, 1983); Prémio Trinac 1985; Prémio de Bourges em 1982, 1986, 1988; Euphonie d’Or (1992); ICMA (International Computer Music Association Award – USA) 1992. Horacio Vaggione reside em Paris desde 1978, sendo mestre de conferências na Universidade de Paris-VIII, onde dirige, desde 1986, o SIM (Système d’Informatique Musicale), assim como a equipa de DEA de Composição e Investigação.

Presque Bleu

REPRESENTA O RECENTE DESENVOLVIMENTO COMPOSICIONAL SONORO E VISUAL DO COMPOSITOR, NUM TRABALHO DE INTEGRAÇÃO IDENTITÁRIA DAS DUAS ABORDAGENS, QUE ESPECULA SOBRE OS SEUS DIFERENTES GRAUS DE CORRESPONDÊNCIA E SINCRONIZAÇÃO, NUM PERCURSO DE PESQUISA DO QUE PODE SER ENTENDIDO POR VISUALIZAÇÃO DO SOM. “SÃO IMAGENS ABSTRACTAS. EU FAÇO MÚSICA, NÃO VÍDEO. MAS AO FAZER MÚSICA, DISSE A MIM MESMO QUE PODERIA FAZER UM POUCO A MESMA COISA QUE FAÇO COM A MÚSICA MAS COM IMAGENS. ORGANIZÁ-LAS, COM MOVIMENTOS, MONTAGENS COMO SE FAZ COM A MÚSICA. COMECEI POR FAZER VÍDEO SEM SOM. DEPOIS ADICIONEI-LHE O SOM. ISTO FUNCIONA MELHOR QUANDO HÁ VÁRIOS FILMES EM VEZ DE UM SÓ, DÁ-LHE UM LADO POLIFÓNICO QUE COM APENAS UM FILME NÃO EXISTE REALMENTE, PORQUE A MÚSICA TEM SEMPRE VÁRIAS CAMADAS. EU NÃO FIZ 3D, ISSO NÃO ERA O OBJECTIVO. UM FILME APENAS NÃO ERA

SUFICIENTE. MAS COM ENTRE QUATRO A SEIS FILMES, A OBRA ADQUIRE UMA OUTRA FIGURA, A PERCEÇÃO É DESPERTADA DE OUTRA FORMA E A MÚSICA OUVE-SE MELHOR, PARADOXALMENTE. É UMA EXPERIÊNCIA DE MÚSICO MAS COM IMAGENS. EU NÃO SEI BEM AONDE É QUE ISTO ME PODE LEVAR. EU RETOMEI ELEMENTOS E COMPOSIÇÕES MUSICAIS, E ADOPTEI A MESMA ABORDAGEM PARA COMPOR COM IMAGENS.”
HORÁCIO VAGGIONE

CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

Vozes à Luz

O DESEJO ANTIGO DE TRADUZIR EM QUARTETO DE CORDAS ASPECTOS ESTÉTICOS E EXPRESSIVOS PRESENTES EM OBRAS DESTINADAS A FORMAÇÕES DE DIVERSA NATUREZA MARCOU, NA MATÉRIA, NA ESTRUTURAÇÃO E NA ARQUITECTURA, O CARÁCTER DE *VOZES À LUZ*-À MEMÓRIA. OUTRA INTENÇÃO FOI QUE A FACE LÍRICA DO SOM, DO TEMPO, DO RITMO, DO TIMBRE, DO ESPAÇO, NAS SUAS VÁRIAS FACETAS, SE SOBREPUSSE À INVESTIGAÇÃO PURA OU AO TRATAMENTO INSTRUMENTAL VIRTUOSÍSTICO. O CONTEXTO EM QUE ESTA OBRA NASCE, E O SEU ENQUADRAMENTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO, CULTURAL, E TALVEZ AUTOBIOGRÁFICO, DETERMINOU UM CERTO NÚMERO DE LINHAS DE ORIENTAÇÃO: O GRUPO DE INSTRUMENTISTAS QUE ESTREARIA A OBRA, A INSTITUIÇÃO ANFITRIÁ QUE LHE DEU ORIGEM, O MEIO SOCIAL A PARTIR DO QUAL A OBRA SURTIU E PARA O QUAL SE DIRIGE NUM PRIMEIRO CONTACTO – A PRIMEIRA AUDIÇÃO. A EVOCAÇÃO DE PERSONALIDADES QUE, NA CIDADE OU FORA DA CIDADE DE MATOSINHOS, MARCARAM A VIDA MUSICAL PORTUGUESA, PELA INICIATIVA, PELA ENERGIA, PELO DINAMISMO E PELA CRIAÇÃO, AFASTADOS DE NÓS *PELO TEMPO E PELA VIDA*, DEIXOU O SEU NOME NO INTERIOR DA OBRA. ESSAS FIGURAS ILUSTRES VIVEM NESTAS PÁGINAS SOB VÁRIAS FORMAS, DA MAIS PURA LIGAÇÃO SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA À MAIS PURA ESTRUTURAÇÃO DE SIGNOS, NUM MURAL DE IDENTIDADES, DE REVELAÇÕES E DE RESSURREIÇÕES. A TRANSFIGURAÇÃO DO INSTRUMENTO EM VOZ, A TRANSFIGURAÇÃO DA HARMONIA E DO TEMPO EM LUZ É A TENTATIVA DE IR ALÉM DOS SIGNOS, PARA CHEGAR À ALMA E À VIDA, SEM TEMPO NEM LUGAR. A FORMA ESTÁ CARACTERIZADA PELA ESTRUTURAÇÃO CONTÍNUA DE MATERIAIS MOTÍVICOS E POR TÉCNICAS DE ESCRITA DA TRADIÇÃO: MELISMÁTICA, SALMÓDICA, MONÓDICA, HOMOFÓNICA, CONTRAPONÍSTICA, HETEROFÓNICA,

HARMÓNICA. O PRINCÍPIO ESTRUTURAL DO TODO É DADO PELO *CONTINUUM*, PELO FLUXO DO TEMPO E DO SOM, PELO ESTATISMO GLOBAL ABSORVENDO MOVIMENTOS ORA PERCEPTÍVEIS, ORA IMPERCEPTÍVEIS, CONFERIDOS PELA REAL OU ILLUSÓRIA SERENIDADE E ATMOSFERA HIERÁTICA; PELA TRANSPOSIÇÃO CONTÍNUA DA MASSA, DA ENERGIA, DA DENSIDADE, DA SONORIDADE, PELO CONTROLO DE TRAJECTO DA(S) CURVA(S) E DOS PERFIS DOS OBJECTOS SONOROS E TEMPORAIS. A DEDUÇÃO DO TODO PARTE DE UM MÍNIMO DE INFORMAÇÃO QUE É UM *SOL* IMÓVEL, UM OBJECTO FÍSICO CRISTALIZADO NO TEMPO. A ESTE TRATAMENTO DO SOM COMO MODELO JUNTA-SE O TRATAMENTO DO SOM COMO UM OBJECTO FUNCIONAL, COMO UMA NOTA ENTRE NOTAS (*SOL*, *DÓ*, *LÁ*, *FÁ*, *SI*, *RÉ*, *MI*).

MIGUEL AZGUIME

(VER PÁGINA 6)

Le Feu qui Dort

“ESTA PEÇA RESULTA DE UMA ENCOMENDA DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS E É DEDICADA À PAULA, COMO TUDO O QUE EU CRIO E QUE LHE DEVO; MAS TAMBÉM AO DR. MANUEL DIAS DA FONSECA E AO QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS, RESPONSÁVEIS POR PROVOCAR E DAR VOZ ÀQUILO QUE CORRE O RISCO DE SE TORNAR NUM DELITO: A ARTE MUSICAL. QUANDO COMECEI A COMPOSIÇÃO DESTA PEÇA TOMEI CONTACTO COM UM LIVRO DE POEMAS; TÍTULO EM FRANCÊS PARA UMA RECOLHA DE POEMAS EM FRANCÊS DE MÁRIO DIONÍSIO E QUE, PARA ALÉM DA SUBLIME ARTE POÉTICA QUE CONTÉM, TINHA COMIGO O ESTRANHO PARALELISMO DE UM AUTOR PORTUGUÊS A ESCREVER EM FRANCÊS! CASOS DESTES SÃO RAROS, E POR SER O MEU CASO, RARO ME COMOVEU E, PARA MAIS, TÃO PROFUNDAMENTE FUI ENCONTRAR UM FOGO QUE PARECE DORMIR, MAS QUE PERPASSA VIVO TODO O PENSAMENTO, TODA A EMOÇÃO. *LE FEU QUI DORT* TOMARIA CONTA DE MIM E ENQUANTO MISTÉRIO TRANSFORMOU-SE NA COMPOSIÇÃO DESTES SEGUNDO QUARTETO DE CORDAS, NO QUAL QUIS DEPURAR A LINGUAGEM (MINHA), CLARIFICAR A HARMONIA, NA OMNIPRESENÇA DE UM FOGO QUE CONFUNDE NO TIMBRE TODOS OS PARÂMETROS MUSICAIS.”

MIGUEL AZGUIME ◀ DEZEMBRO DE 2008



VÍDEO MÚSICA

A CONDIÇÃO HUMANA

EP ESTREIA PORTUGUESA

EA ESTREIA ABSOLUTA

LIM - LABORATORIO DE INTERPRETACIÓN MUSICAL

16 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

I PARTE

João Pedro Oliveira faz a sua primeira incursão nas relações do seu trabalho composicional com a imagem, e Paulo Ferreira-Lopes reafirma a sua preferência por trabalhos pluridisciplinares, numa prática regular e coerente que tem originado colaborações com inúmeros artistas de outras áreas.

VÍDEO MÚSICA A CONDIÇÃO HUMANA

PAULO FERREIRA-LOPES / JOÃO PEDRO OLIVEIRA PROJEÇÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

PAULO FERREIRA-LOPES (música) / CLÁUDIA ROBLES (vídeo): *Wintermusik aus dem Buch der Dunkelheit* (2007 – 10')

JOÃO PEDRO OLIVEIRA (música) / TAKAGI MASAKATSU (vídeo): *Bloomy Girls* (2007 – 6')

II PARTE

O LIM (Laboratorio de Interpretación Musical – Madrid), emblemático e sobejamente conhecido agrupamento espanhol, vem a Portugal para nos dar a conhecer várias obras recentes de compositores espanhóis, às quais se vêm juntar uma obra de uma das figuras mais importantes da música francesa actual: Michèle Reverdy, e uma obra de um dos compositores emergentes da nova geração em Portugal: Luís Cardoso.

LIM - LABORATORIO DE INTERPRETACIÓN MUSICAL

JESÚS VILLA-ROJO DIRECÇÃO
ANTONIO ÁRIAS FLAUTA
RAFAEL TAMARIT OBOÉ
CARLOS CASADÓ CLARINETE
GERARDO LÓPEZ LAGUNA PIANO
SALVADOR PUIG VIOLINO
EMÍLIO NAVIDAD VIOLA
ENRIQUE FERRÁNDEZ VIOLONCELO

PROGRAMA

AGUSTÍN BERTOMEU: *Quinteto* EP (1991 – 7')

JESÚS VILLA-ROJO: *Variaciones Messiaen* EP (2008 – 12')

MICHÈLE REVERDY: *Anacoluthes* EP (2008 – 13')

CARLOS VILLASOL: *De Orfeo a la sociedad* EP (2008 – 10')

LUÍS CARDOSO: *Serenata* (2003 – 8')

ESTEBAN BENZECRY: *Como una luz desde el infinito* EP (2005 – 11')

Miso
Studio

Universidade Nova de Lisboa
2018
Programa Operacional Especializado 2014-2020

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia





INTÉRPRETES

LIM (LABORATÓRIO DE INTERPRETACIÓN MUSICAL)

Foi criado em Novembro de 1975, em Madrid, com o objectivo de aprofundar o estudo e a interpretação da nova música sendo seus membros fundadores Esperanza Abad, Rafael Gómez Senosiain e Jesús Villa-Rojo. Quer seja na sua vertente concertística, de investigação e pedagógica, enquanto organizador de ciclos de concertos em Madrid (sendo o mais antigo que decorre ininterruptamente desde aquela data), em Bilbao (Festival de Música del Siglo XX – Festival BBK), em Barcelona (Música en el Tiempo) ou Pamplona, quer seja em Espanha (presença regular nos festivais internacionais de Santander e Granada, na Quincena Musical Donostiarra, em Salamanca, Sevilha, Alicante, Oviedo e Málaga) ou no estrangeiro, com digressões pela Europa e pelas Américas do Sul e Central, o LIM não tem cessado de enriquecer o seu trabalho cultural. A sua capacidade de adaptação às diferentes formações que a música de câmara contemporânea exige, aliada à sua grande qualidade interpretativa, conferiram-lhe uma reconhecida singularidade, passando pelo grupo de músicos fundadores, por um inovador quinteto de clarinetes, pelas colaborações com artistas plásticos e de vídeo, pela música electroacústica, pelos solistas ou pelas formações de câmara convencionais. A edição discográfica (RCA, CBS, Dial, Movieplay, Stradivarius, RTVE, SGAE, LIM-BBK e pela sua própria marca LIM-records) e a publicação de livros como *LIM 75-85*, *LIM 85-95* e *LIM2mil – Una síntesis de la música contemporánea en España* fazem parte do seu empenho na difusão. A par do lado naturalmente pioneiro do trabalho com a música de vanguarda, o LIM assumiu o compromisso de centenas

de estreias mundiais e nacionais de obras em Espanha e no estrangeiro, bem como apresenta obras compostas especificamente para o grupo. Este colectivo dirigido por Jesús Villa-Rojo já teve como membros honorários compositores como Ligeti, Messiaen, Petrossi ou Stockhausen. Entre outros prémios alcançados figuram: Prémio Nacional do Disco (Ministério da Cultura); Prémio dos leitores da revista *CD Compact*, Prémio da revista *Ritmo*, Prémio de Música de Câmara *CD Compact*, Prémio de Interpretação da Associação Madrilenha de Compositores.

COMPOSITORES, OBRAS e OUTROS CRIADORES

PAULO FERREIRA-LOPES

www.mic.pt

www.ima.zkm.de/~pfl/

Entre 1988 e 1991 estudou composição em Lisboa com Constança Capdeville. Em 1994, Paulo Ferreira-Lopes foi para Paris onde, entre 1995 e 1997, estudou composição com Emmanuel Nunes, Antoine Bonnet e Computer Music com Curtis Roads. Em 1996, concluiu o mestrado em composição na Universidade de Paris-VIII, sob orientação de Horacio Vaggione, prosseguindo ainda nesse ano estudos aprofundados de composição com Karlheinz Stockhausen nos Internationale Ferienkurse für Neue Musik, em Darmstadt. Em 1997, recebeu o prémio de composição na Exposição Documenta X, em Kassel, Alemanha. Foi fundador e director (1992/1995) do Estúdio de Música Electrónica CICM. Fundou e dirigiu (2000) os *workshops* de Verão – “olhAres de Outono” na Universidade Católica do Porto. Em 2004, completou o doutoramento na Universidade de Paris-VIII. Dirige, desde 2004, o Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias da Arte – CITAR – na Universidade Católica do Porto. As suas obras têm sido apresentadas internacionalmente

em diversos festivais, como Música Strasbourg, Festival Música Viva, Festival de Música do Estoril, Documenta X em Essen, Bienal de São Paulo, ZKM – Karlsruhe, World Music Days, na Fundação Calouste Gulbenkian, EXPO 98 em Lisboa, e também por alguns importantes *ensembles* como AccrocheNote, OrchestrUtopica, Ensemble Modern Frankfurt, entre outros.

CLAUDIA ROBLES

Nasceu em Bogotá, na Colômbia, em 1967. Fez o mestrado em Belas-Artes na Universidade Jorge Tadeo Lozano de Bogotá. Fez uma pós-graduação no campo do cinema de animação em Itália, no campo da composição na Folkwang-Hochschule na Alemanha, e das artes visuais na Escola Superior de Artes Visuais de Genebra. Obteve o 2.º Prémio no Concurso Hören und sehen em 2004, organizado pelo ZKM Karlsruhe e o Instituto Neue Musik Darmstadt. Apresentou o seu trabalho em diversas exposições colectivas e individuais, como o Bauhaus-archiv Museum für Gestaltung (Berlim), o Instituto Goethe de Bogotá ou o Bauhaus Dessau. Foi artista residente no ZKM Karlsruhe, entre 2004 e 2006. O seu trabalho mais recente *INsideOUT, performance* interactiva usando uma interface EEG e sistema em tempo real (MaxMsp/Jitter), foi criado durante a sua residência no KHM (em Colónia, Alemanha) e estreado no Festival Internacional de la Imagen em Manizales na Colômbia, em Abril de 2009.

Wintermusik aus dem Buch der Dunkelheit Das Buch der Dunkelheit – “O livro da escuridão” – é uma das partes de uma colecção de quatro livros:

O livro da escuridão

O livro da luminescência

O livro do esquecimento

O livro das visões

A peça que hoje estreia – *Wintermusik aus dem Buch der Dunkelheit* – foi inicialmente concebida como a estrutura de um conjunto de três peças mistas – *Three Short Pieces from the Darkness Book* (saxofone e electrónica em tempo real), tendo no entanto sido composta em versão final como uma obra acústica,

autónoma e portadora de uma identidade própria. À semelhança da quase totalidade das obras do compositor, esta obra não tendo um carácter narrativo procura todavia guiar-se por uma linha de expressão onde quadros da condição humana são evocados com carácter de pungência. Estes quadros traduzem essencialmente os registos de memórias típicas do livro da escuridão, onde a tristeza e a indignação abraçam uma visão incrível do mundo. À semelhança das *Three Short Pieces, Wintermusik* situa o núcleo do seu discurso sobre os sentimentos da despedida. A interligação entre a obra musical e a obra visual assenta particularmente no exercício constante da desconstrução, onde o ser humano e o seu corpo surgem como a matéria de invenção e de “decomposição” em ambas as formas de expressão.

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

www.jpoliveira.com

www.mic.pt

Iniciou os seus estudos de música como aluno do Centro de Estudos Gregorianos, tendo continuado o seu trabalho no Instituto Gregoriano de Lisboa. A partir de 1978 começou a dedicar-se à composição e, de 1985 a 1990, esteve nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Comissão Cultural Luso-Americana, tendo estudado no Brooklyn College e na Universidade de Nova Iorque em Stony Brook, onde concluiu dois mestrados e um doutoramento em música. Principais Prémios: Prémio Magisterium no Concurso de Música Electroacústica de Bourges (2008) / Giga Hertz Award (2008) 1.º Prémios no Concurso de Música Electroacústica de Bourges (2007); Roma Sound-track Competition, Itália (2007); Concurso Yamaha-Visiones Sonoras, México (2007); Concurso Música Nova, Praga (2007); Concurso Metamorphoses, Bruxelas (2006); Concurso Música Nova, Praga (2005) / 2.º Prémio no Concurso Internacional de Música Electroacústica de S. Paulo (2005) / Menção Honrosa no Concurso de Música Electroacústica de Bourges (2005) / Obra seleccionada na Tribuna Internacional de Música Electroacústica, Itália (2005) / 1.º Prémios no Concurso Earplay,

S. Francisco (2003); Concurso de Música Electroacústica de Bourges (2002); Concurso Lopes-Graça (1998); Concurso Internacional Alea III (1996); Concurso Joly Braga Santos (1992 e 1994).

A maioria das suas obras foi encomendada por instituições nacionais e estrangeiras e encontra-se editada em CD. É professor catedrático na Universidade de Aveiro, onde ensina composição e música electrónica.

TAKAGI MASAKATSU

www.takagimasakatsu.com

Artista multimédia nascido em 1979, Takagi Masakatsu vive e trabalha em Quioto mas actuou e exibiu a sua obra internacionalmente. Recolhendo inspiração nas suas viagens, o seu trabalho é uma extraordinária sobreposição de som, música e vídeo, utilizando tecnologia mas com uma beleza quase clássica. Recentes exposições a solo incluem *Takagi* na Byblos Gallery em Verona, Itália, e *Color of Empty Sky* na Transplant Gallery, Nova Iorque. Exibiu a sua obra também no Museu de Arte Contemporânea em Tóquio, e na galeria de arte Whitechapel em Londres, assim como em outras galerias em França, Espanha, China, Taipei, Alemanha, Singapura e Estados Unidos. Em 2006, foi nomeado na *RES 10* como um dos 10 artistas emergentes que irão influenciar os mundos do cinema, vídeo, *design*, música e *media* nos próximos anos e daí em diante. Com formação de pianista clássico, Takagi actua ao vivo e as suas composições musicais têm sido editadas internacionalmente.

Bloomy Girls

(NOTAS DE PROGRAMA INDISPONÍVEIS)

AGUSTÍN BERTOMEU

Nasceu em Rafal, Alicante, em 1929. Estudou composição com Tomás Blanco e no Conservatório Superior de Música de Madrid com Júlio Gómez, Conrado del Campo e ainda direcção de orquestra com Pérez Casas. Em 1963 frequentou o curso de composição musical de Boulez e Stockhausen em Darmstadt. Foi maestro da Orquestra de Câmara das Juventudes Musicais em Palma de Maiorca, e

posteriormente da Sociedade Coral Polifónica de Pontevedra. As suas obras têm obtido prémios e menções em concursos de composição, de que se destacam: Prémio Internacional do Ministério de Informação e Turismo (1968); Menção Honrosa no Prémio Internacional Óscar Esplá (1956); Menção Honrosa no Prémio Internacional Príncipe Pedro do Mónaco (1972); Prémio Nacional do Sindicato do Espectáculo (1974); Prémio do Ministério de Educação e Ciência (1974), Arpa de Oro (1980); Prémio Internacional Reina Sofia (1989).

Quinteto

ESTA OBRA PARA FLAUTA, CLARINETE, VIOLINO, VIO-LONCELO E PIANO FOI ESCRITA ENTRE MARÇO E ABRIL DE 1991 E RESULTA DA ENCOMENDA DE JESÚS VILLA-ROJO PARA O GRUPO LIM, POR ELE DIRIGIDO. TALVEZ POR UMA PROPOSITADA NECESSIDADE ESTÉTICA PASSAGEIRA, A CRIAÇÃO DESTA OBRA ASSENTA FUNDAMENTALMENTE NA TONALIDADE; ESPORADICAMENTE APARECE ALGUMA POLITONIA E AINDA ALGUMA ATONALIDADE, SENDO QUE SE PRESCINDE DE ESPECULAÇÕES TÍMBRICAS, GRÁFICAS E DE NOVOS SINAIS TÃO UTILIZADOS EM ANTERIORES OBRAS. CON-TÉM MOTIVOS MELÓDICOS CLAROS E EXPRESSIVOS, ABDICANDO DE REGRAS OU OUTROS PRECEITOS CLÁS-SICOS NO QUE TOCA À FORMA. A OBRA DECORRE SEM INTERRUPÇÃO, AINDA QUE CLARAMENTE SE PERCE-BAM AS DIFERENTES SECÇÕES, EVOLUÇÃO CONSTANTE DOS INTERVALOS E DA ESTRUTURA HARMÓNICA DA IDEIA INICIAL.

JESÚS VILLA-ROJO

Nasceu em Brihuega, Guadalajara, em 1940. Formou-se no Conservatório Superior de Música de Madrid e na Academia Internacional Santa Cecília em Roma, com prémios e diplomas obtidos em diversas áreas académicas e especializações como intérprete, compositor e investigador. Adicionalmente, tem recebido encomendas e bolsas de estudo em diversos países, o que lhe tem permitido desenvolver os seus trabalhos enquanto compositor e investigador. Entre os seus livros e artigos destacam-se *El clarinete y sus posibilidades*, *Juegos gráfico-musicales*, *El clarinete actual*, *Lectura musical (1 y 2)*, *Notación y grafía musical en el siglo XX...*

Participa com frequência em festivais de música na Europa e no continente americano, estreando centenas de obras suas e de outros compositores. Recebeu o Prémio Koussevitzky, o Prémio Béla Bartók, o Gran Premio de Roma, o Prémio Nacional de Música (em 1973 e 1994) e a Palma das Artes Francesa, entre outras importantes distinções. Conta com uma larga discografia editada (CBS, RCA, Naxos, Marco-Polo, Cramps Records, Stradivarius, Nova Musica e Hungaroton, e ainda nas séries BBK, LIM Records) e com cerca de um milhar de registos radiofónicos em rádios de diversos países. Foi director do Centro para la Difusión de la Música Contemporánea do Ministerio da Cultura, do Conservatório de Cuenca, dos Grupos Instrumentales y Corales do Ayuntamiento de Madrid, dos Cursos Internacionales de Música de Navarra, do Festival Internacional de Música Contemporánea de Alicante, do Música en el Tiempo de Barcelona. Foi membro do grupo de Investigación Instrumental do IRCAM do Centro Pompidou em Paris; foi professor no Real Conservatorio Superior de Música de Madrid. Actualmente dirige o Laboratorio de Interpretación Musical (LIM) que fundou em 1975 e coordena o Festival BBK Músicas Actuales do Museu Guggenheim de Bilbao.

Variaciones Messiaen

“AS VARIACIONES MESSIAEN SÃO UMA CLARA HOMENAGEM EM FORMA DE COMPOSIÇÃO A ESTE INESQUECÍVEL MÚSICO E HUMANISTA FRANCÊS, UTILIZANDO ALGUMAS DAS SUAS IDEIAS MUSICAIS, TAMBÉM CONCEPTUAIS E TÉCNICAS, COMO MATERIAL TEMÁTICO. NESTE SENTIDO, O INTERESSE CRIATIVO DERIVA DA APROXIMAÇÃO DE OUTRAS IDEIAS PROPOSTAS PELOS COMPOSITORES QUE PARTICIPARAM NESTE PROJECTO DE HOMENAGEM, AOS QUAIS NÃO TINHAM SIDO SUGERIDOS QUAISQUER TEMAS DE BASE PARA OS SEUS TRABALHOS, DE MODO A ALCANÇAR UM PROGRAMA VERDADEIRAMENTE VARIADO, UMAS VEZES MAIS PRÓXIMOS, OUTRAS MAIS DISTANTES DO QUE REPRESENTA A IMAGEM CRIATIVA DE OLIVIER MESSIAEN.

ASSIM, ESTAS VARIACIONES EMERGEM SOBRETUDO DAS IDEIAS DE MESSIAEN, MAS A RELAÇÃO ENTRE AS OBRAS E AS SUAS ETAPAS, TENDO SIDO INTERCALADAS DE MODO A FORMAR O TODO DO PROGRAMA, TOR-NOU FUNDAMENTAL A INCLUSÃO DE ELEMENTOS DE

ALGUNS OUTROS COMPOSITORES PARA QUE AS IDEIAS PRESENTES EM CERTOS MOMENTOS SE ADAPTASSEM E APROXIMASSEM. AS POTENCIALIDADES FORMAIS DA TECNOLOGIA DE VARIAÇÃO OU DE NOTAÇÃO PERMITEM, NA VERDADE, A CONVIVÊNCIA DE ESTÉTICAS DISTINTAS, PERMITINDO RELACIONAR, OU MESMO PÔR EM CONFRONTO, TODO O TIPO DE EXEMPLOS DE COMPOSIÇÃO.”

JESÚS VILLA-ROJO

MICHÈLE REVERDY

www.michelereverdy.com

Nasceu em Alexandria a 12 de Dezembro de 1943. Fez os seus estudos musicais no Conservatório de Paris onde integrou as classes de Olivier Messiaen e Claude Ballif, ali obtendo prémios em contraponto, análise e composição. Entre 1979 e 1981 foi bolseira da Casa Velázquez em Madrid. É desde 1983 professora de análise e orquestração no Conservatório de Paris. Em 1993, foi compositora em residência no Conservatório de Estrasburgo e convidada do Festival Música na mesma cidade. Em 1995, a SACEM atribuiu-lhe o grande prémio de música sinfónica pelo seu percurso artístico. Produtora na Radio France entre 1978 e 1982, Michèle Reverdy é também autora de dois livros sobre Olivier Messiaen e da obra *Composer de la musique aujourd'hui* publicada em Paris pela Klincksieck em 2007.

Tem composto para inúmeras formações de câmara, para instrumentos solistas, duos, trios, quartetos de cordas e quintetos de sopros. Para voz: *Sept Enluminures* com textos de Serge Poliakoff; *Nouvelles du monde après a* partir de poemas de Christian Doumet; *Le Nom sur le bout de la langue* em colaboração com Pascal Quignard. Para conjuntos vocais: *Trois Fantaisies de Gaspard de la Nuit* com poemas de Aloysius Bertrand; *En la Noche dichosa* com 12 poemas de São João da Cruz; *Propos Félines* a partir de um texto da sua filha Anne Reverdy. Para orquestra de câmara: *Concerto pour Orchestre* estreado pelo Ensemble InterContemporain. Para grande orquestra: *Le Cercle du vent*, encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian; *Lac de Lune* estreado em 2004 pela Orquestra Nacional da Radio France, sob a direcção de Kurt Masur. Também se destacou na área da ópera com *Le Château segundo*

Kafka; *La Haute Note Jaune* (vida e morte de Vincent van Gogh) a partir do libreto de Michel Siret-Gille; *Le Précepteur*, encomenda de Hans Werner Henze para a Bienal de Munique, de Lenz; *Le Fusil de Chasse* de Inoué; e *Médée* de Christa Wolf, estreada na Ópera de Lyon em 2003, com cenografia de Raoul Ruiz.

Anacoluthes

“HOMENAGEM A OLIVIER MESSIAEN. ENCOMENDA DA FUNDAÇÃO BBK PARA O LIM (LABORATORIO DE INTERPRETACIÓN MUSICAL) NA GRÉCIA ANTIGA, ANACOLUTHON SIGNIFICAVA ‘AUSÊNCIA DE CONTINUIDADE’. NAS GRAMÁTICAS ACTUAIS, ‘ANACOLUTO’ DESIGNA UMA RUPTURA NA CONTINUIDADE DE UMA FRASE OU, EM SENTIDO LATO, UMA MUDANÇA IMPREVISTA NA CONSTRUÇÃO. PARA HOMENAGEAR OLIVIER MESSIAEN, DECIDI RECUPERAR ALGUMAS DAS MARCAS QUE ME DEIXOU O ENSINO E O ESTUDO APROFUNDADO DA SUA OBRA: O GOSTO PELAS EXPERIÊNCIAS RÍTMICAS, A LIBERDADE MELÓDICA, A ESCRITA HARMÓNICA PRECISA, A PAIXÃO PELO TIMBRE. POR OUTRO LADO, A MINHA APROXIMAÇÃO À FORMA MUSICAL É MUITO DIFERENTE DA QUE TINHA OLIVIER MESSIAEN, PARA QUEM ESTE PARÂMETRO NÃO SERIA UMA PRIORIDADE. QUANDO COMEÇO A COMPOR, TENHO O HÁBITO DE LOGO IDEALIZAR A FORMA COMO SE VAI DESENROLAR A PEÇA; E AO PENSAR NOS MATERIAIS QUE LHE DÃO ORIGEM, ANTECIPO OS SEUS POSSÍVEIS RESULTADOS. NESTA OBRA, PARTI À AVENTURA, SEM ESTRUTURA PRECONCEBIDA, COMPODO TRECHOS APARENTEMENTE DESCONEXOS, EM ANACOLUTOS, MARCADOS POR TRÊS CADÊNCIAS DE PIANO, COMO FREQUENTEMENTE FAZIA O MEU QUERIDO MESTRE.”

MICHÈLE REVERDY

CARLOS VILLASOL

(BIOGRAFIA E NOTAS DE PROGRAMA INDISPONÍVEIS)

LUÍS CARDOSO

Nasceu em 1972. Iniciou os estudos musicais em 1993 na Academia de Amadores de Música, prosseguindo-os na Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN), desde 1996, onde concluiu, em 2001, o curso de canto com a professora Filomena Amaro. Estudou

Análise e Técnicas de Composição (ATC) com Eurico Carrapatoso (1998-2001) e é licenciado em composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Luís Tinoco, Christopher Bochmann e António Pinho Vargas. Venceu a 1.ª edição do Concurso de Composição Casa da Música (2003) com a peça *Serenata* (2003) e o 1.º Concurso Ópera em Criação com *Antígona*, pequena ópera de câmara (2006). Recebeu uma menção honrosa no I Concurso de Composição do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim (2006) com a peça *Pater Noster*. Compôs *Trio de cordas* (2005) por encomenda da OrchestrUtopica. Foi Jovem Compositor em Residência da Casa da Música no ano de 2008. Nesse contexto, compôs *Interlúdio 1*, para grande orquestra (2007); *Interlúdio 2*, para ensemble (2008) e *Interlúdio 3*, para quarteto de cordas (2008). A sua música já foi interpretada pela OrchestrUtopica, pela Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Guillaume Burgogne, pela Orquestra Sinfónica Juvenil, sob a direcção de Pedro Amaral, pela Orquestra Nacional do Porto, sob a regência do maestro Takuo Yuasa, pelo Remix Ensemble, dirigido por Peter Rundel e por Rolf Gupta, e pelo Quarteto Artzen. Entre 2005 e 2007, ensinou ATC no Instituto de Música Vitorino Matono.

Serenata

“SERENATA, PARA FLAUTA, OBOÉ, CLARINETE BAIXO, VIOLINO E PIANO (2003) COMEÇOU POR SER UM SOLO PARA OBOÉ; EVOLUIU PARA UM DUO DE OBOÉ E HARPA; POSTERIORMENTE, NA SEQUÊNCIA DA CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DA ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA, PARA CUJA PRIMEIRA FORMAÇÃO, CONSTITUÍDA POR FLAUTA, OBOÉ, SAXOFONE TENOR, VIOLINO E PIANO, SE DESTINOU. PROCEDI A ALGUMAS ALTERAÇÕES COM VISTA A APRESENTAR A PEÇA A CONCURSO. ESTAS ALTERAÇÕES FORAM DITADAS PELA TROCA DO SAXOFONE TENOR PELO CLARINETE BAIXO, E FEITAS COM O OBJECTIVO DE TIRAR MAIOR PARTIDO DAS POTENCIALIDADES DESTA INSTRUMENTO. RESTA, A ESTE RESPEITO, DIZER QUE A VERSÃO ORIGINAL NUNCA FOI TOCADA. A PEÇA DESENVOLVE-SE A PARTIR DO MATERIAL APRESENTADO PELO OBOÉ, NUMA CADENZA DESLOCADA. COM A ENTRADA DO PIANO AS RELAÇÕES INTERVALARES GANHAM DIMENSÃO HARMÓNICA, JÁ IMPLI-

TA NO SOLO. A PARTIR DA ENTRADA DOS RESTANTES INSTRUMENTOS A TEXTURA É ENRIQUECIDA PELA DIVERSIDADE TÍMBRICA DO ENSEMBLE COMPLETO E PELO AUMENTO DAS POSSIBILIDADES CONTRAPONÉTICAS. A PEÇA EVOLUI A PARTIR DE UM CONFRONTO RÍTMICO EXPOSTO NAS DUAS PRIMEIRAS SECÇÕES DO TUTTI: A PRIMEIRA LENTA, A SEGUNDA RÁPIDA. COM BASE NA PULSAÇÃO DESTA SEGUNDA SECÇÃO DESENVOLVE-SE UM ACCELERANDO QUE CULMINA NO MOMENTO DE MAIOR TENSÃO, O CLÍMAX DA PEÇA. SEGUE-SE UMA SECÇÃO DE GRANDE ESTABILIDADE HARMÓNICA, QUE CONDUZ A UMA PRIMEIRA RECUPERAÇÃO DO MATERIAL MELÓDICO, ATRAVÉS DE UM PROCESSO DE REEXPOSIÇÃO COMPLEXO, NO QUAL AS NOTAS DA MELODIA ORNAMENTAM, HARMONIZAM E ENRIQUECEM TIMBRICAMENTE A PRÓPRIA MELODIA. ESTE PROCESSO CULMINA COM UMA ESPÉCIE DE RÉPLICA DO CLÍMAX. PARA FINALIZAR, PROCEDE-SE A UMA REEXPOSIÇÃO LITERAL DE UM FRAGMENTO DA MELODIA QUE CONDUZ A UMA CADÊNCIA CONCLUSIVA. SERENATA FOI ESCRITA NO ÂMBITO DA CADEIRA COMPOSIÇÃO II, SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CHRISTOPHER BOCHMANN, DURANTE O ANO LECTIVO DE 2002/2003. SEM O SEU INESTIMÁVEL CONTRIBUTO ESTA PEÇA SERIA NECESSARIAMENTE DIFERENTE.”

LUÍS CARDOSO

ESTEBAN BENZECRY

www.estebanbenzecry.com

Compositor argentino, nasceu em Lisboa em 1970. Após formar-se como professor de pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Buenos Aires, Benzecry estudou composição com H. Gerardi e S. Hualpa na Argentina e com J. Charpentier em Paris, CNR, onde obteve o 1.º Prémio em 1999 com unanimidade. Continuou os seus estudos de composição com P. Mefano e música electroacústica com L. Naon e L. Cuniot no CNSM. As suas obras mais recentes tentam alcançar uma fusão entre diversas correntes estéticas na música contemporânea europeia e os ritmos e a música de raiz popular da tradição latino-americana. Entre os intérpretes que têm interpretado as suas composições figuram nomes como: a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo, a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica Tempere, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Nacional de França, a Orquestra Nacional de Montpellier, a Orquestra

Sinfónica de Atlanta, a Orquestra Sinfónica de Fort Worth, a Orquestra Colonne de Paris, a Orquestra Pasdeloup, a Orquestra Lamoureux, o Ensemble Itinéraire, entre outros, além das principais orquestras da América Latina. Foi distinguido pela Associação de Críticos Musicais da Argentina e pela Academia de Belas-Artes do Instituto de França. Em 1995, foi compositor residente na Academia Internacional de Música Yehudi Menuhin na Suíça e em 2004 ganhou o prémio da Fondation d’entreprise Groupe Banque Populaire. Foi ainda compositor residente na Casa Velázquez em Madrid, entre 2004 e 2006. Em 2008, recebeu uma bolsa de composição musical da John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Recentemente, recebeu encomendas para novas obras da Filarmónica de Los Angeles e da Sinfónica de Gotemburgo (Orquestra Nacional da Suécia), ambas dirigidas pelo maestro venezuelano Gustavo Dudamel.

Como una luz desde el infinito

HOMENAGEM A ARRIAGA

A OBRA COMEÇA COM UM ESTUDO TÍMBRICO, RÍTMICO E HARMÓNICO SOBRE UMA NOTA E AS SUAS INTERFERÊNCIAS, TAL COMO SE SE VISLUMBRASSE UMA LUZ NUM PONTO NO INFINITO, VISTA A PARTIR DA DIMENSÃO DO ESPAÇO-TEMPO, QUE POUCO A POUCO SE VAI APROXIMANDO E CONVERGE NUMA ALUSÃO QUASE TEXTUAL AO PRIMEIRO TEMA DA ABERTURA DE ARRIAGA *LOS ESCLAVOS FELICES*, SOBRE UMA BASE CREPITANTE DE CORDAS, QUE LOGO BRINCA ENTRE O REAPARECIMENTO DE UMA NOTA DE LUZ E O DESENVOLVIMENTO DE UM INTERVALO DO TEMA DE ARRIAGA, NUM ESTREITO CONTRAPONTO. ASSIM, A PARTIR DE UM INTERVALO LÚDICO E DE UMA CITAÇÃO TEXTUAL DE PIANO DO TEMA DE ARRIAGA, ESTE VAI SENDO TECIDO NUMA PAUTA PRECISA E ELABORADA SOBRE O TEMA RÁPIDO DO FINAL DA ABERTURA MENCIONADA, PARA LOGO REGRESSAR AO ESTUDO DA NOTA DE LUZ, QUE NO FUNDO SERVE DE MOTIVO PARA ESTA OBRA E QUE É USADA COMO ELEMENTO AGLUTINADOR DA MESMA, DANDO-LHE UMA CERTA SIMETRIA. A OBRA TERMINA COM UMA DESCONSTRUÇÃO DO TEMA DE ARRIAGA, ELEMENTOS MINIMALISTAS QUE INUSITADAMENTE CONCLUEM A OBRA, COMO SE FOSSE O PÊNDULO DE UM RELÓGIO QUE PÁRA, TAL COMO CONCLUÍA A VIDA DO JOVEM “MOZART ESPANHOL”.

VÍDEO MÚSICA

SOM DAS ESFERAS

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

17 SETEMBRO ◀ 19H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

O terceiro concerto *Vídeo Música* tem a responsabilidade partilhada de Wilfried Jentsch e Hiromi Ishii, dois criadores que privilegiam no seu trabalho as relações entre música e imagem e que nos propõem com *Som das Esferas* trabalhos de uma dezena de artistas que ilustram as maneiras múltiplas de abordar o encontro do som e da imagem, assim como as novas formas que podem nascer dessa colaboração. Da abstracção pura à música e vídeo de intervenção! Eis pois um convite para deitar um novo olhar... e despertar uma nova escuta.

VÍDEO MÚSICA SOM DAS ESFERAS

WILFRIED JENTZSCH / HIROMI ISHII CURADORES, PROJEÇÃO SONORA

PROGRAMA

PER BLOLAND (música) / ARIE STAVCHANSKY (vídeo): *Graveshift* EP (2004 – 5')
ADAM STANSBIE (música) / VISHAL SHAH (vídeo): *Seek Assistance* EP (2006 – 3')
HIROMI ISHII (música e vídeo): *Ryum* EP (2008 – 6')
STEPHAN LARSON (música e vídeo): *Discord – metal and meat* EP (2003 – 5')
WILFRIED JENTZSCH (música e vídeo): *Sphärenklänge* EP (2008 – 7')
JONATHAN KIRK (música e vídeo): *I've got a guy running* EP (2006 – 7')
ELSA JUSTEL (música e vídeo): *Destellos* EP (2001 – 5')
WILFRIED JENTZSCH (música) / JEAN DETHEUX (vídeo): *Mugenkei* EP (2007 – 6')



WILFRIED JENTZSCH



HIROMI ISHII

COMPOSITORES, OBRAS
e OUTROS CRIADORES

PER BLOLAND

www.stanford.edu/bloland

Compositor de música acústica e de música electroacústica. Recentemente recebeu o 1.º Prémio da SEAMUS/AS-CAP Student Commission Competition, e o grande prémio da Digital Art Awards em Tóquio. A sua música tem sido interpretada em vários países e pode ser ouvida através da TauKay (Itália), da Capstone, e da SEAMUS. Completou um mestrado na University of Texas em Austin, um doutoramento na Stanford University, e é actualmente professor assistente convidado no Conservatório de Música de Oberlin.

ARIE STAVCHANSKY

ANIMAÇÃO

(BIOGRAFIA INDISPONÍVEL)

Graveshift

ATRAVÉS DE UMA JANELA DE CAFÉ, SUJA PELAS MARÇAS DA CHUVA, ASSISTE-SE A UMA CENA DE RUA QUE É DIGITALMENTE TRANSFORMADA NUM CAOS FLUÍDO, PLENO DE PARANÓIA, DE FIGURAS FANTASMAGÓRICAS, DE DISTORÇÕES DA REALIDADE. O ECO DE UMA CANÇÃO ESQUECIDA FLUTUA NESTE ENTORNO, ORA GANHANDO ORA PERDENDO COERÊNCIA. É UMA IMAGEM PERTURBADA PELA DISTORÇÃO; A MESMA DISTORÇÃO QUE EMERGE DA QUIETUDE QUE ACABA POR REGRESSAR AO MESMO PONTO. *GRAVESHIFT* FOI CRIADA NUMA COLABORAÇÃO PLURIDISCIPLINAR ENTRE VÍDEO, MÚSICA E DANÇA.

ADAM STANSBIE

Nasceu em Leeds, no Reino Unido, em 1981, onde é actualmente docente de tecnologias musicais, de som e de interpretação na Leeds Metropolitan University. Fez a sua licenciatura na Universidade de Leeds, onde recebeu um prémio de excelência em produção

musical. Encontra-se a terminar o seu doutoramento em composição electroacústica na City University, sob a supervisão do professor Denis Smalley. As suas obras têm sido interpretadas e transmitidas no Reino Unido e internacionalmente. Tem alcançado alguns prémios, como no Concurso Internacional de Bourges em 2006 ou no Concurso Internacional Acusmático 'Metamorphosis' também em 2006. Recentemente foi residente no IMEB em Bourges e visitará os estúdios electroacústicos Musiques et Recherches, na Bélgica em 2009.

VISHAL SHAH

ANIMAÇÃO

Nasceu na Índia em 1976. É fundador e director da Freaksignal Productions Ltd. Vishal é *designer* e editor de vídeo, e a verdadeira força condutora da Freaksignal. Tem sido o impulsor e tem trabalhado numa série de projectos notáveis de *design* e animação. Os seus trabalhos de vídeo independente têm sido exibidos na Europa, nos EUA e na Ásia. É conferencista convidado no Royal College of Art em Richmond, e na American International University em Londres.

Seek Assistance

TRADUZ UM MITO ESTETICAMENTE SOMBRIO PROJECTADO ATRAVÉS DE RUIDO E INTERFERÊNCIAS, INTENSIFICANDO-SE COM INTRIGA E MISTÉRIO. A DELICADA INVESTIGAÇÃO DE MICROMATERIAIS DIFUNDE-SE ATRAVÉS DE COMPLEXOS EFEITOS DE LUZ QUE PARECEM IMPRIMIR OS OBJECTOS NOS NOSSOS OLHOS. ESTA "MICRO" INTERACÇÃO ENTRE VISÃO E SOM PARECE ILUMINAR INICIALMENTE O OBJECTO MAS PRETENDE ATINGIR FORMAS MACRO QUE EXISTEM PARA ALÉM DA LUZ, PARA LÁ DE QUALQUER SOM, E QUE PODEM TRANSCENDER O PLANO FÍSICO. O VÍDEO DE *SEEK ASSISTANCE* LEVA-NOS PARA O PONTO DE PARTIDA DE UMA VIAGEM DE METRO E O NOSSO BILHETE VÁLIDO É REJEITADO. O MECANISMO RECUSA-SE A PERMITIR A NOSSA

PASSAGEM. ESTE TRABALHO RESULTA DE UMA EDIÇÃO, MUITO PRECISA E MINUCIOSA, DE DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE LUZ ABSTRACTA, DE FORMAS E IMAGENS QUE SUGEREM UMA ESPÉCIE DE COLISÃO NARRATIVA. VISUALMENTE, HÁ FORTES ALUSÕES AOS PRIMEIROS TEMPOS DO CINEMA MODERNISTA E DA FOTOGRAFIA; MAN RAY, RODCHENKO E MOHOLY NAGY PODEM SER CONSIDERADOS COMO REFERÊNCIAS OU PONTOS DE ENCONTRO DE FORMAS VISUAIS, QUE DERIVAM DO MUNDO DOS VÍDEOS COMERCIAIS. É-NOS INDUZIDO UM ESTADO DE “QUASE-PASSAGEM” ENTRE INTERRUPTÕES E DESVIOS. ESTE É O LOCAL ONDE UM DADO SUJEITO PODE SER CRIADO OU DESFEITO.

HIROMI ISHII

Nasceu em Tóquio. Terminou a sua formação em composição no Musashino Musical College em Tóquio e foi professora na Shobi University e no Institute of Sound Technique. A partir de 1998 estudou música electroacústica na Musikhochschule Dresden com Wilfried Jentzsch e, mais tarde, na City University em Londres com Simon Emmerson e orientação final de Denis Smalley, onde concluiu o seu doutoramento. Para desenvolver o seu estudo sobre composição de música electroacústica a partir da música tradicional japonesa recebeu uma bolsa da ORS Award Scheme do Reino Unido. As suas peças têm sido apresentadas em diversos festivais e concertos, como no Florida Electroacoustic Music Festival, no CynetArt Dresden, no CEMC em Pequim, na SAN EXPO 96 (Reino Unido), no International Symposium em Folkwang Essen, no International Concert de Musiques & Recherches; e transmitidas pelas WDR, MDR, Radio Berlin e Antwerp Radio. Em 2006, foi compositora convidada no ZKM. As suas obras mais recentes incluem vídeo-música (visual music), área na qual tem trabalhado também como curadora.

Ryum

COM IMAGENS E MÚSICA DE HIROMI ISHII, FOI COMPOSTA COM O OBJECTIVO DE CRIAR UMA RELAÇÃO PRÓXIMA ENTRE A PARTE VISUAL E A PARTE MUSICAL DA OBRA, NA MESMA LINHA QUE O GAGAKU E O NOH (MÚSICA TRADICIONAL JAPONESA) E AS SUAS ESTÉTICAS. AMBAS AS PARTES FORAM CRIADAS EM PARALELO DE MODO A QUE AS TENSÕES VISUAIS E

MUSICAIS PRODUZIDAS PELO ALCANCE E PELA VELOCIDADE DO MOVIMENTO E DA EVOLUÇÃO DE AMBOS OS ELEMENTOS POSSAM AJUSTAR-SE DELICADAMENTE DURANTE QUALQUER FASE DA COMPOSIÇÃO OU DO PROCESSAMENTO. ESTA OBRA NÃO INCLUI QUAISQUER EXPLOSÕES REPENTINAS, OU INTERRUPTÕES INESPERADAS, POIS ESTAS NÃO SÃO AS FORMAS DE EXPRESSÃO DA ELEGÂNCIA GAGAKU. AS MUDANÇAS SUBTIS, AS PEQUENAS TRANSFORMAÇÕES FLUTUANTES E OS SONS DE PERCUSSÃO, QUE DE VEZ EM QUANDO DÃO ÊNFASE ÀS FRASES FLUTUANTES, DÃO FORMA A ESTA PEÇA. OS MATERIAIS SONOROS FORAM RETIRADOS DE MÚSICAS DE GAGAKU E TEATRO NOH E FORAM PROCESSADOS PARA PRODUZIR SONS INTERSTICIAIS ENTRE OS DOIS. A IDEIA PARA A COMPONENTE VISUAL FOI RETIRADA DA INDÚSTRIA TÊXTIL JAPONESA NISHIJIN QUE TEM UM GRANDE HISTORIAL DE PRODUÇÃO DE TÊXTEIS ORIGINAIS, MUITAS VEZES PROCURADOS POR ARTISTAS DE GAGAKU E NOH. O TÍTULO RYU SIGNIFICA RIO E MU SIGNIFICA SONHO EM JAPONÊS.

STEPHAN LARSON

Cria imagens em computador desde que o modelo Atari 400 “surgiu” em sua casa. Ainda que a tecnologia tenha evoluído consideravelmente desde essa altura, continua a utilizar os computadores como ferramenta primordial de produção com incursões periódicas pelo desenho com meios mais tradicionais. O seu trabalho é influenciado pelo crescimento biológico, pela física quântica, pela sinestesia e pelo expressionismo abstracto. As suas animações têm sido exibidas em mais de 150 exposições em todo o mundo, incluindo no Prix Ars Electronica, no ACM SIGGRAPH Electronic Theater and Art Gallery, no Anima Mundi (2000) e no Art Futura. Larson formou-se na Syracuse University com um MFA em computação gráfica e é professor de computação gráfica e animação desde 1996. Vive e trabalha na pequena cidade de Marquette no Michigan, nas margens de Lake Superior.

Discord: metal and meat

ESTA É UMA HISTÓRIA SOBRE O CONFLITO ENTRE FORÇAS, SEJAM ELAS LITERALMENTE METAL E CARNE, SEJAM ENTENDIDAS METAFORICAMENTE ENQUANTO HOMEM E NATUREZA. NUM TAL CONFLITO, UMA FORÇA CONSEGUE DOMINAR A OUTRA DURANTE ALGUM TEMPO, MAS INEVITAVELMENTE SURGIRÁ UM

MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO QUE RENOVARÁ A LUTA. E NESTA LUTA AS PROBABILIDADES ESTÃO DO LADO DA NATUREZA. A BASE DA NARRATIVA EM CAUSA É A MÚSICA; COMO A ANIMAÇÃO TRATA DO HOMEM E DA NATUREZA, É SIMPLEMENTE UMA HISTÓRIA SOBRE PEDAÇOS DE CARNE E BOCADOS DE METAL. O METAL DESENHA-SE COMO FRIO, UNIFORME, IMPLACÁVEL, ESTÉRIL E IMUTÁVEL – UM QUADRO RÍGIDO QUE REPETIDAMENTE TENTA EXERCER CONTROLO. A CARNE É VISTA COMO VIGOROSA, FLUIDA E SIMULTANEAMENTE BONITA E GROTESCA – UMA FORÇA QUE SE ADAPTA E TRANSFORMA NUMA TENTATIVA DE ESCAPAR A QUALQUER CONFINAMENTO. A IRONIA DA METÁFORA “CARNE E METAL” É QUE DE FACTO NÃO HÁ DISTINÇÃO ENTRE O QUE É “HOMEM” E O QUE É “NATUREZA”. TANTO O METAL COMO A CARNE EXISTEM NA NATUREZA MAS AMBOS SOFREM A INFLUÊNCIA DO HOMEM; AFINAL DE CONTAS, OS METAIS SÃO MINERAIS DERIVADOS E O HOMEM É CARNE. ONDE OS PAPÉIS SE TORNAM MAIS DEFINIDOS É NA ESTRUTURA – FORMAS GEOMÉTRICAS E ORGÂNICAS: O CUBO REPRESENTA A MÃO DO HOMEM, E AS FORMAS MAIS NEBULOSAS, BIOLÓGICAS E AMORFAS REPRESENTAM A NATUREZA. O CONCEITO DE NATUREZA QUE ULTIMAMENTE É MAIS IRRESISTÍVEL PARA O HOMEM NÃO PRETENDE DE FORMA ALGUMA SER NIILISTA OU MINIMIZAR OS FEITOS DA HUMANIDADE, MAS SIM ENFATIZAR UMA FORÇA QUE É PRIMORDIAL E INCONTROLÁVEL.

WILFRIED JENTZSCH

Nasceu em 1941. Estudou composição no Musikhochschule em Dresden e em Berlim e música electrónica em Colónia. De 1976 a 1981 foi estudante da Sorbonne em Paris sob orientação de Xenakis; ali fez o seu doutoramento, conduzindo investigação sobre síntese digital de som no IRCAM e no CEMAMu. Fundou um estúdio de informática musical em Nuremberga, foi professor de composição e director do Electronic Studio na Musikhochschule entre 1993 e 2006. Desde 2007 tem trabalhado como curador em vídeo-música (visual music) e tem feito diversas apresentações no ZKM, TU Berlim, na Folkwang Hochschule em Essen, na CYNETart Dresden. Actualmente vive perto de Colónia e é membro da ISCM e da DegeM. Recebeu diversos prémios internacionais de composição (Boswil, Paris, Bourges e ZKM Karlsruhe), tem sido convidado para vários festivais em todo o mundo.

Sphärenklänge

DE UM MODO GERAL, DOIS SONS COM DIFERENTES DURAÇÕES, ENERGIAS E SPECTROS SÃO PROCESSADOS ATRAVÉS DE VÁRIOS MÉTODOS DE “CROSS-SYNTHESIS”. UM MATERIAL SONORO SERÁ A PRIMEIRA MÚSICA VOCAL POLIFÓNICA EUROPEIA, COMPOSTA POR MACHAUT; E O OUTRO É O SOM ÚNICO DO PEQUENO SINO JAPONÊS FURIN. A ESTRUTURA POLIFÓNICA E O SOM COMPLEXO DE UM SINO QUE TEM UMA LONGA RESSONÂNCIA: ESTES SONS DE NATUREZAS DIFERENTES FUNDEM-SE NO CONTEXTO ELECTROACÚSTICO, O QUAL TEM UMA DIMENSÃO ESPACIAL MUITO RICA. ESTA DIMENSÃO ESPACIAL FOI EXPLORADA NA PARTE DA VISUALIZAÇÃO: A PROFUNDIDADE DO ESPAÇO, A RAPIDEZ DOS MOVIMENTOS E A VARIAÇÃO CROMÁTICA POR FILTRAGEM. OS DIFERENTES PROCESSOS VISUAIS, SEMELHANTES AOS PROCESSOS SONOROS, CRIAM UMA RELAÇÃO PRÓXIMA ENTRE MÚSICA E IMAGENS, UMA NOVA ABORDAGEM À PERCEÇÃO SINESTÉTICA, A QUE CHAMAMOS MÚSICA VISUAL.

JONATHAN KIRK

Compositor, performer e activo improvisador em diversas áreas da música contemporânea, dos novos media e da arte sonora. As suas obras têm sido apresentadas um pouco por todo o mundo (Estados Unidos da América, Canadá, diversos países europeus, Japão, Taiwan) e por um grupo diversificado de músicos internacionais e que recentemente inclui membros do Champ D’Action, da Harvard University Collegium Musicum ou os Millennium Chamber Players. Entre 2000 e 2001 teve uma bolsa de estudo do governo belga para uma residência junto da Fundação Logos para a Música Experimental em Ghent, onde trabalhou com Godfried-Willem Raes. Os seus trabalhos de multimédia têm passado pelo Weisman Art Museum em Minneapolis, pelo CYNETart_07 em Dresden, pelo ZKM Karlsruhe, pelo London International Animation Festival, pelo Melbourne International Animation Festival, pelo Boston Cyberarts Festival, pelo Structural Elements em Chicago, e a sua música tem sido apresentada em inúmeros festivais, incluindo L.A. Short Film Festival, Spark Festival, Princeton’s Listening in the Sound Kitchen, The New Music Marathon, CCRMA em Stanford, International Computer

Music Conference (2004/2006), e durante as actividades inseridas na Capital Europeia da Cultura em Bruges, na Bélgica. Actualmente é professor assistente de teoria e composição musical na Eastern Illinois University onde lecciona estudos graduados e pós-graduados em composição, teoria e análise, treino auditivo, música electrónica e informática musical.

I've got a guy running

ESTA OBRA UTILIZA UMA GRAVAÇÃO VÍDEO RECOLHIDA NUM COMBATE MILITAR NO IRAQUE, DIVULGADO PELO DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. REALIZADA A PARTIR DO PROCESSAMENTO DIGITAL DE VÍDEO E ÁUDIO, A PEÇA EXPLORA O ARGUMENTO DE QUE A GUERRA SE ESTÁ A TORNAR UM FENÓMENO PURAMENTE VISUAL. SIMULAÇÃO, DISTORÇÕES VISUAIS, A SIMULTANEIDADE, O SURGIMENTO DA ALTA VELOCIDADE OU A EFEMERIDADE DAS TECNOLOGIAS, TÊM VINDO A ALTERAR DE MODO PERMANENTE A EXPERIÊNCIA DOS HORRORES DA GUERRA EXCEPTO, CLARO ESTÁ, PARA OS FERIDOS OU MORTOS.

ELSA JUSTEL

Nasceu em 1944 em Mar del Plata, Argentina. Formou-se em ensino de música e direcção coral no Conservatório de Mar del Plata. Estudou composição na Universidade de Rosário com Virtú Maragno e música electroacústica em Buenos Aires com José Maranzano e Francisco Kröppf. A partir de 1980, começa a leccionar música no Conservatório de Mar del Plata. Em 1998 muda-se para França onde fez um doutoramento em estética, ciência e tecnologia das artes na Universidade de Paris-VIII, sob a direcção de Horacio Vaggione. A sua música tem obtido prémios em várias competições: Prix Ton-Bruynèl (Holanda, 2005); Concours de musique radiophonique de La Muse en Circuit (França, 2003); Concours Phonurgia (França, 2001); Tribunas de música contemporânea e electroacústica (Argentina, 1987, 1989, 2000); Prix Ars Electronica (Linz, Áustria, 1992); Stipendienpreis (Darmstadt, Alemanha, 1990); Concours international de musique électroacoustique de Bourges (França, 1989); e Juventudes Musicales (Argentina, 1986). Elsa Justel tem também desenvolvido projectos audiovisuais e música para filmes e teatro. A sua obra de vídeo-música *Destellos* ganhou

prémios no Evento d'Arte (Itália, 2002) e no Concurso de Bourges (França, 2002).

Destellos

"TAL COMO NUM SONHO, OS OBJECTOS PERDEM O SEU SENTIDO PARA SE TORNAREM POESIA." A IDEIA DESTA PROJECTO É DAR VIDA AO BRILHO DE DIFERENTES MATERIAIS. METAL, VIDRO, GELO, VIAJAM NO TEMPO E NO ESPAÇO ATRAVÉS DE ANIMAÇÕES POR COMPUTADOR. HÁ TAMBÉM UM JOGO COM OS SENTIMENTOS DE FRAGILIDADE E TRANSPARÊNCIA. A MÚSICA APRESENTA SONS GRAVADOS DOS MESMOS MATERIAIS. NA REALIDADE, O DISCURSO É GUIADO PELA MÚSICA QUE MARCA O DESENVOLVIMENTO DO TEMPO E SUBLINHA A NOÇÃO DE COR.

JEAN DETHEUX IMAGENS

Belga, formado na Académie Royale des Beaux-Arts de Liège, Detheux ensina arte no Canadá e nos Estados Unidos da América desde 1971 e tem exibido os seus trabalhos na Europa, no Médio Oriente e nos Estados Unidos (em espaços privados e públicos). Deu várias palestras sob os temas "Os fenómenos da visão e o processo de criação" e ainda "Animação num tom diferente". Orienta *master-classes* e escreve artigos publicados por *AWN*, *Sage Publications*. O aparecimento súbito de alergias aos materiais de pintura levou-o a trocar a pintura pelas tecnologias digitais, trazendo-o para a "time-art" por volta de 1997. As suas criações estão a surgir em festivais de cinema, animação e de música por todo o globo. Explora também o domínio das *performances* em tempo real, criando efeitos visuais em conjunto com músicos improvisadores.

Mugenkei

A MÚSICA "DREAM OF B" DE WILFRIED JENTZSCH É COMO UM TSUNAMI. INVADE O ESPECTADOR DEIXANDO-O SEM ESCAPATÓRIA. MAS TAMBÉM TRAZ UMA SENSAÇÃO DE LIBERTAÇÃO, COMO SE, DEPOIS DESSA PODEROSA INVASÃO, A PESSOA FICASSE LIMPA, VIVA. O FILME TENTA FAZER COM QUE ESSA EXPERIÊNCIA SEJA VISÍVEL. EXPLORA O ESPAÇO "POÉTICO" QUE DEVE EXISTIR "ENTRE" IMAGEM E SOM, UM ESPAÇO QUE PODE SER DESTRUÍDO/ESMAGADO TÃO FACILMENTE, OU CONSIDERADO IRRELEVANTE (SE FOR DEMASIADO ALONGADO).

ENSEMBLE ALEPH + SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

17 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

EM CO-PRODUÇÃO COM O MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS/IGESPAR/LIEU
PROJECTO FINANCIADO COM O APOIO DA COMISSÃO EUROPEIA

Uma proposta contemporânea num dos grandes monumentos do Renascimento, numa junção de estilos, de artes e de narrativas que ilustram, todas elas, a descoberta de novos mundos e simbolizam o espírito da força criativa, da investigação artística e do intercâmbio. Concerto partilhado pelo Ensemble Aleph de Paris e o Sond'Ar-te Electric Ensemble; para descobrir autores fundamentais da actualidade, provenientes de diversos países (Portugal, Grécia, Itália e França) para os quais Paris constitui uma esfera de referência e de difusão.

"Concerto integrado no projecto LE LIEU (Laboratoire Instrumental Européen), financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta apresentação reflecte apenas as opiniões dos autores, não podendo a Comissão ser responsabilizada por qualquer utilização que possa ser feita das informações nela contidas."

ENSEMBLE ALEPH + SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

PEDRO AMARAL DIRECÇÃO
MONIKA STREITOVÁ FLAUTA
NUNO PINTO CLARINETE
ANA TELLES PIANO
SUZANNA LIDEGREN VIOLINO
JORGE ALVES VIOLA
MARCO PEREIRA VIOLONCELO
MONICA JORDAN VOZ
DOMINIQUE CLÉMENT CLARINETE
NOËMI SCHINDLER VIOLINO
CHRISTOPHE ROY VIOLONCELO
SYLVIE DROUIN PIANO E ACORDEÃO
JEAN-CHARLES FRANÇOIS PERCUSSÃO
JEAN MARC SULLON ASSISTENTE INFORMÁTICO MUSICAL
PAULA AZGUIME PROJECCÃO SONORA

PROGRAMA

CÂNDIDO LIMA: *Gestos-Circus-Círculos** (2001 – 12')
DOMINIQUE CLÉMENT: *Let's go EP* (2003 – 14')
ANTÓNIO DE SOUSA DIAS: *Ressonâncias-Memórias*** (2003 – 9')

INTERVALO

EMMANUEL NUNES: *Einspielung I**** (1979 – 18')
IANNIS XENAKIS: *Nomos Alpha* (1966 – 15')
MARCO STROPPA: *Ossia EP* (2005 – 18')

* ENCOMENDA PORTO 2001/CASA DA MÚSICA
** ENCOMENDA ORCHESTRUTOPICA
*** ENCOMENDA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN





INTÉRPRETES

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

www.sondarte.com
(VER PÁGINA 17)



ENSEMBLE ALEPH

Este ensemble nasceu em 1983 e ainda goza de boa saúde... Resulta de uma parceria entre solistas que se apresentam em concerto numa formação variável, unidos pelo entusiasmo pelas artes performativas; são músicos que “servem” os compositores ao mesmo tempo que exploram novas relações entre o som e a palavra, o movimento e a música. O Ensemble Aleph resiste e tenta deitar por terra as definições mais estanques e limitativas. Quando se trata de espectáculos com obras encenadas ou concertos de música contemporânea, o público do Ensemble Aleph é convidado a embarcar numa entusiasmante viagem de descoberta. Seja na aposta em novas abordagens a obras de renome (como a revisitação de Cage através da coreografia de Sophie Mathey), seja no incentivo a novos talentos como Eric de Clerq. O Aleph é o teatro da música, com as suas máscaras, truques e brilho, com as suas sombras e esperanças, e certamente com toda a ribalta, as asas, os degraus e as escadas que o compõem. Está em permanente evolução, proporcionando um acesso directo ao mundo dos sons, à medida que estes se fundem e dispersam para nós. Acima de tudo, estabeleceu um compromisso irrevogável com a criação artística. Ouçamos então o Ensemble Aleph enquanto genial “contrabandista” de arte contemporânea; alguém terá de desempenhar esta tarefa! Sorrindo, porque assim são os seus músicos. Com mais de 150 estreias mundiais, o *ensemble* é considerado o “instrumento de escolha” de compositores de diversas áreas estéticas. Apresenta com



maior regularidade obras do século XX, mas também obras novas. Dedicou-se à interdisciplinaridade das artes, especialmente ao teatro musical e às relações com a dança.

PEDRO AMARAL

(VER PÁGINA 10)

SUZANNA LIDEGRAH

É violinista diplomada pelo Conservatório Real de Música da Dinamarca (DKDM), Copenhaga. Natural de Ödeshög, Suécia, iniciou os seus estudos musicais aos cinco anos de idade, aprendendo violino, piano e órgão. Em 1989 veio para Portugal integrar a então criada Orquestra do Porto – Régie Cooperativa Sinfonia. É membro fundador do quarteto de cordas Lyra e membro, desde 1997, do *ensemble* de música contemporânea Grupo Música Nova, dirigido pelo compositor Cândido Lima. Desde 1996, é professora de violino no Conservatório de Música do Porto, e desde 2003 forma um duo com o pianista Eduardo Resende. Integra o grupo Sond'Ar-te Electric Ensemble, desde a sua formação em 2007.

COMPOSITORES e OBRAS

CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

Gestos-Circus-Círculos

RESULTA DE UM CONVITE DE PORTO 2001 - CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA, PARA O FESTIVAL MÚSICA VIVA, POR PROPOSTA DE MIGUEL AZGUIME, A QUEM A OBRA É DEDICADA. COMO EM *POLÍGONOS EM SOM E AZUL* (CASA DE SERRALVES/EXPOSIÇÃO VIEIRA DA SILVA), EM *TAPISSERIE I* (CASA DAS ARTES) OU EM *MÚSICA DOS OBJECTOS E DO ACASO-RUÍDOS* (CASA DE SERRALVES/EXPOSIÇÃO TAPIÉS), O TEATRO HELENA SÁ E COSTA, OS MEIOS TECNOLÓGICOS E INSTRUMENTAIS DISPONÍVEIS (7 INSTRUMENTISTAS DO GRUPO MÚSICA NOVA CRONÓMETROS E GONGOS INDIVIDUAIS), EN-

TRE OUTROS FACTORES, DETERMINARAM O PERCURSO DE *GESTOS-CIRCUS-CÍRCULOS*. A DESCOLAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO DE OBJECTOS SONOROS E TEMPORAIS COEXISTEM COM CONSTANTES, COMO O *CONTINUUM*, NA OBRA DO COMPOSITOR. NESTE *GESTO* PLURI-INSTRUMENTAL DE *CIRCUS*, NOS *CÍRCULOS* DESTA MUNDO FÍSICO E PSICOLÓGICO DE GEOMETRIA SONORA ENVOLVENTE ENCONTRAM-SE INTERSECÇÕES DE SENSIBILIDADES, CULTURAS E EXPRESSÕES HUMANAS LONGÍNQUAS. A SEDUÇÃO DA VOZ FEMININA ENTOANDO UM CANTO POPULAR INTEGRA-SE, COMO DESAFIO, EM ORGANISMOS DE NATUREZA ANTAGÓNICA DE EFEITOS ELECTRÓNICOS E INFORMÁTICOS AOS QUAIS OS PROCESSOS COMPOSITONIAIS E INSTRUMENTAIS DEIXAM CAMPO ABERTO. A FENOMENOLOGIA DO SOM, DO TIMBRE, DO ESPAÇO, A MATERIALIDADE DA ABSTRAÇÃO, A VISUALIZAÇÃO E A TACTILIDADE DO TEMPO, O HEDONISMO SONORO E A AMBIVALENCIA DOS MEIOS E DOS CAMINHOS, CONSTANTES DAS OBRAS DO COMPOSITOR, ENCONTRAM NESTAS PÁGINAS ALGUMA DA SUA MATERIALIZAÇÃO. OS ESPAÇOS E CONTEXTOS DA CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO DA OBRA CONFIGURAM-NAS SUAS CARACTERÍSTICAS ANTROPOLÓGICAS, DRAMÁTICAS E MUSICAIS.

CÂNDIDO LIMA < 2001

DOMINIQUE CLÉMENT

Estudou clarinete, análise musical, harmonia, contraponto, mas considera-se um compositor autodidacta. É um dos membros fundadores do Ensemble Aleph, criado em 1983, e foi o *ensemble* que tocou a sua primeira obra, *Quatre Fascinants*, em 1989. Desde então tem continuado a compor música de câmara e música para teatro, com destaque para o trabalho com a Compagnie Picomètre (*Feuilleton*, *Trois Histoires Naturelles*, *Variétés de Printemps* e *La Veuve de Robespierre s'ennuie*). A familiaridade de Clément com a obra de poetas e escritores contemporâneos (em particular com Claude Simon, Georges Perec, Jean-Jacques Viton e Jacques Roubaud) reflecte-se no desenvolvimento da sua linguagem musical. Foi professor na École Nationale de Musique et de Danse de Chalon sur Saône, entre 1979 e 2000; actualmente é docente do Centre de Formation Diplomante para professores de escolas de música e ainda do Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon.

Let's go

CO-PRODUÇÃO < CESARÉ, CENTRE NATIONAL DE CRÉATION MUSICALE (REIMS)

PARA VOZ, VIOLONCELO, CLARINETE, PIANO, PERCUSSÃO E ELECTRÓNICA. RETIRANDO MATERIAL SONORO DA OBRA DE CINEASTAS COMO BILLY WILDER, FEDERICO FELLINI E KENJI MIZUHI, E ATRAVÉS DE *LET'S GO*, CLÉMENT TRANSMITE O SEU FASCÍNIO PELA AUDIÇÃO DE VOZES FEMININAS SENSUAIS E AMBÍGUAS. COMPOSTA DE TRÊS ANDAMENTOS ONDE INSTRUMENTOS TRADICIONAIS ACÚSTICOS, MÚSICA SOBRE SUPORTE E ELECTRÓNICA EM TEMPO REAL SÃO COMBINADOS, A SUA OBRA LEVA-NOS DE UM MUNDO RACIONAL A UM MUNDO IRREAL, PLENO DE SONS SATURADOS E INTERJEIÇÕES VOCAIS.

ANTÓNIO DE SOUSA DIAS

www.mic.pt
www.sousadias.com

Nasceu em Lisboa em Novembro de 1959. Compositor, doutorado em Musicologia (Paris VIII) e diplomado com o Curso Superior de Composição (Conservatório Nacional de Lisboa). Actualmente é membro do CITAR (Universidade Católica Portuguesa) onde colabora no doutoramento em Composição e Informática Musical. Foi professor na Escola Superior de Música de Lisboa, no Conservatório Nacional de Lisboa e na Universidade de Paris VIII. Membro do grupo ColecViva, colabora desde 1992 com o Grupo Música Nova e presente-mente participa com o grupo Les Phonogénistes no projecto *Vertiges de l'Espace*. Na sua produção musical a composição de música para cinema e televisão possui particular importância, tendo-o levado a iniciar um trabalho de investigação no sector da criação musical e ambientes virtuais (CICM – Paris VIII / MSH Paris Nord) dirigido para o desenvolvimento de instrumentos de assistência à concepção e construção de espaços musicais navegáveis, a par de uma investigação sobre certas articulações entre a imagem e o som de onde alguns resultados foram publicados. Estas novas direcções conduzem-no actualmente aos domínios do multimédia e da instalação, onde os instrumentos digitais que concebeu ou transcreveu encontram as suas aplicações no seu trabalho como compositor e investigador.

As suas obras são tocadas principalmente na Europa (Portugal, França, Espanha, Itália e Rússia).

Ressonâncias-Memórias

“PARTE DE DOIS PRINCÍPIOS INTERDEPENDENTES QUE TÊM ESTADO NA BASE DAS MINHAS PREOCUPAÇÕES: O PRIMEIRO É TOMAR A OBRA COMO UM INTERFACE PARA UMA COLEÇÃO DE OBJECTOS MUSICAIS – UMA BASE DE DADOS POR ASSIM DIZER, NÃO RECORRENDO NECESSARIAMENTE A INTENÇÕES DE DESENVOLVIMENTO OU OUTROS TIPOS SEMELHANTES DE RETÓRICA MUSICAL. ASSIM, E NA CONTINUIDADE DE OUTRAS OBRAS MINHAS, RESSONÂNCIAS-MEMÓRIAS TOMA COMO MATERIAL DE BASE OUTROS MATERIAIS PREVIAMENTE GERADOS, ALGUNS DOS QUAIS SURTIDOS NOUTRAS OBRAS, OUTROS EM OBRAS POR ESCREVER, ASSUMINDO-SE COMO UM ÍNDICE OU DIRECTÓRIO DE UM UNIVERSO MUSICAL EM PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO. O SEGUNDO PRINCÍPIO SITUA-SE NAS PREMISSAS DE CONSTRUÇÃO-REMISSÃO, E EXPRESSA-SE PELA PRESENTIFICAÇÃO DE SITUAÇÕES NÃO NECESSARIAMENTE NARRATIVAS. AO RECORRER A UMA CONSTRUÇÃO DO TIPO DA QUE ENCONTRAMOS, POR EXEMPLO, NUM FILME COMO *MULHOLLAND DRIVE* (DAVID LYNCH), ESSE SEGUNDO PRINCÍPIO ACRESCENTA AO ASPECTO ONÍRICO O PESO DA MEMÓRIA COMO CONDICIONADOR ESPÁCIO-TEMPORAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UM PRESENTE, NUMA ALUSÃO A *MEMENTO*, DE CHRISTOPHER NOLAN. UMA TÉCNICA DE ESCRITA BASEADA NUM MISTO DE FILTRAGEM E PALIMPSESTO, ASSIM COMO O USO DE ELEMENTOS HETEROGÊNEOS NUM MESMO MEIO (ALGO ENTRE A ILUMINURA E O MULTIMÉDIA), FORMAM AS BASES DE ESCRITA DE RESSONÂNCIAS-MEMÓRIAS. O USO REITERADO DE SEPARADORES DE SITUAÇÕES SUGERINDO UMA COEXISTÊNCIA MULTIESPACIAL, OU TRANSIÇÃO BRUSCA ENTRE LUGARES, E A ITERAÇÃO SONORA PROCURARAM INDUZIR UMA DINÂMICA E UMA TENSÃO CONSTANTE, E, AO MESMO TEMPO, ALUDIR À NOÇÃO DE RESSONÂNCIA COMO UM ELEMENTO ACTIVO NA NOSSA FORMULAÇÃO DO REAL – UMA “FRENTE DE ONDA” DA(S) MEMÓRIA(S).
ANTÓNIO DE SOUSA DIAS ✕ 2003

EMMANUEL NUNES

www.mic.pt

Nasceu em 1941. Iniciou os seus estudos em 1959 com Francine Benoît e Louis Saguer na Academia de Amadores de Música. Entre 1960 e 1964 tem aulas com Fernando Lopes-Graça. Frequenta os cursos de Verão de Darmstadt

com Henri Pousseur e Pierre Boulez. Passa um ano em Paris preparando-se para estudar composição com Karlheinz Stockhausen e Henri Pousseur na Rheinische Musikschule de Colónia, de 1965 a 1967. Obtém o 1.º Prémio do Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris em 1971, depois de desenvolver com Michel Guiomar na Sorbonne uma tese sobre a 2.ª *Cantata* de Anton Webern e a evolução da linguagem musical dessa época, trabalho que deixará inacabado. Leccionou na Universidade de Pau, na Escola Superior de Música de Freiburg, na Escola Nacional de Música de Romainville, no CNSM, dirige seminários de composição na Fundação Gulbenkian em Lisboa, na Universidade de Harvard, no IRCAM, nos *ateliers* de Verão de Darmstadt, na Academia de Verão do IRCAM, na Universidade Católica de Santiago do Chile. A sua obra tem sido apresentada em festivais diversos, incluindo “L’itinéraire”, o Festival de Donaueschingen, o Festival de Outono em Paris, o Festival de Edimburgo, o Festival Tage für Neue Musik de Zurique. Esteve um ano em Berlim como bolseiro da DAAD. Emmanuel Nunes é *Doutor Honoris causa* pela Universidade de Paris VIII, desde 1996, e a sua carreira musical tem sido reconhecida por várias entidades, designadamente através do Prémio CIM – UNESCO em 1999 e do Prémio Pessoa em 2000.

Einspielung I

EMMANUEL NUNES ESCREVEU SOBRE O *EINSPIELUNG I* (1978/1979) PARA A PRIMEIRA AUDIÇÃO EM BERLIM: *EINSPIELUNG I* PERTENCE A UMA SÉRIE DE OBRAS SOLÍSTICAS PARA VIOLINO, VIOLA E VIOLONCELO. O MATERIAL-BASE CORRESPONDE ÀS RELAÇÕES RÍTMICAS E MELÓDICAS PRINCIPAIS DE UMA FAMÍLIA DE OBRAS INICIADA EM 1978, INTITULADA *DIE SCHÖPFUNG* (“A CRIAÇÃO”). NAS *EINSPIELUNGEN* NÃO HÁ PRATICAMENTE NENHUMA CURIOSIDADE TÉCNICA NEM EFEITOS DA CHAMADA MÚSICA CONTEMPORÂNEA (EM CONTRASTE, POR EXEMPLO, PARA COM A OBRA *AURA*, PARA FLAUTA SOLO – 1983/1989). O CONJUNTO DE OBRAS INTITULADO *DIE SCHÖPFUNG* FOI COMPOSTO SOBRE UM CONJUNTO DE “CÉLULAS-MÃE”, CADA UMA DELAS REFERENTE A UM OU DOIS TIPOS DE INTERVALO. AS *EINSPIELUNGEN* LEVAM ESSAS CÉLULAS-MÃE AO MÁXIMO DO SEU ESPLENDOR.

IANNIS XENAKIS (1922-2001)

Nasceu na Roménia em 1922 e morreu em Paris em 2001. Foi compositor, arquitecto e engenheiro civil. Foi resistente durante a Segunda Guerra Mundial; tendo sido condenado à morte, foi refugiado político em França desde 1947, tendo-se naturalizado francês em 1965. Estudou no Instituto Politécnico de Atenas, antes de estudar composição com Scherchen em Gravesano e depois no CNSMD de Paris com Messiaen. Foi colaborador de Le Corbusier como engenheiro e arquitecto. Inventor de conceitos de massas musicais, da música estocástica, de música simbólica: introduziu o cálculo de probabilidades e a teoria dos conjuntos na composição musical. Foi um dos primeiros a utilizar o computador para o cálculo de formas musicais. Foi também pioneiro na área da música electroacústica e inventou grande parte das técnicas de composição em uso desde 1945. Desenhou o Pavilhão Philips na Exposição Internacional de Bruxelas em 1958, o Convento La Tourette, entre outros. Compôs os famosos *Polytopes* – espectáculos, som e luz, nomeadamente para o Pavilhão Francês da Exposição de Montréal (1967); *Persepolis*, para as ruínas iranianas de Persepolis (1971), o *Polytope* de Cluny em Paris (1972), o *Polytope* das ruínas de Micenas na Grécia e ainda o *Diatope*, na inauguração do Centro Georges Pompidou (1978). Fundou e presidiu o Centro de Matemática e Automática Musicais (CEMAMu) de Paris. Foi professor na Universidade de Indiana e fundador do Center for Mathematical and Automated Music (CMAM). Foi igualmente investigador no CNRS em França, professor na City University de Londres e na Sorbonne em Paris. A sua obra marcou de forma indelével a criação artística da segunda metade do século XX.

Nomos Alpha

ANALISANDO A IMPONENTE OBRA DE IANNIS XENAKIS, É CURIOSO REPARAR QUE A MÚSICA SOLISTA SÓ FOI TRABALHADA TARDIAMENTE PELO COMPOSITOR. FOI ANTES DE MAIS COM OBRAS ORQUESTRAIS (NOMEADAMENTE COM *METASTASIS*, 1953-1954 E *PITHOPRAKTA*, 1955-1956), E DEPOIS COM GRANDES *ENSEMBLES* INSTRUMENTAIS (COMO *ACHORRIPSIS*, 1956-1957) QUE O COMPOSITOR CRIOU O SEU ESTILO.

FOI PRECISO ESPERAR ATÉ 1960 (*HERMA* PARA PIANO), PARA QUE XENAKIS PUSESSE A SUA COMPOSIÇÃO À PROVA DA OBRA A SOLO. O IMPACTO IMEDIATO DA ESCRITA DE *NOMOS ALPHA* PARA VIOLONCELO SOLO, NÃO FEZ ESQUECER O EFEITO ESPECTACULAR DE ALGUMAS DAS SUAS PEÇAS ORQUESTRAIS ANTERIORES. MAS ESTA OBRA REVOLUCIONOU O MODO DE TOCAR VIOLONCELO. ELA OFERECE EFECTIVAMENTE NUMEROSAS INOVAÇÕES AO NÍVEL DA TÉCNICA INSTRUMENTAL, ENTRE AS QUAIS A UTILIZAÇÃO DE QUARTOS DE TOM, DE CORDAS DUPLAS COM FLUTUAÇÕES MICROTONAIS, DE “GLISSANDOS” RÁPIDOS; A DESAFINAÇÃO FREQUENTE DA CORDA DÓ (UMA OITAVA A BAIXO NO FIM DA OBRA) E A INTERDIÇÃO DE “VIBRATO”. NUMA SEGUNDA PEÇA MAIS TARDIA PARA VIOLONCELO SOLO (*KOTTOS*, 1977), O COMPOSITOR CONTINUARIA A EXPLORAÇÃO DO POTENCIAL SONORO CONTIDO NA ALMA DESTA INSTRUMENTO, RECOMENDANDO POR EXEMPLO “A ABSTENÇÃO DE BELAS SONORIDADES”. ESTA ABUNDÂNCIA DE EFEITOS ESTÁ INCLuíDA NUMA FORMA BASEADA NA TEORIA DOS CONJUNTOS. O COMPOSITOR EXPLICA NO INÍCIO DA PARTITURA: “*NOMOS ALPHA* POSSUI UMA ARQUITECTURA PARA LÁ DO TEMPO FUNDADA NA TEORIA DOS GRUPOS DE TRANSFORMAÇÕES. É FEITO USO DA TEORIA DOS CRIVOS, TEORIA QUE ANEXA AS CONGRUÊNCIAS MÓDULO Z E QUE TEM ORIGEM NO AXIOMA DA ESTRUTURA UNIVERSAL DA MÚSICA. ESTA OBRA PROCURA PRESTAR HOMENAGEM ÀS OBRAS IMORTAIS DE ARISTOXÈNE DE TRANETE, MÚSICO, FILÓSOFO E MATEMÁTICO FUNDADOR DA TEORIA DA MÚSICA, DE EVARISTE GALOIS, MATEMÁTICO FUNDADOR DA TEORIA DOS GRUPOS E DE FELIX KLEIN, SEU DIGNO SUCESSOR.” COM O OBJECTIVO DE IMPOR UMA ORDEM LÓGICA AO AGENCIAMENTO DOS SONS, XENAKIS INSPIROU-SE ATÉ AO INÍCIO DOS ANOS SETENTA EM TRÊS TEORIAS MATEMÁTICAS: A TEORIA DAS PROBABILIDADES; A TEORIA MATEMÁTICA DOS JOGOS; E A TEORIA DOS CONJUNTOS (OU DOS GRUPOS). DESTAS LEIS ESTRUTURANTES NASCEU A MÚSICA PROBABILÍSTICA, ESTRATÉGICA E SIMBÓLICA. *NOMOS ALPHA* É CERTAMENTE A PEÇA MAIS REPRESENTATIVA DA MÚSICA DITA “SIMBÓLICA” DO COMPOSITOR IANNIS XENAKIS.

MARCO STROPPA

Compositor, investigador e professor, nascido em Itália em 1959, Marco Stroppa estudou piano, música e direcção coral, composição e informática musical no seu país. Entre 1984 e 1986, foi bolseiro da Fulbright e trabalhou com Barry Vercoe no Media Laboratory do Mas-

sachusetts Institute of Technology (informática musical, ciências computacionais, psicologia cognitiva). Em 1982, tinha já partido de Itália e vivia em Paris onde trabalhava como compositor e investigador no Ircam, onde aliás desempenhou a função de director do Departamento de Investigação Musical entre 1987 e 1990. É desde 1999 docente de composição na Musikhochschule em Estugarda e no CNSM em Paris. Como compositor, utiliza instrumentos acústicos em conjunto com os novos *media*. O seu repertório inclui obras para concerto, uma peça de teatro musical e duas óperas radiofónicas. O seu método de composição mais recorrente consiste na reunião de diversas obras (a que chama de módulos) em torno de ciclos amplos de modo a explorar determinados projectos de composição.

Ossia

SETE ESTROFES PARA UM DRONE LITERÁRIO (PARA VIOLINO, VIOLONCELO E PIANOFORTE)

1. HUSHED, HUNTING (TRASLUCIDO)
2. DIM (ERRATICO)
3. ON MY RIGHT, ON MY LEFT (FUGACÍSSIMO)
4. RAW (LENTO ATARÁSSICO)
5. HIDING (ALACRE)
6. SPINS AND WHIRLS (INTRAPREDENTE)
7. MONUMENT (TURGIDO, IMPONENTE)

“O TÍTULO DESTA OBRA NÃO TEM QUALQUER LIGAÇÃO AO FAMOSO TERMO MUSICAL USADO PARA SIMPLIFICAR UMA PASSAGEM MAIS DIFÍCIL; É SIM A ALCUNHA DO POETA RUSSO E PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA IOSSIF ALEXANDROWITCH BRODSKIJ. O SUBTÍTULO REMETE PARA UMA FORTE CRÍTICA QUE A ELE FOI FEITA NO JORNAL *VECHERNY LENINGRAD* EM NOVEMBRO DE 1963 (“UM DRONE LITERÁRIO”). ALGUNS MESES MAIS TARDE, BRODSKIJ É PRESO, ACUSADO DE PARASITISMO SOCIAL E CONDENADO A CINCO ANOS DE EXÍLIO. ESTE PROCESSO SUR-REALISTA É DESCRITO PELA JORNALISTA FRIDA VIGDOROVA, SENDO EDITADA A VERSÃO FRANCESA EM 1988. A INSPIRAÇÃO PARA *OSSIA* VEM TAMBÉM DE DOIS POEMAS DE BRODSKIJ – “SETE ESTROFES” E “MONUMENTO”. CADA SECÇÃO DA PEÇA (COM EXCEPÇÃO DA ÚLTIMA) CARACTERIZA-SE POR UMA EXPRESSÃO RETIRADA DE “SETE ESTROFES”. NA MINHA ABORDAGEM À MÚSICA DE CÂMARA A COMPOSIÇÃO NÃO TRATA APENAS DO MATERIAL MUSICAL MAS TAMBÉM DO ESPAÇO, DEFINIDO COMO LOCALIZAÇÃO DOS INTÉRPRETES NO PALCO. PARA ESTE TIPO DE

COMPOSIÇÃO ESPECIALIZADA DOS INTÉRPRETES OPTEI POR PEÇAS DIVIDIDAS EM CURTAS SECÇÕES EM CADA UMA DAS QUAIS OS INTÉRPRETES OCUPAM UMA LOCALIZAÇÃO DISTINTA NO PALCO. AS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS QUE DAÍ RESULTAM DETERMINAM O TIPO DE MATERIAL MUSICAL A UTILIZAR, HAVENDO PORTANTO UMA ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A ESTRUTURA COM-POSICIONAL E ESPACIAL.”



Miso
Studio

CÂNDIDO LIMA

MÚSICA ELECTRÓNICA E IMAGENS

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

CONVERSA PRÉ-CONCERTO
A PROPÓSITO DA OBRA DE CÂNDIDO LIMA
POR ANTÓNIO DE SOUSA DIAS

18 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Com excepção de *Bleu-Rouge*, as obras deste concerto marcam um contexto de redescoberta pessoal de novos sons, de novas tecnologias, de novas linguagens. É o reencontro, noutra universidade, das linguagens aprendidas na tradição da harmonia e do contraponto europeus, dos sistemas e formas da música erudita ocidental. Noções e conceitos dos domínios da filosofia e das ciências encontram espaço nestas páginas e nestes suportes electrónicos e digitais, onde o tempo, as durações, o ritmo, a pulsação, o movimento, a velocidade, a energia, a massa, a densidade, o *continuum*, a matéria são apenas extensões daquilo que nos habituamos a encontrar nos clássicos sob o prisma e ângulos próprios e sob a perspectiva de outros princípios de organização. Extensões de um pensamento linear e bidimensional, de um pensamento intuitivo e racional do som, ora como um elemento integrante de hierarquias e hierarquizações do espaço (sistema das alturas) e do tempo (princípios da forma e da estruturação do tempo), aqui se geraram e controlaram novas fontes de som e novas formas de organizar, manipulando-o não só como símbolo, mas também como matéria táctil, moldável, dotada de propriedades físicas de transformação topológica. É o som como modelo, é o som “em si” dos filósofos (e do ouvinte), é o som gerador de macroformas sonoras que absorvem o som individual em conjuntos globais de sonoridades numa projecção em grandes arquitecturas no espaço. Mas, acima de tudo, imperou sempre o critério do músico, sem o que isto não passaria de especulação estéril e sem consequências. Embora outra música...

CÂNDIDO LIMA

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

JOSÉ LUÍS FERREIRA PROJEÇÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

CÂNDIDO LIMA:

Toilles III (1981 – 12')

*Lendãs de Neptuno** (1987 – 11')

*Autómatos da Areia*** (1978 – 12')

Bleu-Rouge (Regards) (1997 – 10')

Oceanos (1980 – 26')

* ENCOMENDA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

** ENCOMENDA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

CÂNDIDO LIMA

Fez a sua formação em Música e em Estudos Clássicos em Portugal, estabelecendo relações de estreito relacionamento com instituições francesas que incluem os seus estudos de doutoramento efectuados na Universidade Sorbonne sob a orientação de Iannis Xenakis, mas também estágios de informática musical nas universidades de Vincennes, Paris I – II / Sorbonne (1975-1978), no CEMAMU (1978) e no IRCAM (1981), entre outros estudos. A sua actividade profissional como docente foi inicialmente levada a efeito no Conservatório Nacional em Lisboa (1978-1980), e posteriormente em várias escolas do norte de Portugal, vindo a estabelecer-se a partir de 1986 como professor de composição da Escola Superior de Música do Porto. A sua actividade de formador e pedagogo foi complementada, nos anos oitenta, por um investimento significativo na divulgação da música contemporânea através de diversas séries realizadas para rádio e para televisão. Escreveu obras para orquestra, agrupamentos de câmara, coro, teatro, electrónica, electroacústica e por computador, algumas das quais foram apresentadas em vários países. Estudos e interesses interdisciplinares encorpam as fontes do imaginário de Cândido Lima: nas suas composições fundem-se as técnicas e as músicas antigas dos vários continentes, a pesquisa e as opções técnicas e estéticas que decorrem do potencial tecnológico oferecido pela electroacústica, pelo computador e pelos audiovisuais. “Modos antigos europeus e asiáticos, modos modernos e outras estruturas, escondem-se na fluidez do tempo musical das diversas obras.” “A combinatória e o indeterminismo, a fenomenologia do som, a monadologia como filosofia do intervalo, do som-timbre e da cor, da espacialização e do tempo teatral e cinematográfico, tudo coexiste com técnicas oriundas do domínio musical, matemático, da geometria, das ciências exactas e humanas, das artes plásticas, televisão, rádio, dos movimentos artísticos do século XX.” “... A liberdade, a identidade e o risco [...] são eixos do meu pensamento musical em que a

beleza, as emoções e os afectos são o motor de tudo.”

Toiles III

COMPOSTA EM PARIS, EM 1981, A IDEIA CONSISTIU EM CRIAR UMA SONORIDADE PRÓXIMA DO RUÍDO BRANCO SEM RECURSO A PROCESSOS ELECTRÓNICOS OU DIGITAIS, MAS APENAS COM RECURSO À ESCRITA. PARTINDO DA VERSÃO GRÁFICA DE *TOILES I*, PARA 42 CORDAS (PENSANDO NA CONSTITUIÇÃO INSTRUMENTAL DAS ORQUESTRAS PORTUGUESAS DA ÉPOCA), FORAM APLICADAS A ESSES GRAFISMOS AS OPERAÇÕES QUE APLICAMOS A OBJECTOS E ÀS FIGURAS DE NATUREZA DIVERSA DA GEOMETRIA, NUM ALARGAMENTO QUASE EXAUSTIVO DAS SIMPLES TRANSFORMAÇÕES ANÁLOGAS ÀS DO CÂNON OU DA “SÉRIE” DOS CLÁSSICOS ANTIGOS OU DOS CLÁSSICOS DA ESCOLA VIENENSE E SEUS SEGUIDORES. O SISTEMA INFORMÁTICO UPIC [UNITÉ POLYAGOGIQUE INFORMATIQUE DU CEMAMU (CENTRE D’ÉTUDES MATHÉMATIQUES ET AUTOMATIQUES MUSICALES)], CRIAÇÃO DE IANNIS XENAKIS, PERMITIU ESSE TRABALHO, ONDE UMA MESA GRÁFICA, UMA ESTRUTURA EM PAPEL MILIMÉTRICO, UM LÁPIS ELECTROMAGNÉTICO, UM ECRÃ, A ESCRITA DA “PARTITURA” EM PAPEL TRANSPARENTE PERMITIU AO COMPOSITOR NÃO SÓ SINTETIZAR O SOM E AS SUAS CARACTERÍSTICAS ELEMENTARES, MAS TAMBÉM ARQUITECTAR TODA A OBRA ATÉ AO INSTANTE FINAL. NÃO HÁ, NESTA OBRA, OUTRA FONTE DE SOM QUE NÃO SEJA O COMPUTADOR.

Lendas de Neptuno

A ÉPOCA DA COMPOSIÇÃO DE OBRAS COMO *OCEANOS*, *A-MÉR-ES*, *AUTÓMATOS DA AREIA*, *MARE-A-MARE*, ENVOLVEU-AS O AUTOR UMAS NAS OUTRAS COMO SE FOSSEM INDIVÍDUOS INSEPARÁVEIS PELO MESMO GESTO. NA OBRA *LENDAS DE NEPTUNO* O COMPOSITOR AGIU DA SEGUINTE MANEIRA: PRIMEIRO, ESCREVEU UMA SÉRIE DE PÁGINAS NO COMPUTADOR (UPIC-A), DE ONDE NASCE A OBRA BREVE DE OITO MINUTOS *MARE-A-MARE* (1978). MAIS TARDE, ESTA “PARTITURA” FOI INJECTADA NO SINTETIZADOR ANALÓGICO VCS3, RESULTANDO DAÍ UMA NOVA OBRA DE CARACTERÍSTICAS DIFERENTES QUEM NO PLANO DAS TEXTURAS, QUER DOS TIMBRES, QUER DOS RITMOS, QUER DAS ATMOSFERAS. PARA A INAUGURAÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO DA CÂMARA DE MATOSINHOS (1987), O COMPOSITOR SOBREPÔS AMBAS AS OBRAS: MISTUROU A OBRA TRANSFORMADA COM A OBRA ORIGINAL (A OBRA-MÃE), DANDO ORIGEM A *LENDAS DE NEPTUNO*. *AUTÓMATOS DA AREIA* E *LENDAS DE NEPTUNO* PERMITIRAM UTILIZAR RUÍDOS E OUTROS

SONS ESTRANHOS À FONTE, QUE, DESDE A ORIGEM, FICARAM REGISTRADOS EM FITAS MAGNÉTICAS.

Autómatos da areia

ESTA OBRA NASCE DA RECOLHA DE MATERIAL DE DIVERSAS FONTES E DE DIVERSAS ETAPAS DE COMPOSIÇÃO: DA MICROCOMPOSIÇÃO DIGITAL – SÍNTESE DO SOM (COMPUTADOR UPIC-A), DA COMPOSIÇÃO ANALÓGICA (SINTETIZADORES VCS3), DA COMPOSIÇÃO “INSTRUMENTAL” (MÚSICA CONCRETA — SEIXOS E PIANO), ÀS FASES DE MACROCOMPOSIÇÃO EM LOCAIS DE DIVERSA NATUREZA, QUER GEOGRÁFICA, QUER TECNOLÓGICA, QUER ESTÉTICA: CEMAMU (ISSY-LES-MOULINEAUX), SEV (VINCENNES), IRCAM (PARIS), RDP (PORTO), TUDO ENTRE 1978 E 1984, APROXIMADAMENTE: CENTROS DE INFORMÁTICA, ELECTRÓNICA, ELECTROACÚSTICA E DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS. A REALIZAÇÃO DA OBRA RESULTOU DE UMA ENCOMENDA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN PARA OS ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE 1986. EM DISPERSAS ETAPAS NO TEMPO, EM LOCAIS GEOGRAFICAMENTE DISTANTES UNS DOS OUTROS, EM SISTEMAS ELECTRÓNICOS E INFORMÁTICOS DE CONCEPÇÃO PRÓPRIA, EM VÁRIOS PLANOS DE UMA OBRA BREVE, A MANIPULAÇÃO E REALIZAÇÃO ENFRENTOU COMO DESAFIO MAIOR A CONEXÃO DE MUNDOS ORGANICAMENTE ANTAGÓNICOS, E A PERMANÊNCIA, NO TEMPO, DE ENTIDADES SONORAS INCOMPATÍVEIS NA APARÊNCIA, BEM COMO O CONTROLO DE UM MUNDO CONSTANTE (REPETIÇÃO ILUSÓRIA) E DE UM MUNDO VARIÁVEL DE ESTRUTURAS, VOCABULÁRIOS, PERCEÇÃO, FORMA. A FUSÃO DE FONTES SONORAS – MÚSICA CONCRETA, ELECTRÓNICA, POR COMPUTADOR – FOI UMA IDEIA QUE UNIU AS OBRAS *OCEANOS*, *LENDAS DE NEPTUNO*, *AUTÓMATOS DA AREIA*, ENTRE OUTRAS, DO AUTOR. A FORMA, INICIADA NO ONDULAR DE SEIXOS (*GALETS*, OBRA-EMBRIÃO) NOS INTERSTÍCIOS DAS CORDAS DO PIANO, É UMA CURVA DE CURVAS À VOLTA DAS QUAIS SE MANTÉM INALTERÁVEL UMA ESPIRAL EM FORMA DE ESCADA DE ESCHER, DE APARENTES PARADOXOS AUDITIVOS, DE ANTONOMIAS, DE IDENTIDADES VÁRIAS, TERMINA NUM LONGO FIO DE TECIDOS DOS GOBLINS, NUM LONGO CAIR DE UMA QUALQUER TRAMA ABSTRACTA DE UM QUALQUER TEXTO LITERÁRIO OU CINEMATOGRAFICO.

Bleu-Rouge (Regards)

INICIADA EM FINS DE 1988 E INTERROMPIDA LOGO A SEGUIR PARA SER RETOMADA MESES DEPOIS, ESTA OBRA É UM ESTUDO-ESBOÇO SOBRE A RELAÇÃO SOM-IMAGEM, SOM-COR, SOM-LUZ, SOM-ESPAÇO(S). NO

RESPEITANTE ÀS INTENÇÕES, A OBRA VISA, COMO EM *PROJECCÕES*, *CORI MEMORI*, *ILIAM*, *POEMA/IMPROMPTU*, ETC., A ENVOLVÊNCIA TOTAL DO OUVINTE, A CRIAÇÃO DE UM ESTADO DE ESPÍRITO DE SUSPENSÃO. A MONADOLOGIA (NA ESTRUTURAÇÃO MORFOLÓGICA DO TEMPO E DAS ALTURAS), A FENOMENOLOGIA DO SOM NA MANIFESTAÇÃO DA(S) ESSÊNCIA(S) E DA(S) CONSCIÊNCIA(S) SÃO ALGUMAS CONSTANTES QUE PODEM REFERENCIAR-SE COMO EIXOS OCULTOS POR CONVENÇÃO NÃO MUSICAIS (MAS MUSICAIS...) NUNCA FOI MINHA INTENÇÃO QUE OUTRAS ÁREAS SE SUBSTITUÍSSEM À MÚSICA. MAS NUNCA CONSEGUI, DESDE CEDO, DEIXAR DE SENTIR A EXPRESSÃO MUSICAL “EM SI” COMO UM RESERVATÓRIO UNIFICADOR E IRRADIADOR DE OUTRAS EXPRESSÕES (COMO ALIÁS A HISTÓRIA O MOSTRA): POESIA, LITERATURA, FILOSOFIA, CIÊNCIA, TECNOLOGIAS, ARTES, ETC. AQUILO QUE NAS OUTRAS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES ERA MAIS DO DOMÍNIO EMPÍRICO, DO INTUITIVO E DO SUBJECTIVO, AQUI (EMBORA O SENDO TAMBÉM) A COR, A LUZ, A IMAGEM (GEOMÉTRICA OU ABSTRACTA) INTEGRAM A PRÓPRIA PARTITURA, INCRUSTADA NA SUA ESCRITA ESPECÍFICA, COMO UM PALIMPSESTO DOS GRAFISMOS DA PRÓPRIA PARTITURA. TRATANDO-SE DE DOIS FENÓMENOS ONDULATÓRIOS: A LUZ, A COR E O SOM – HÁ UMA ÍNTIMA RELAÇÃO FÍSICA ENTRE OS DOIS. PORÉM, NO PLANO DA PERCEÇÃO, ESSA UNIÃO É FEITA ATRAVÉS DA COMPOSIÇÃO DE IMAGENS (DIAPOSITIVOS) QUE TÊM COMO BASE O VISUAL DA ESCRITA, DA PARTITURA, E O UNIVERSO SONORO QUE ELA EXPRIME SEGUNDO INDICAÇÕES PRECISAS DO COMPOSITOR. ESSE ESPAÇO DA PARTITURA DESTINADO À INTERVENÇÃO DA COR E DA LUZ FICARÁ SEMPRE EM ABERTO PARA OUTROS INTÉRPRETES PLÁSTICOS. DAÍ QUE SE POSSA CONSIDERAR UMA ESPÉCIE DE “OBRA ABERTA”, NO EVOLUIR DO TEMPO E NA SUA TRAJECTÓRIA. NO ESPAÇO DA IMAGEM, JÁ QUE A MÚSICA ESTÁ ESCRITA SEM MARGEM PARA O ALEATÓRIO. A VERSÃO DESTES CONCERTO PROVÉM DE EXTRACTOS DA ELECTRÓNICA DA OBRA INTEGRAL PARA OITO INSTRUMENTOS, DOIS PIANOS E ELECTROACÚSTICA ESTREADA, COM AUDIOVISUAIS, NOS ENCONTROS GULBENKIAN DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA EM 1992, PELO GRUPO MUSICA NOVA E PELOS ARTISTAS PLÁSTICOS LUÍSA GONÇALVES E CARLOS REIS. A PARTE ELECTROACÚSTICA RESULTA DA TRANSFORMAÇÃO DA GRAVAÇÃO INSTRUMENTAL, POR *SAMPLER*, DA OBRA *NĀNGHĒ*. ESTA VERSÃO ELECTROACÚSTICA DE 1992, ACOMPANHA A PAR E PASSO A OBRA DE ORIGEM, E A SUA REALIZAÇÃO TEVE A COLABORAÇÃO TÉCNICA E MUSICAL DO COMPOSITOR ANTÓNIO DE SOUSA DIAS, NOS ESTÚDIOS DA ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DO PORTO.

Oceanos

SEGUNDO A MITOLOGIA GREGA, OCEANOS É O PRIMEIRO DEUS DAS ÁGUAS, FILHO DE URANO E GAIA (O CÉU E A TERRA), PAI DE TODOS OS SERES, QUE TEVE DA SUA IRMÃ TÉTIS TRÊS MIL NINFAS, AS OCEANIDES. OS ANTIGOS PENSAVAM QUE OCEANO ERA UM RIO IMENSO QUE ENVOLVIA A TERRA. A OBRA OCEANOS FOI COMPOSTA ANTES DESTA LEITURA, MAS TRATA-SE DE UMA ALEGORIA FUNDADA NA VIDA REAL, NO IMAGINÁRIO, E NO CONTACTO DESDE JOVEM COM O PENSAMENTO GREGO E COM A NATUREZA. TALVEZ QUE OCEANOS SEJA UMA DEFLAGRAÇÃO, UMA DESCARGA OU UM SONHO. UMA VIAGEM AO FUNDO DO HOMEM, AOS OCEANOS IMAGINÁRIOS, REAIS OU INTERPLANETÁRIOS. TALVEZ TAMBÉM UM DESAFIO À MÁQUINA E A TODOS OS SISTEMAS. NO INTERIOR DESTA MAGMA SONORO ESTÃO SEGREDOS, ENIGMAS E SÍMBOLOS. MAIS DO QUE OS OCEANOS DA TERRA. OS PRINCÍPIOS EM QUE SE APOIA ESTA COMPOSIÇÃO SÃO OS QUE PROVÊM, POR ANALOGIA, DA NOÇÃO DE TOPOLOGIA, RAMO DAS MATEMÁTICAS QUE ESTUDA AS TRANSFORMAÇÕES DAS FIGURAS SEM PERDA DAS SUAS CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS. NO CASO DESTA MÚSICA TRATA-SE DA MODELAGEM DAS MASSAS SONORAS, DA PULSAÇÃO RÍTMICA E DA ESTRATIFICAÇÃO DE VÁRIOS NÍVEIS DE COMPOSIÇÃO QUANTO À GERAÇÃO DO SOM (ELECTRÓNICA TRADICIONAL — SOM LINEAR — E INFORMÁTICA — SOM MASSAS), E QUANTO À ARQUITECTURA, FORMADA POR DOIS GRANDES PLANOS OPOSTOS: A PULSAÇÃO ININTERRUPTA QUE SE TRANSFORMA SEM PERDA DA SUA INDIVIDUALIDADE; GRANDES MASSAS DE SONS ORA ESTÁTICAS, ORA EM MOVIMENTO QUE SE TRANSFORMAM DE FORMA CONTÍNUA. TEXTURAS, CONFIGURAÇÕES, DENSIDADES, ARTICULAÇÕES PECULIARES, SEM PREPONDERÂNCIA DESTA OU DAQUELE PLANO, SEM QUE ALGUMA DAS PARTES SEJA PRIVILEGIADA, FAZEM DESTA OBRA UM AGLOMERADO DE ESTRATOS GEOLÓGICOS MAIS DO QUE UMA FORMA MUSICAL CONVENCIONAL.



Miso
Studio

CINEMA DOS SONS A FLORESTA SAGRADA ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

19 SETEMBRO ◀ 12H ◀ M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

*A Floresta Sagrada é o título do primeiro dos três concertos Cinema dos Sons com a emblemática Orquestra de Altifalantes. Este título remete para a figura incontornável de Jorge Peixinho com uma obra electrónica recentemente recuperada pela Miso Music Portugal e que aqui é apresentada em estreia absoluta, infelizmente já sem a presença do compositor. Neste título encontramos também a força expressiva e onírica da música electrónica, que neste concerto nos conduz por caminhos diversos e misteriosos que dão lugar à obra de Tiago Cutileiro *Allmnésia* e às estreias absolutas de António Ferreira com *Les Barricades Mysterieuses*, António Pinho Vargas com *Ciclos de Conferências e Diálogos Imaginários* e Anna Einarrsson com *Espaços Sonhoros* composta no âmbito da residência de criação desta compositora sueca no Laboratório Electroacústico de Criação do Miso Studio.*

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

MIGUEL AZGUIME, ANNA EINARSSON, TIAGO CUTILEIRO, ANTÓNIO FERREIRA,
ANTÓNIO PINHO VARGAS PROJECCÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

JORGE PEIXINHO: *A Floresta Sagrada* EA (1992 – 13')

ANNA EINARSSON: *Espaços Sonhoros** EA (2008 – 14')

ANTÓNIO FERREIRA: *Les Barricades Mysterieuses** EA (2009 – 9')

TIAGO CUTILEIRO: *Allmnésia* (2008 – 14')

ANTÓNIO PINHO VARGAS: *Ciclos de Conferências e Diálogos Imaginários** EA (2009 – 26')

* ENCOMENDA MISO MUSIC PORTUGAL

JORGE PEIXINHO (1940-1995)

www.mic.pt

Nasceu no Montijo em 1940. Foi compositor, pianista, crítico, maestro, professor, conferencista, membro da direcção de várias organizações e organizador de concertos, além de ter desempenhado um papel primordial na divulgação da música contemporânea em Portugal e da música portuguesa no estrangeiro. Depois de terminar os cursos de piano e composição no Conservatório de Lisboa, estudou como bolseiro da Fundação Gulbenkian com Boris Poren e Goffredo Petrassi na Academia de S. Cecília em Roma. Trabalhou ainda com Luigi Nono em Veneza e com Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen nos Meisterkurse da Academia de Basileia. Participou em vários cursos internacionais de Darmstadt, entre 1960 e 1970, colaborando nos projectos de composição colectiva dirigidos por Stockhausen em 1967 e 1968. Participou em inúmeros festivais de música contemporânea, entre os quais: Gaudeamus, Veneza, Buenos Aires e Curitiba. Em 1972/1973 efectuou um estágio no estúdio de música electrónica IPREM em Gent. Foi membro de júris de vários concursos internacionais de composição. Obteve os prémios de composição Gulbenkian, SPA e Conselho Português de Música. Em 1970, fundou juntamente com alguns músicos portugueses o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Colaborou regularmente nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea. Em 1977, foi eleito membro do Conselho Presidencial da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, tendo sido convidado para realizar várias obras no estúdio de Música Electrónica de Bourges. Recebeu encomendas de várias instituições, entre as quais a Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Conselho Português da Música, a Câmara Municipal de Matosinhos, o Festival Internacional de Alicante, o GMEB de Bourges, a New Music Concerts, o Festival de Acqui Terme, assim como de artistas e agrupamentos nacionais e estrangeiros.

Jorge Peixinho foi galardoado com as medalhas de Mérito Cultural e de Ouro da cidade do Montijo. Faleceu em 1995.

A Floresta Sagrada

OBRA ELECTRÓNICA INÉDITA DE JORGE PEIXINHO RECENTEMENTE RECUPERADA PELA MISO MUSIC PORTUGAL EM COLABORAÇÃO COM JOSÉ MACHADO E QUE, FINALMENTE, 17 ANOS DEPOIS, TEM A SUA ESTRÉIA. A COMPOSIÇÃO DE *A FLORESTA SAGRADA* FOI TERMINADA EM 1992, NÃO SE SABENDO AO CERTO EM QUE ESTÚDIOS FOI REALIZADA. A OBRA UTILIZA UMA POÉTICA MUSICAL MUITO PRÓPRIA A JORGE PEIXINHO QUE SE PODE REENCONTRAR NOUTRAS OBRAS ELECTRÓNICAS SUAS, SOBRETUDO DO ÚLTIMO PERÍODO, E TEM COMO MATERIAL DE BASE APENAS SONS DE SÍNTESE.

ANNA EINARSSON

www.annaeinarsson.com

Nasceu em 1978 em Uppsala, cidade universitária a norte de Estocolmo na Suécia. Começou a compor e a apresentar publicamente as suas canções aos 13 anos, altura em que se tornou a mais jovem compositora a receber uma bolsa da STIM, a sociedade de compositores suecos. Gravou e lançou o seu primeiro trabalho aos 17 anos e seguiu estudando música durante mais quatro anos, interessando-se crescentemente pelo jazz e pela improvisação. Em 2000 foi aceite na Royal College of Music de Estocolmo onde estudou voz e composição por mais quatro anos. Nos três anos seguintes orientou os seus estudos para a composição e em particular para a música electroacústica. Inscreveu-se então num programa de mestrado em composição, sendo que naturalmente já possuía uma base musical sólida e lançado mais dois álbuns; estes dois álbuns foram gravados com o seu grupo Anagram, que desenvolve o seu trabalho integrando a electrónica como parte orgânica do ensemble de jazz. Foi responsável pela electrónica em tempo real na apresentação do ensemble MAM na televisão nacional sueca; compôs música coral, música para cordas e música electrónica sob suporte,...

Espaços Sonhoros

ESTA OBRA É UMA VIAGEM IMAGINÁRIA ENTRE LUGARES ONDE OS SONHOS PODEM SURGIR. TRATA DE TRANSIÇÕES E TRANSFORMAÇÕES. E EMERGE DE UMA QUESTÃO: SERÁ QUE AINDA HÁ ESPAÇO PARA OS Nossos SONHOS E AS NOSSAS VISÕES INDIVIDUAIS NUMA ÉPOCA EM QUE SÃO FREQUENTEMENTE RECLAMADOS E EXPLORADOS PELAS FORÇAS DO MERCADO? *ESPAÇOS SONHOROS* FOI COMPOSTA DURANTE UMA RESIDÊNCIA DE CRIAÇÃO NO LEC (LABORATÓRIO ELECTROACÚSTICO DE CRIAÇÃO DA MISO MUSIC PORTUGAL).

ANTÓNIO FERREIRA

www.mic.pt

Nasceu em 1963 em Angola de pais portugueses. Em Portugal, estudou engenharia no IST entre 1980-1983, tendo paralelamente tomado consciência do seu interesse pela composição musical utilizando meios informáticos. Formalizou este seu interesse ao ingressar no Conservatório Real de Haia, Holanda, no qual cumpriu o curso de Sonologia entre 1986-1987, e onde estudou composição, síntese analógica e digital, psicoacústica e música interactiva digital com Paul Berg, Konrad Bhoemer, Joel Ryan, Simon Teemplaars e Jaap Vink. Efectuou várias apresentações em concerto das suas composições interactivas no Conservatório de Haia, em Amesterdão, no STEIM, na Academia de Arte de Den Bosch e na ICMC 1988 em Colónia, Alemanha. As suas composições electroacústicas têm sido apresentadas e seleccionadas em vários festivais nacionais (Música Viva, Festival de Aveiro) e internacionais – França (Paris, Bourges, Besançon), Noruega, Dinamarca, EUA, Itália, Cuba, Hungria, Inglaterra, República Checa, Irlanda, Brasil e Polónia. Foi seis vezes finalista do Concurso do IMEB (Bourges) na parte de composição electroacústica, tendo recebido uma menção honrosa na edição de 2006.

Les Barricades Mystérieuses

EM 1717, FRANÇOIS COUPERIN COMPÔS UM RONDO PARA CRAVO, COM O TÍTULO *LES BARRICADES MYSTÉRIEUSES*. EM RELAÇÃO AO TÍTULO, ENIGMÁTICO E SEMPRE INTRIGANTE, FALOU-SE DE ALUSÕES À INDUMENTÁRIA FEMININA DA ÉPOCA, AOS ESPARTILHOS, A UM CERTO EROTISMO QUE SE ESPELHAVA NA CONSTRUÇÃO

HARMÓNICA DA PEÇA, BEM COMO NO JOGO ENTRE A MÃO DIREITA E ESQUERDA DO INTÉRPRETE. A FORÇA PARADOXAL DESTA TÍTULO TAMBÉM INSPIROU VÁRIAS OBRAS EM PROSA E POESIA, BEM COMO UM QUADRO DE RENÉ MAGRITTE COM O MESMO NOME (1961). A BARRICADA SERIA MISTERIOSA PORQUE APESAR DE AUSENTE, INVISÍVEL, ELA ESTÁ LÁ, IMPEDINDO-NOS DE AVANÇAR MAS SEM QUE NÓS A CONSIGAMOS VER COM CLAREZA. UM JOGO ERÓTICO DE OFERTA E RECUSA QUE SE TENTOU TRANSLADAR QUER PARA A INSTRUMENTAÇÃO ACUSMÁTICA DA PRESENTE PEÇA, QUER PARA A SUA ESTRUTURAÇÃO EM CONTRAPONTOS TÍMBRICOS. *LES BARRICADES MYSTÉRIEUSES* FOI UMA ENCOMENDA DA MISO MUSIC PORTUGAL.

TIAGO CUTILEIRO

www.mic.pt

Nasceu em 1967 em Lisboa. Tem o Curso Geral de Piano do Conservatório Nacional (professora Carla Seixas – piano; professores António Sousa Dias e Jorge Peixinho – composição) e o Curso Complementar de Guitarra Clássica (viola dedilhada) do Conservatório Nacional (aluno autoproposto, professor Luís Robert). Concluiu, em 2003, a licenciatura em música da Universidade de Évora – área específica de composição (professor Amílcar Vasques Dias). Actualmente prepara o doutoramento em composição na Universidade de Évora, sob orientação dos professores Christopher Bochmann e Benoit Gibson. Frequentou diversos cursos de composição com os professores Leo Brouwer; Emmanuel Nunes, John Chowning, Barry Truax e Salvatore Sciarrino. Obteve os prémios: 7.ª Bienal dos Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo; Mostra Jovens Criadores 96; Bolsas de Mérito 2000 e 2001 da Universidade de Évora. A par da actividade de compositor, é colaborador ensaísta do Teatro Nacional de São Carlos e da Culturgest e professor de Análise e Técnicas de Composição e Acústica na Academia de Música de Lagos, onde foi director pedagógico e artístico. A sua obra inclui música para orquestra, conjuntos de câmara e instrumentos solo, bem como música electrónica e electroacústica, e tem sido tocada em diversos festivais nacionais e internacionais de música contemporânea. Compõe também, regularmente, música para teatro e instalações sonoplásticas. Vive e trabalha em Lagos.

Allmnésia

ALLMNÉSIA APRESENTOU-SE INICIALMENTE COMO UMA OBRA AUDIOVISUAL (SOM E VÍDEO) EXPRESSAMENTE REALIZADA PARA O EVENTO MUNDOS LOCAIS INTEGRADO NA ESTRUTURA ALLGARVE 2008. TRATA-SE DE UMA REFLEXÃO SOBRE O SUPORTE EMOCIONAL DA IDENTIDADE HUMANA NUM LUGAR EM CONSTANTE MUDANÇA. O NOSSO MUNDO LOCAL, AQUELE COM QUE LIDAMOS NA VIVÊNCIA DIÁRIA DO QUOTIDIANO É UMA EXTENSÃO DO NOSSO PRÓPRIO CORPO. UM ORGANISMO VIVO EM CONSTANTE MUTAÇÃO SOBRE O QUAL ESPELHAMOS A NOSSA CONSCIÊNCIA. A NOSSA MEMÓRIA SEGURA E TENTA ESTABILIZAR ESTAS REFERÊNCIAS, SOCORRENDO-SE DESTA CORPO MUTANTE E CICATRIZADO: NELA (MEMÓRIA) ESTÁ A ESSÊNCIA DO SER; NELE (CORPO) ESTÁ A MATERIALIZAÇÃO DESSA ESSÊNCIA. O QUE ACONTECE ENTÃO QUANDO ESTE CORPO ENTRA EM CONTINUADA E ACELERADA METAMORFOSE? ONDE ESTÁ A IDENTIDADE DE QUEM É OUTRO A CADA DIA QUE PASSA? HAVERÁ TEMPO PARA GUARDAR A MEMÓRIA DE QUEM NUNCA CHEGA A SER? ALLMNÉSIA É UMA MEDITAÇÃO SOBRE ESTE SER QUE ACORDA ALTERADO EM CADA NOVO DIA; UM SER QUE, À FALTA DE UMA IDENTIDADE QUE NÃO CHEGA NUNCA A TER TEMPO DE ASSIMILAR, CONSTRÓI UMA PSEUDOPERCEÇÃO DE SI, UMA ANAMNESE, ASSENTE NUM DESENRAIZAMENTO CONGÉNITO; UM SER QUE ADORMECE TODOS OS DIAS NO ACONCHEGO DE UMA CIDADE QUE, EM DESENFREADA AUTOFAGIA, NÃO EXISTE. TODO O MATERIAL SONORO E VISUAL USADO NA CRIAÇÃO DE ALLMNÉSIA É RECOLHIDO NUM ESPAÇO GEOGRÁFICO CHAMADO LAGOS.

ANTÓNIO PINHO VARGAS

(VER PÁGINA X)

Ciclo de conferências e diálogos imaginários

“ESTA PEÇA É A MINHA PRIMEIRA OBRA USANDO EXCLUSIVAMENTE MATERIAL ELECTROACÚSTICO; FOI UM *WORK IN PROGRESS*, TENDO A PRIMEIRA VERSÃO SIDO APRESENTADA NO FESTIVAL MÚSICA VIVA EM 2007 NA CASA DA MÚSICA. NO ENTANTO, HÁ JÁ BASTANTES ANOS QUE TRABALHO COM ESSES MATERIAIS DE VÁRIAS MANEIRAS. MUITAS VEZES, ENTRE OU DURANTE A COMPOSIÇÃO DE OUTRAS OBRAS, O ESTUDO DA ELECTROACÚSTICA SERVE-ME DE INTERVALO OU INTERRUPTÃO CRIATIVA, DE PAUSA/ACÇÃO FAVORÁVEL AO TRABALHO SOBRE O SOM A PARTIR DE PRESSUPOSTOS DIFERENTES. O QUE RESULTA

PODERÁ NÃO SER MÚSICA, MAS É SEM DÚVIDA UMA ARTE SONORA. O TRABALHO SOBRE A IDEIA DO CICLO COMEÇOU EM 2001 E TEM PROSSEGUIDO COM ALGUMAS INTERRUPTÕES. PARTI DE UMA SELECÇÃO DE TEXTOS DE ITALO CALVINO, BERNARDO SOARES/FERNANDO PESSOA E JORGE LUIS BORGES. A ACTUAL FORMA PÔE EM CENA, NAQUILO QUE PODIA SER UMA PEÇA RADIOFÓNICA, UM DIÁLOGO IMAGINÁRIO SOBRE ALGUNS DOS PROBLEMAS, ANGÚSTIAS E ESCOLHAS INERENTES AO ‘ACTO DE ESCREVER’. AO CONTRÁRIO DO QUE ME PARECE SER HABITUAL, OU MAIS FREQUENTE, O TEXTO DITO E GRAVADO NÃO FOI NUNCA USADO COMO PRETEXTO PARA A SUA PRÓPRIA DESFIGURAÇÃO: A VOZ HUMANA E O QUE É DITO NÃO É SUJEITO A TRANSFORMAÇÕES, COM EXCEPÇÃO DE ALGUNS MOMENTOS PARTICULARES. O TEXTO E A FALA SÃO SEMPRE OUVIDOS EM PRIMEIRO PLANO. EMBORA O MATERIAL DE BASE NÃO SEJA EXCLUSIVAMENTE COMPOSTO POR SAMPLES HÁ, RELATIVAMENTE À MANEIRA DE O TRABALHAR, UMA ESCOLHA ESTÉTICA QUE REMETE MAIS PARA A MANIPULAÇÃO E SOBREPOSIÇÃO DESSOS OBJECTOS ENCONTRADOS – *READY-MADE* – DO QUE PARA A SUA TRANSFORMAÇÃO SISTEMÁTICA ATRAVÉS DE MEIOS PRÓPRIOS DA SÍNTESE SONORA. OS OBJECTOS CRIADOS (OU ROUBADOS) SÃO COMBINADOS PARA PRODUIR UM DISCURSO. OS TEXTOS DE ITALO CALVINO, JORGE LUIS BORGES E BERNARDO SOARES/FERNANDO PESSOA SÃO DITOS POR GIACOMO SCALISI, ROBERTO PEREZ E ANTÓNIO PINHO VARGAS.”

ANTÓNIO PINHO VARGAS © 2009

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

CINEMA DOS SONS

O IMAGINÁRIO DE BEATRIZ

19 SETEMBRO € 19H € M/6
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

EP ESTREIA PORTUGUESA

EA ESTREIA ABSOLUTA

I PARTE

Obras dos premiados da 10.ª edição do Concurso de Composição Electroacústica Música Viva 2009, cujo júri é este ano constituído por Beatriz Ferreyra, Cândido Lima e Miguel Azguime. EP (APROX. 25’)

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

MIGUEL AZGUIME PROJECCÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

II PARTE

Neste segundo concerto Cinema dos Sons com a Orquestra de Altifalantes damos lugar ao imaginário musical da compositora franco-argentina Beatriz Ferreyra, figura incontornável da história da música electroacústica e que pela primeira vez vem a Portugal apresentar e interpretar a sua música.

CINEMA DOS SONS O IMAGINÁRIO DE BEATRIZ

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

BEATRIZ FERREYRA PROJECCÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

BEATRIZ FERREYRA:

Dans un point infini EP (2005 – 15’)

Murmurein EP (2003 – 5’)

L’autre rive EP (2007 – 17’)

MIGUEL AZGUIME

(VER PÁGINA 6)



BEATRIZ FERREYRA

Nasceu em Córdoba, na Argentina, em 1937. Estudou em Paris com Nadia Boulanger e Edgardo Cantón (GRM França - RAI Itália em 1963). Trabalha no Grupo de Recherches Musicales (GRM), Serviço de Investigação da ORTF, sob a direcção de Pierre Schaeffer, de 1963 a 1970. Colaborou na realização do seu disco *Solfège de l'Objet Sonore*, desenvolveu trabalhos de pesquisa e é responsável pelos seminários interdisciplinares. Em 1975 faz parte do Collège de Compositeurs do IMEB. Criou os concertos experimentais "Les rendez-vous de la musique concrète" do Centre d'Etudes et des Recherches Pierre Schaeffer (1998-1999). Foi premiada em concursos internacionais de música electroacústica e participou em inúmeros colóquios e seminários. Como compositora independente, recebeu encomendas de associações musicais em França e no estrangeiro para festivais e concertos, bem como encomendas para filmes, espectáculos, televisão e dança. Foi júri de concursos internacionais de música experimental, escreveu artigos para revistas e livros em França e no estrangeiro. As suas obras foram editadas por diferentes editoras, tais como: Motus, IMEB e INA-GRM em França, Computer Music Journal e Sonic Circuits nos EUA, e Anthology Sub Rosa na Bélgica.

Dans un point infini

"PEÇA ELECTROACÚSTICA ENCOMENDADA PELO INA-GRM (PARIS) E QUE FOI REALIZADA TENDO COMO PONTO DE PARTIDA UMA CITAÇÃO DE 18 SEGUNDOS DA SEGUNDA SONATA DE VIOLA SOLO DE GRAZYNA BACEWICZ, A QUEM PRESTO HOMENAGEM, E DE EXERCÍCIOS TÉCNICOS TOCADOS PELA VIOLETISTA VERONICA KADLUBKIEWICZ, A QUEM DEDICO ESTA OBRA."

Murmurein

"ENCOMENDA DA DEUTSCHLANDRADIOBERLIN PARA UM SERÃO DANÇANTE NO ÂMBITO DO FESTIVAL SONIC ARTS LOUNGE, DIRIGIDA A UMA SÉRIE DE COMPOSITORES DE MÚSICA ELECTROACÚSTICA E INSTRUMENTAL. TÍNHAMOS QUE COMPOR UM TANGO DANÇÁVEL, CASO CONTRÁRIO A OBRA SERIA ELIMINADA!"

L'autre rive

"INSPIRADA PELO BARDO TODOL (LIVRO DOS MORTOS TIBETANO), ESTA OBRA FOI REALIZADA COM INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO E COM SONS ACÚSTICOS. EU AGRADEÇO DE CORAÇÃO AO PERCUSSIONISTA RICHARD ARATIAN PELA ILIMITADA PACIÊNCIA, A IMAGINAÇÃO E O SEU BOM HUMOR DURANTE AS GRAVAÇÕES DE SOM QUE FIZEMOS. ENCOMENDA DE ESTADO DO MINISTÉRIO DA CULTURA FRANCÊS PARA O IMEB."

CONFERÊNCIA/DEBATE

Música e Erotismo

19 SETEMBRO ◀ 15H ◀ SALA DE ENSAIOS ◀ CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ANTÓNIO DE SOUSA DIAS COMPOSITOR:
...E DAS DAMAS, E DOS UNICÓRNIOS...

"A Dama e o Unicórnio" escrita em colaboração com Maria Teresa Horta, que será apresentada no Festival Música Viva de 2009, é uma incursão no erótico. No entanto, esta incursão não é desprovida de referências, nem representa um caso isolado na minha obra. Nesta intervenção, apresentarei exemplos, extraídos de peças de minha autoria e de outros autores que se articulam com este percurso, como suporte à apresentação dos principais pontos de articulação desta experiência, sua génese e desenvolvimento.

MARIA LÚCIA LEPECKI PROFESSORA CATEDRÁTICA APOSENTADA DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA:
DAR A PALAVRA A EROS, OUVIR A VOZ DE EROS

Esta intervenção procura colocar a questão: o que queremos dizer quando de um discurso verbal dizemos "é erótico", "não é erótico"? Que expectativas temos quando abordamos um texto, uma música, uma pintura, ... que nos anunciaram como erótico?

CINEMA

DOS SONS

FICÇÕES SONORAS

ERÓTICAS

ORQUESTRA

DE ALTIFALANTES

19 SETEMBRO ◀ 21H ◀ M/16
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

O último concerto Cinema dos Sons dá lugar às Ficções Sonoras Eróticas num desafio lançado a vários compositores portugueses e estrangeiros, que se concretiza num conjunto de peças, todas em estreia absoluta, que recriam seguramente as visões sonoras que cada um deles advinha no erotismo.

ORQUESTRA DE ALTIFALANTES

ÁGATA MANDILLO, ROSINDA COSTA, ANA MANDILLO NARRADORAS
CÂNDIDO LIMA, ROBERT NORMANDEAU, BEATRIZ FERREYRA,
ANTÓNIO DE SOUSA DIAS, JOSÉ LUÍS FERREIRA PROJEÇÃO SONORA
MISO STUDIO DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO-MUSICAL

PROGRAMA

BEATRIZ FERREYRA: *Pas de 3 ou plus** EA (2009)

JOSÉ LUÍS FERREIRA: *Trópicos** (TEXTO HENRY MILLER) EA (2009)

CÂNDIDO LIMA: *ERÉTYICA-ai Deus i u é? ** EA (2009)

ROBERT NORMANDEAU: *Jeu de Langues** EA (2009)

ANTÓNIO DE SOUSA DIAS: *A Dama e o Unicórnio* (TEXTO ORIGINAL MARIA TERESA HORTA) EA (2009)

* ENCOMENDA MISO MUSIC PORTUGAL

MONIKA DUARTE STREITOVÁ FLAUTISTA E INVESTIGADORA:

A SUBLIMAÇÃO NA INTERPRETAÇÃO MUSICAL

A interpretação criativa baseia-se em processos conscientes, assim como em processos escondidos na inconsciência. O toque no instrumento e o toque do instrumento musical, provocam reacções muito específicas e o prazer que daí resulta não é apenas intelectual ou emocional, mas também sensual (multisensual) e multidimensional.

PEDRO AMARAL COMPOSITOR:

EROTISMO - DO VERBO À REPRESENTAÇÃO MUSICAL

Nesta intervenção são propostos três exemplos-chave: um madrigal de Luca Marenzio, uma ópera de Richard Wagner e uma obra electroacústica de Luciano Berio. Através destes três exemplos centrais assistiremos, respectivamente, à representação musical de um texto erótico, à representação musical de um erotismo latente que não é explicitado pela palavra e, finalmente, à construção de um sentido erótico na música sem a pré-existência do verbo.

VASCO TAVARES DOS SANTOS PSICANALISTA:

EROS, DE VIENA A LONDRES

Nesta intervenção pretende-se abordar a origem de Eros (pulsão de vida) no pensamento psicanalítico, tentando elucidar certos aspectos da intimidade sexual, do amor e da actividade da imaginação.

e ainda DELFIM SARDO PROFESSOR E CURADOR.



INTÉRPRETES

ÁGATA MANDILLO

(VER PÁGINA 5)



ROSINDA COSTA

(VER PÁGINA 5)



ANA MANDILLO

(VER PÁGINA 5)

COMPOSITORES E OBRAS



BEATRIZ FERREYRA

(VER PÁGINA 60)

Pas de 3 ou plus

“PAS DE 2” SIGNIFICA EM FRANCÊS UMA DANÇA EM PAR, SEJA ENTRE UM HOMEM E UMA MULHER, DOIS HOMENS, DUAS MULHERES, E TEM UMA CONOTAÇÃO ROMÂNTICA. NESTA PEÇA EXISTEM TRÊS OU MAIS PESSOAS; TALVEZ NO MESMO TEMPO E LUGAR, TALVEZ NOUTROS MOMENTOS ENTRE DUAS OU TRÊS OU MAIS PESSOAS... TUDO DEPENDE DA IMAGINAÇÃO DO OUVINTE.



JOSÉ LUÍS FERREIRA

(VER PÁGINA 6)

Trópicos

(NOTAS DE PROGRAMA INDISPONÍVEIS)



CÂNDIDO LIMA

(VER PÁGINA 52)

ERÉTYICA-ai Deus i u é?

XENAKIS RESPONDEU-ME UM DIA, DURANTE A APRESENTAÇÃO DA OBRA E NO DIÁLOGO COM O PÚBLICO, QUE ANAKTORIA (UMA DAS AMANTES DE SAFO, DE LESBOS), OBRA PARA OCTETO, QUE ELA “EXPRIMIA O AMOR SOB TODAS AS SUAS FORMAS”. NOUTRO DIÁLOGO, ANOS MAIS TARDE, QUESTIONAVA-SE SOBRE A POSSIBILIDADE DE HAVER CRIATIVIDADE NO MUNDO SUBATÓMICO. PODÍAMOS AQUI EXTRAPOLAR PARA O TEMA DO CONCERTO: NOS REINOS MINERAL, VEGETAL E ANIMAL,



EM CAMPO ABERTO, NO MUNDO OCULTO DO ATÓMICO, DO NUCLEAR, MOLECULAR, DAS PARTÍCULAS HAVERÁ ATRACÇÃO COMO A ENTENDEMOS? SE PERANTE A REACÇÃO QUÍMICA SOBRE UMA DETERMINADA SUBSTÂNCIA PODEMOS ASSISTIR A VERDADEIROS ESPECTÁCULOS DE BAILADO DA MATÉRIA, SE ESPECTÁCULOS ASSOMBROSOS DE SEDUÇÃO COM QUE NOS MARAVILHAM OS BAILADOS DAS AVES DO PARAÍSO, SE AS RELAÇÕES AMOROSAS “SOB TODAS AS SUAS FORMAS” DOS BONOBOS DA ÁFRICA CENTRAL NOS ESPANTAM, PORQUE NÃO O RANGER DE DUAS PORTAS OU DAS MÁQUINAS NOS NÃO HÃO-DE SUSCITAR METÁFORAS SOBRE O EROTISMO DAS COISAS? MARCADOS PELAS TRANSGRESSÕES E OPRESSÕES IMPOSTAS PELAS RELIGIÕES E PELOS FUNDAMENTALISMOS MORAIS, EU PRÓPRIO ORIUNDO DE UMA REGIÃO MARCADA POR PRÁTICAS VINDAS DA PROFUNDA E OSCURA IDADE MÉDIA E DOS PADRÕES ANTIGOS CRUZADOS DE RELIGIÕES, É COM ESPANTO QUE ME VEJO ENVOLVIDO NA COMPOSIÇÃO DE UMA OBRA SOBRE TAL TEMA, COMO SE, OCULTAMENTE OU ABERTAMENTE, O TEMA NÃO TIVESSE SIDO ABORDADO EM TANTAS OBRAS PESSOAIS QUE A PRECEDERAM! DA “ILHA DOS AMORES” DE OS LUSÍADAS, DO DECAMERON DE BOCACCIO, DOS POEMAS A LAURA DE PETRARCA, DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS DO ANTIGO TESTAMENTO, DE TUDO APARECE EM OBRAS DE MÚSICA DE CÂMARA, PARA ORQUESTRA OU MÚSICA COM TECNOLOGIAS. TUDO ESTÁ CONTIDO, AFINAL, NA “POÉTIQUE DU CORPS” “SOB TODAS AS SUAS FORMAS”. AQUI FICA UM MOMENTO EM HONRA DA PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO NA NATUREZA ERÓTICA DO UNIVERSO, O “BIG-BANG”, NASCIMENTO DE EXPLOSÕES QUE NENHUMA INTERDIÇÃO DA MORAL HUMANA OU NENHUM CRIME DE CRUZADAS DE RELIGIÕES DESTRUIRÃO. ESTA MÚSICA EXPRESSARÁ, OU NÃO, O QUE CADA OUVINTE QUISER EXPRESSAR, QUALQUER SEJA A FORMA POR QUE O FAÇA OU O SINTA. “QUALQUER SEMELHANÇA DESTA MÚSICA E DOS SEUS SENTIDOS COM FIGURAS CONHECIDAS OU COM CENAS DA VIDA REAL EM QUE SE POSSAM ENCONTRAR REFERÊNCIAS, SÃO PURA COINCIDÊNCIA!”

CÂNDIDO LIMA ◀ PORTO, 17 JUNHO 2009

ROBERT NORMANDEAU

www.musiccentre.ca/

Nasceu na cidade do Quebeque (Canadá), em 1955. Formou-se em composição electroacústica na Universidade Laval e fez um mestrado em composição em Montreal. Posteriormente, fez o doutoramento em composição electroacústica, tendo trabalhado com Marcelle Deschênes e Francis Dhomont. É membro fundador da Comunidade Electroacústica Canadiana (CEC). De 1986 a 1993 foi membro activo da associação para a criação e a investigação electroacústica do Quebeque (ACREQ) onde produziu a série de concertos Clair de terre no Planetário de Montreal. Em 1991 foi cofundador de Réseau, uma organização para a produção de eventos artísticos multimédia. Obteve diversos prémios em concursos internacionais, incluindo Ars Electronica, Linz (Golden Nica), Bourges, Luigi-Russolo, Varèse, Musica Nova, Noroit-Léonce Petitot, Arras, Phonurgia-Nova e Estocolmo. Em 1999 ganhou dois prémios Opus do Conselho de Música do Quebeque: Compositor do Ano e Disco do Ano de Música Contemporânea (Figures). Recebeu encomendas do Centro de Artes The Bannf, CKUT-FM, Codes d'Accès/Musiques & Recherches, Jacques Drouin... évènements du neuf, Arturo Parra, Museu de Arte Contemporânea de Montreal e Rádio Canadá. Foi compositor residente dos estúdios de Bannf, Belfast, Bourges, Mons, GRM e Ohain. É professor na Universidade de Montreal desde 1999. Recebeu os prémios Masque 2001 e 2005 para a melhor música para teatro, atribuídos pela Academia de Teatro do Quebeque. Escreveu peças instrumentais e mistas, concentrando-se neste momento sobretudo na música acusmática. Mais especificamente, o seu critério estético cria um cinema para o ouvido em que “significado” e “som” se tornam elementos do seu trabalho. Escreve também música para teatro. Principais obras: *Matrechka*, *La chambre blanche*, *Rumeurs (Place de Ransbeck)*, *Mémoires vives*, *Jeu*, *BêdÊ*, ... *clats de voix*, *Tropes*, *Tangram*, *Spleen*, *Le renard et la rose*, *Chat noir*, *Figures de rhétorique*, *Venture*, *Ellipse*, *Clair de terre*.

Jeu de langues

“ESTA PEÇA DE SABOR ERÓTICO SURTIU-ME NO SEGUIMENTO DE UMA CONVERSA COM OS ORGANIZADORES DO FESTIVAL MÚSICA VIVA, EM QUE CONSTATÁVAMOS QUE CONTRARIAMENTE AO QUE ACONTECIA COM OUTRAS FORMAS DE ARTE CONTEMPORÂNEA – COMO A LITERATURA, A PINTURA OU O CINEMA –, A MÚSICA POUCO TINHA ABORDADO A QUESTÃO DO EROTISMO. É COMPREENSÍVEL QUE A MÚSICA INSTRUMENTAL TENHA PREFERIDO MANTER-SE LONGE DE UM TEMA TÃO... EVOCATIVO! ESTES COMPOSITORES TALVEZ TENHAM RECEADO OS CLICHÉS E OS LUGARES-COMUNS... MAS E A MÚSICA ELECTROACÚSTICA? TALVEZ COM PALAVRAS SILENCIOSAS? COM SONS DISCRETOS E ESCONDIDOS? NÃO ESPERAMOS LÁ ESTAR, CERTO? QUEREMOS SOMENTE SER CONVIDADOS, COM O EROTISMO A SER SUGERIDO EM VEZ DE REPRESENTADO. POR ISSO, APENAS ALGUNS SONS DE SUSSURROS, DE VIDRO E DE HARPA COMO EVOCAÇÕES DA NOSSA PRÓPRIA IMAGINAÇÃO. *JEU DE LANGUES* FOI COMPOSTA EM 2009 NO ESTÚDIO DO COMPOSITOR, PARA SER ESTREADA NO ÂMBITO DO FESTIVAL MÚSICA VIVA 2009 EM PORTUGAL. FLAUTA: CLAIRE MARCHAND; SAXOFONE BARÍTONO: IDA TONINATO; GRAVAÇÃO: TERRI HRON. AGRADECIMENTOS AO MIGUEL E À PAULA AZGUIME.”

ANTÓNIO DE SOUSA DIAS

(VER PÁGINA 47)

A Dama e o Unicórnio

TEXTO ORIGINAL MARIA TERESA HORTA



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

20 SETEMBRO ◀ 17H ◀ M/6 ANOS
GRANDE AUDITÓRIO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

EM CO-PRODUÇÃO COM A ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Neste concerto de encerramento, a Orquestra Metropolitana de Lisboa colabora pela segunda vez consecutiva com o Festival Música Viva numa proposta que confronta dois autores em certa medida antagónicos mas complementares para um entendimento do que foi a música do século XX. Trata-se de Claude Debussy com *Danses Sacrée et Profane* e Arnold Schoenberg com *Kammersymphonie n.º 2, op. 38*, dois autores que continuam a marcar de forma indelével a linguagem musical dos nossos dias e que por isso servem de pretexto para uma reflexão sobre os caminhos da criação musical do nosso tempo. E, porque este Festival se dedica essencialmente à criação musical contemporânea portuguesa, serão apresentadas neste mesmo concerto três obras de compositores portugueses para orquestra de câmara, destacando-se duas obras em estreia absoluta de Tiago Cutileiro, *Para 20 instrumentos*, e de José Júlio Lopes, *X-Acto*.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

PIERRE-ANDRÉ VALADE DIRECÇÃO
SÃO JOSÉ LAPA RECITANTE
STEPHANIE MANZO HARPA

PROGRAMA

TIAGO CUTILEIRO: *Para 20 Instrumentos* EA (2003 – 13')
CLAUDE DEBUSSY: *Danses Sacrée et Profane* (1904 – 9')
MIGUEL AZGUIME: *Águas Marinhas** (2005 – 15')

INTERVALO

JOSÉ JÚLIO LOPES: *X-Acto* EA (2006/2009 – 12')
ARNOLD SHOENBERG: *Kammersymphonie n.º 2 op. 38* (1906/1939 – 21')

*ENCOMENDA JAPAN SOCIETY OF CONTEMPORARY MUSIC

EP ESTREIA PORTUGUESA
EA ESTREIA ABSOLUTA

CONFERÊNCIA/DEBATE

Perspectivas da criação musical em Portugal no século XXI

20 SETEMBRO ◀ 15H ◀ SALA DE ENSAIOS
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

COM A PARTICIPAÇÃO DE ANTÓNIO MEGA FERREIRA, ISABEL SOVERAL, JOSÉ JÚLIO LOPES, MIGUEL AZGUIME, PAULO FERREIRA-LOPES E RUI VIEIRA NERY.



INTÉRPRETES



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
www.oml.pt



DIRECTOR MUSICAL
AUGUSTIN DUMAY



A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) estreou-se no dia 10 de Junho de 1992. Desde então, os seus músicos asseguraram uma extensa actividade que compreende os repertórios barrocos, clássico e sinfónico – integrando, neste último caso, os jovens intérpretes da Orquestra Académica Metropolitana. Esta versatilidade, com que também abrange a música de câmara, o jazz e o fado, a ópera e a música contemporânea, tem-lhe permitido contribuir para a criação de novos públicos e consolidar o carácter inovador do projecto da Metropolitana, entidade que tutela esta orquestra, interligando a dimensão artística e a prática pedagógica das suas escolas – a Academia Nacional Superior de Orquestra, a Escola Profissional Metropolitana e o Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa. Cabe-lhe, ainda, a responsabilidade de assegurar uma programação regular em várias autarquias das regiões centro e sul, além



de promover uma efectiva descentralização cultural do norte ao sul do país. Desde o seu início, a OML afirmou-se como uma referência incontornável do panorama orquestral nacional. Além-fronteiras, apresentou-se em França, Bélgica, Itália, Índia, Coreia do Sul, Macau, Tailândia e Áustria.

Ao longo dos anos foi dirigida pelos mais importantes nomes da direcção orquestral portuguesa e por inúmeros maestros estrangeiros de elevada reputação, onde se incluem Arild Remmereit, Nicholas Kraemer, Lucas Paff, Joana Carneiro, Olivier Cuendet, Jean-Sébastien Béreau, Álvaro Cassuto, Marc Tardue, Cesário Costa, Brian Schembri, Manuel Ivo Cruz, Michael Zilm, Victor Yampolsky e, mais recentemente, Christopher Hogwood. Colaborou com grandes solistas como Maria João Pires, Augustin Dumay, José Cura, Monserrat Caballé, José Carreras, Artur Pizarro, Tatiana Nikolayeva, Elisabete Matos, Anabela Chaves, Pedro Burmester, Anne Queffélec, Irene Lima, Paulo Gaio Lima, Eric Stern, Gerardo Ribeiro e António Rosado. Mais recentemente, juntaram-se a este rol os nomes de Leon Fleisher, Natalia Gutman, Kiri Te Kanawa, Oleg Marshev, Pascal Rogé e Felicity Lott. A OML já gravou dez CD – um dos quais disco de platina – para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics. O mais recente registo da orquestra apresenta árias de ópera célebres, com o maestro João Paulo Santos e as vozes de Dora Rodrigues, Luís Rodrigues e Mário Alves. Desde a sua constituição, a Metropolitana foi presidida por Miguel Graça Moura, tendo esse lugar sido ocupado, desde Novembro de 2003 até Novembro de 2008, por Gabriela Canavilhas. A actual direcção é constituída por Cesário Costa (presidente), João Villalobos e Paulo Pacheco (vogais).

METROPOLITANA

PIERRE-ANDRÉ VALADE

www.pierreandrevalade.com

Nasceu em Corrèze, França, em 1959. Depois de uma extraordinária carreira enquanto flautista resolveu, em 1990, dedicar-se a tempo inteiro à direcção de orquestra. Em 1991 fundou com Philippe Hurel o ensemble parisiense Court-Circuit, do qual foi director artístico durante seis anos e até Janeiro de 2008. Este maestro é sobretudo reconhecido e admirado pelo seu trabalho com repertório dos séculos XX e XXI, e é frequentemente convidado de grandes festivais e orquestras da Europa, dos Estados Unidos da América, do Canadá, da Austrália e da Nova Zelândia. Das inúmeras gravações editadas em disco, refira-se a integral de Les Espaces Acoustiques de Gérard Grisey, que lhe valeu o Diapason d'Or em 1999 e o Grand Prix de l'Académie Charles Cros. O seu largo repertório enquanto maestro conta com obras de compositores como Berlioz, Wagner, Verdi, Mahler, Ravel, Debussy, Saint-Saëns, de Stravinsky a Berio, Birtwistle, Boulez, Carter, Lachenmann, Stockhausen, e ainda de uma geração mais recente como Hugues Dufourt, Gérard Grisey, Philippe Hurel, Philippe Leroux e Tristan Murail. As suas participações recentes e futuras incluem: Filarmónica de Tóquio, RTÉ Orquestra Sinfónica Nacional da Irlanda, Orquestra Sinfónica Nacional da RAI Turim, Grupo de Música Contemporânea de Birmingham, Orquestra da Ópera de Rouen, Sinfonieorchester de Basel, a Tonhalle Orchester de Zurique. E ainda a Sinfónica da BBC, a Sinfónica da BBC Escocesa, a BBC – Orquestra Nacional de Gales, a Philharmonia, a Orquestra do Ulster, a Filarmónica do Luxemburgo, a Orquestra de Paris, Orquestra Filarmónica da Radio France, a Sinfónica da Rádio de Saarbrücken, a Sinfónica de Montreal, a Northern Sinfonia, a Accademia Nazionale di Santa Cecilia em Roma, o Teatro Carlo Felice em Génova, a Sinfonietta de Londres, a Britten Sinfonia e o Remix Ensemble em Portugal. Em Janeiro de 2001 recebeu do Ministério da Cultura Francês o título de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres.

SÃO JOSÉ LAPA

Nasceu em Lisboa. Estreia-se em 1972 na Casa da Comédia, em *Deseja-se Mulher*, de Almada Negreiros, com encenação de Fernanda Lapa. No ano seguinte funda o grupo de Teatro Lídia a Mulher Tatuada, que se apresenta no Primeiro Acto – Clube de Teatro. Em 1975 finaliza na Escola Superior de Teatro, o curso de Formação de Actores/Encenação e funda com Alberto Lopes A Centelha – Grupo de Teatro, partindo para Viseu onde permanece até 1979. Nesse ano regressa a Lisboa para na Casa da Comédia interpretar Anna Magnani em *A Paixão* de Pier Paolo Pasolini, numa encenação de Filipe La Féria. Em 1982 recebe o prémio da crítica de Melhor Actriz do Ano pelo desempenho de Paulina em *Casamento Branco*, sob a direcção de Fernanda Lapa. Encenou *As Mãos Metidas na Terra* e *A Paixão – Fim de Estação*. Iniciou a sua actividade no Teatro Nacional D. Maria II, em 1983, na peça *Fernando Talvez Pessoa*, encenada por Artur Ramos. Integrou o elenco de *Don Juan*, dirigido por Jean-Marie Villégier, na personagem Dona Elvira no Théâtre de L'Europe. Entre outras peças fez parte do elenco de *Mãe Coragem e Seus Filhos*, encenada por João Lourenço, *Anatol*, encenada por Ricardo Pais, *Passa Por Mim No Rossio*, de Filipe Lá Féria, onde interpretou Hermínia Silva; *O Leque* de Lady Windermere, onde interpretou Mrs. Erlynne, dirigida por Carlos Avilez; *As Fúrias*, de Agustina Bessa-Luís, onde desempenhou o papel de Virgínia, com encenação de Filipe La Féria, e *As Troianas*, interpretando Helena de Tróia, com encenação de João Mota. Em 1995, no CCB, dirigiu o espectáculo *Despir a Que Está Nua*, de Griselda Gambaro. No ano seguinte, com o grupo Teatro Plástico, dirigiu o espectáculo *Didascálias* de Israel Horowitz e em 1997 *Cenas de Uma Execução*, de Howard Barker, produzidas e apresentadas no Teatro Nacional D. Maria II. Na televisão, participou, como actriz convidada, nos programas de humor de Herman José; *Humor de Perdição*, *Casino Royal*, *O Crime da Pensão Estrelinha* e *Tal Canal*; e nas sitcoms, *Cluedo*, com direcção de João Canijo (TVI) e o *Clube dos Campeões* (SIC). Interpretou ainda as peças *Topaze*, *Mãe Coragem* e *D. João*, e participou na série *A Morgadinha dos Canaviais*, de Ferrão Katzenstein, na série *Médico*

de *Família* e nas telenovelas *A Banqueira do Povo*, de Walter Avancini, e ainda, *Ganância*, *Fúria de Viver*, *O Jogo*, *Mistura Fina*, *Floribella 1 e 2*, *Resistirei*, entre outras. No cinema foi intérprete dos filmes *Mara*, de Angela Linders, *Jogo de Mão*, de Monique Nutler, *Sinais de Vida*, de Luís Filipe Rocha, *Nuvem de Ana Luísa Guimarães*, *Tráfico* de João Botelho e *Maria e as Outras* de José Sá Caetano. Fundadora da Cooperativa Cultural Espaço das Aguncheiras, que tem como premissas a divulgação cultural, a discussão de saberes e a relação com a natureza. No seu belíssimo espaço entre a Azóia e o Cabo Espichel encenou *Sonho de Uma Noite de Verão* de William Shakespeare, *A Gaivota*, num voo rasante sobre as Aguncheiras, de Anton Tchekhov, *Dona Redonda 1 e DR2 As Aventuras de Dona M. com K e as indústrias do Sr. Sarapantão*, sobre texto de Virgínia de Castro e Almeida, e recentemente, em 2008, *Tio João* (vania) de Anton Tchekhov. Encontra-se em cena com *O Rancor*, exercício sobre Helena, de Hélia Correia, como actriz e encenadora.

STÉPHANIE MANZO

Nasceu no Sul de França e iniciou os seus estudos de harpa aos oito anos de idade com a professora Josey Grauer, antiga aluna de Marcel Tournier. Aos 16 anos ingressou no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde estudou harpa com o professor Gérard Devos e música de câmara com o professor Jean-Michel Damase. Três anos mais tarde obteve o 1.º Prémio À l'unanimité em Harpa. Em 1990 obteve a Mention Spéciale do Concurso Internacional Louise Charpentier e em 1993 foi finalista do Concurso Internacional Lily Laskine. Aperfeiçoou-se com Catherine Michel e Marielle Nordmann, continuando assim a tradição de dois dos mais famosos harpistas do século XX, Pierre Jamet e Lily Laskine. Beneficiou também dos conselhos do Fabrice Pierre e Susan Macdonald. Tem-se apresentado em salas e festivais internacionais, como Salle Pleyel (Homenagem a Lily Laskine), Auditorium Saint-Germain, Cassis (Journée de la Harpe), Festival International du Jeune Soliste d'Antibes-Juan-Les-Pins, Festival

Méditerranéen, Seattle (Congresso Mundial de Harpa), NDR Hamburgo, Crotona/Itália, Açores (Festival MusicAtlântico), Museu Gulbenkian, CCB – Festival dos 100 Dias. Também a solo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra Regional Provence-Alpes-Côte d'Azur, entre outras. Tem sido convidada para tocar com reputadas orquestras, como a Orquestra da Ópera Nacional de Lyon, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra Sinfónica de Singapura, a Orquestra Gulbenkian e a Orchestre Utópica. Já tocou com R. Barshai, J. S. Béreau, M. Caballé, A. Dumay, L. Foster, B. Hendricks, E. Krivine, T. Mörk, V. Mullova, M. Rostropovitch e M. Vengerov. Acerca de Stéphanie Manzo, Marielle Nordmann escreveu: "Une des meilleures harpistes de sa génération." » Desde de 1995 é solista da Orquestra Metropolitana de Lisboa e professora da Academia Nacional Superior de Orquestra.

COMPOSITORES e OBRAS

TIAGO CUTILEIRO

(VER PÁGINA X)

Para 20 Instrumentos

"PARA 20 INSTRUMENTOS FOI A SEGUNDA DE UMA SÉRIE DE TRÊS PEÇAS SEMPRE BASEADAS EM PRINCÍPIOS SONOROS E FORMAIS SEMELHANTES. A PRIMEIRA, PARA 10 INSTRUMENTOS, ESTREOU EM ÉVORA EM 2003, E A TERCEIRA, USELESS PARA SOPRANO E ORQUESTRAS, ESTREOU EM 2007 EM LAGOS. O MATERIAL HARMÓNICO QUE ATRAVESSA AS TRÊS PEÇAS, UM CONJUNTO DE TRÊS ACORDES DE QUATRO NOTAS, PARTE, POR SUA VEZ, DE UM AGREGADO DE ESBOÇOS PARA UMA PEÇA PARA PIANO SOLO QUE ACABOU POR NUNCA SER CONCLUÍDA. ESTE MODELO DE TRABALHO, ONDE UMA PEÇA NASCE DE OUTRA OU DE UM CONJUNTO DE OUTRAS PREEXISTENTES E VAI DEPOIS FAZENDO NASCER NOVAS PEÇAS QUE NÃO SÃO NECESSARIAMENTE MUITO DISTINTAS, CONTRARIA A NOÇÃO DE OBRA ÚNICA E INDIVIDUAL. ESTE CONCEITO DE PEÇA COMPLETA, QUE TRANSMITE MUITO CONCRETAMENTE UMA IDEIA DO COMPOSITOR, É-ME ESTRANHO. AO INVÉS, VOU REALIZANDO CONJUNTOS DE MOMENTOS SONOROS (MÚSICA?) QUE SE INTERCONECTAM. O OBJECTO NUNCA ESTÁ DE FACTO CONCLUÍDO PORQUE NÃO HAVERÁ, OBJECTIVAMENTE, NADA PARA EXPRESSAR. ENQUANTO

EM PARA 10 INSTRUMENTOS UTILIZEI UMA NOTAÇÃO ABERTA, QUE PERMITIA AOS INTÉRPRETES ALGUMA LIBERDADE NAS DURAÇÕES E REPETIÇÕES DOS SEUS MÓDULOS SONOROS, EM PARA 20 INSTRUMENTOS (E TAMBÉM EM USELESS) PROCUREI CONDUZIR, ATRAVÉS DE UMA ESCRITA MAIS CONVENCIONAL, A CORRENTE SONORA, TENTANDO, NO ENTANTO, MANTER GRANDE PARTE DA FLUIDEZ PRESENTE EM OBRAS DE NOTAÇÃO MAIS LIVRE. ASSIM, A ORDENAÇÃO FIXA DOS ACONTECIMENTOS EVIDENCIA-SE AO OUVINTE APENAS EM ALGUNS INSTANTES-CHAVE DA PEÇA, AO LONGO DE UM CONTÍNUO FLUXO DE EVENTOS SONOROS.”

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)

Nasceu em Saint-Germain-en-Laye, França, em 1862. É muitas vezes considerado como o pai da música moderna. Embora tenha sido um homem da belle époque, foi um grande inovador e revolucionário. O ano de 1882 marcou a sua primeira aparição pública em concerto, como pianista-acompanhador de Blanche Vasnier, cantora que se revelou a intérprete ideal das primeiras canções do compositor. Contudo, alguns insucessos em concursos de piano e um 1.º prémio em harmonia levaram-no a abandonar o projecto de vir a ser um concertista, dirigindo-se para o terreno da composição. Datam de 1876 as primeiras composições, nascidas de improvisações ao piano. O primeiro concerto inteiramente dedicado a Debussy teve lugar em Bruxelas, em 1894, durante uma exposição de quadros impressionistas e *art-nouveau*. O impacto causado pela apresentação da sua ópera *Pelléas et Mélisande*, em 1902, alteraria a evolução da sua carreira. Após a apresentação da ópera, Debussy tornou-se uma figura polémica, incentivada pelos vanguardistas, que o apontavam como o “chefe de uma nova escola”, o “criador de um sistema”, ao mesmo tempo que era criticado pelos mais conservadores. Na obra de Debussy, a música libertou-se dos cânones tradicionais, das repetições e das cadências rítmicas. Deu excepcional importância aos acordes isolados, aos timbres, às pausas e ao contraste entre registos. Desenvolveu novas escalas, arranjos de orquestra em “blocos” e “surtos” de som, em vez de melodia ou contraponto precisos, além de novos modos de tocar o piano. Morreu em Paris em 1918.

Danses Sacrée et Profane

EM 1904 PLEYEL, O FAMOSO CONSTRUTOR PARISIENSE DE INSTRUMENTOS, FEZ UMA ENCOMENDA A DEBUSSY PARA UMA NOVA PEÇA EXPERIMENTAL PARA A HARPA CROMÁTICA, CONSTRUÍDA PARA SER UTILIZADA NOS EXAMES FINAIS DO CONSERVATÓRIO DE BRUXELAS. PLEYEL TINHA INTRODUIDO E PATENTEADO A HARPA CROMÁTICA EM 1897. DIFERENTEMENTE DA HARPA DE CONCERTO CONVENCIONAL, QUE É AFINADA DE ACORDO COM AS NOTAS DA ESCALA DIATÓNICA MAIOR E TEM SETE PEDAIS DE PÉ, ONDE CADA UM CORRESPONDE A UM ÚNICO GRAU DA ESCALA E SUAS RESPECTIVAS ALTERAÇÕES CROMÁTICAS (NATURAL, SUSTENIDO E BEMOL), O INSTRUMENTO DE PLEYEL NÃO TINHA PEDAIS. AO INVÉS, EXISTIA UMA CORDA SEPARADA PARA CADA NOTA CROMÁTICA EM TODA A SUA EXTENSÃO. A RESPOSTA DE DEBUSSY À ENCOMENDA DE PLEYEL FOI A OBRA DANÇAS SAGRADA E PROFANA, QUE TEM UM LUGAR DESTACADO ENTRE AS MAIS CONHECIDAS E MAIS TOCADAS OBRAS DO REPERTÓRIO DE HARPA. AS PARTES DE HARPA SÃO EXTRAORDINARIAMENTE CONVENCIONAIS, E NÃO PARTICULARMENTE DIFÍCEIS DE EXECUTAR, MAS O EXOTISMO, AS PASSAGENS CINTILANTES E A RIQUEZA DOS EFEITOS HARMÓNICOS APARENTAM O CONTRÁRIO. A OBRA É, DESDE SEMPRE, FREQUENTEMENTE TOCADA COM HARPA DE ORQUESTRA CONVENCIONAL, VISTO QUE A HARPA CROMÁTICA FOI RAPIDAMENTE ABANDONADA SOBRETUDO POR CAUSA DO SEU TAMANHO E DO TEMPO EXCESSIVO NECESSÁRIO PARA A AFINAÇÃO DA MESMA ANTES DE CADA CONCERTO. DE ACORDO COM O MAESTRO ERNEST ANSERMET, O TEMA PRINCIPAL DA PRIMEIRA SECÇÃO FOI INSPIRADO NUMA PEÇA PARA PIANO DO COMPOSITOR PORTUGUÊS FRANCISCO DE LACERDA. ESTA INFORMAÇÃO NÃO FOI COMPROVADA, E PARECE MAIS PROVÁVEL QUE DEBUSSY, POR RESPEITO À ANTIGUIDADE DA HARPA (UM DOS INSTRUMENTOS COM MAIS ANOS DE EXISTÊNCIA), SE TENHA INSPIRADO PARA ESTA OBRA LENTA E MODAL NAQUILO QUE IMAGINAVA TER SIDO A MÚSICA GRECO-ROMANA. OUTRA POSSÍVEL FONTE DE INSPIRAÇÃO PODE TER SIDO O SABOR ANTIGO DAS GYMNOPÉDIAS PARA PIANO DE ERIK SATIE, QUE DEBUSSY MUITO ADMIRAVA, TENDO INCLUSIVE ORQUESTRADO DUAS DELAS. A SEGUNDA PARTE É MUITO MAIS RÁPIDA, E TOMA A FORMA DE UMA VALSA EM RÉ MAIOR NÃO OBTANTE ESTAR CHEIA DE “CONTRADIÇÕES” HARMÓNICAS.

MIGUEL AZGUIME

(VER PÁGINA X)

Águas Marinhas

ESTA OBRA RESULTA DE UMA ENCOMENDA DA JAPANESE SOCIETY FOR CONTEMPORARY MUSIC (JSCM) E TEVE A ESTREIA DA SUA PRIMEIRA VERSÃO EM TÓQUIO, EM MARÇO DE 2005, PELA COMET ORCHESTRA. POSTERIORMENTE FOI SUJEITA A UMA REVISÃO ESTREADA PELO REMIX ENSEMBLE SOB A DIRECÇÃO DE DOMINIQUE MY. ÁGUAS MARINHAS, SIMULTANEAMENTE O NOME DE UMA PEDRA E DAS ÁGUAS DO MAR, UTILIZA COMO METÁFORA PARA A COMPOSIÇÃO A LUZ PASSADA ATRAVÉS DE UM PRISMA OU PASSADA ATRAVÉS DAS ÁGUAS, COM AS IMPLICAÇÕES QUE SÃO CONHECIDAS. TRANSPARÊNCIA, REFLEXÃO (NA SUPERFÍCIE DA ÁGUA OU ATRAVÉS DELA), DIFRACÇÃO, RADIAÇÃO, SEPARAÇÃO DAS CORES E MUITAS OUTRAS PROPRIEDADES DA LUZ, TIVERAM IMPLICAÇÕES ASSOCIATIVAS E SUBJECTIVAS NO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO. COMO NA MAIOR PARTE DA MINHA MÚSICA, TAMBÉM AQUI O CONCEITO DE UNIFICAÇÃO DO TIMBRE E DA HARMONIA ESTÁ NO CENTRO DO DESENVOLVIMENTO DA PEÇA E É O PRÓPRIO SOM QUE É O MODELO PARA O MATERIAL MUSICAL. ESTE ASPECTO TAMBÉM ME CONDUZIU A COMPOR PROCESSOS DE MUTAÇÃO CONTÍNUA DO MATERIAL, MAS QUE NEM SEMPRE SÃO APRESENTADOS NA SUA TOTALIDADE NUMA OSCILAÇÃO POIS ENTRE FRAGMENTAÇÃO E CONTINUIDADE. **MIGUEL AZGUIME**

JOSÉ JÚLIO LOPES

Nasceu em Lisboa em 1957. Começou por compor música de cena. Actualmente, o seu catálogo inclui música para orquestra de câmara, instrumental, vocal e coral, voz e piano, electroacústica e ópera. Estudou piano (Teresa Menêres e Nuno Vieira de Almeida) e formação musical (AAM); composição com Fernando Lopes-Graça, Christopher Bochmann, Carlos Caires e António Pinho Vargas; participou em master-classes e seminários de composição de Emmanuel Nunes na FCG (Lisboa) e Franco Donatoni na Royal Academy of Music (Londres). José Júlio Lopes também completou um mestrado em Ciências da Comunicação (UNL) e prepara actualmente o doutoramento sob o tema “música, drama, novos media: a ópera do futuro” (Universidade Nova de Lisboa); é professor universitário e é também investiga-

dor no CESEM (UNL). Na sequência do seu trabalho inicial para teatro (tendo trabalhado com encenadores como Filipe Lá Féria, São José Lapa, Alberto Lopes, Norberto Barroca, Jorge Castro Guedes, Carlos Fogaça, Paulo Monteiro, entre outros), interessou-se pela ópera e projectos de teatro musical, o que contribuiu para influenciar a sua convicção de que “a música contemporânea é essencialmente dramática”. Em 1986, apresentou *Averroes*, uma obra de teatro musical multimédia, sobre um conto de Jorge Luis Borges. Em 2000, compôs *Nefertiti*, uma ópera-teatro (que também encenou e de que foi co-autor do libreto; e que co-produziu com o TNDM II e o Teatro da Trindade, subsidiada pela SEC). A sua música é regularmente interpretada por importantes artistas, grupos e ensembles. Recentemente apresentou *Ein Bahn Str - a small drama after RM Rilke* - para soprano, piano e 10 contrabaixos (Contr’Orchestra, Lúcia Lemos, Elisabeth Davis, CCB PA, 2003); *PYR* – para orquestra de câmara (OrchestrUtopica, Tapio Tuomela, CCB GA, 2003); *Magma* (OrchestrUtopica, Cesário Costa, Casa da Música Porto, Abril de 2005); *SpaceCtrl* – para orquestra de câmara (OrchestrUtopica, Cesário Costa, Alter Schlachthof Dresden, Dresdner Musik Festspiele, 2005); *Dazibao* (CULTURGEST, Set. 2006, Jean-Sebastien Béreau, maestro; Elisabeth Davis, percussão); e *Videowall [muro da vergonha]* – microdrama para trompete solo e electrónica em tempo real (CCB PA, Festival Música Viva, Out. 2006, António Quítalo, trompete). Em Dezembro de 2007 apresentou na CULTURGEST a sua última ópera, *W* (Tapio Tuomela, direcção); em Janeiro de 2009, a peça *Verschwinden – para quinteto, electrónica ao vivo, vídeo e guitarra electrónica solista* (CCB-PA); e, em Abril, nos Dias da Música (CCB) apresentou, incluídas no projecto *Bach Bem Temperado*, as obras *MarimBach* e *Bach à Parede* (esta última em co-autoria com Filipe Esteves), para duas flautas de Bisel e marimba. Projectos futuros incluem a estreia de *X-Acto*, em Setembro de 2009, para orquestra, electrónica e recitante (CCB, GA, OML, maestro Pierre-André Valade, actriz São José Lapa); *Underscore* (ensemble); *Blow up* (quinteto de sopros); e uma nova encomenda: *Void* (clarinete e piano). Foi co-fundador e é director artístico da OrchestrUtopica.

X-ACTO para orquestra e recitante

"ORIGINALMENTE ESCRITA PARA ENSEMBLE (2003), X-ACTO É UM PEQUENO DRAMA MUSICAL DO QUAL ACABEI POR FAZER UMA 'AMPLIAÇÃO' RECOMPODO PARA ORQUESTRA (2009). É UMA PEÇA SOBRE A IDEIA DE LIBERDADE (A LIBERDADE ESSENCIAL) – MAS, DADO QUE SE TRATA DE MÚSICA, ISTO QUER DIZER MUITO POUCO: É APENAS UMA 'RAZÃO'. A DOMINÂNCIA DE ESCALAS DE TONS INTEIROS CONDUZ A CONSTITUIÇÃO DO PADRÃO HARMÓNICO E DOS GESTOS MELÓDICOS, ENQUANTO O PLANO RÍTMICO TRABALHA COMO MOTOR ENERGÉTICO E INTRODUZ TAMBÉM CITAÇÕES DE INESPERADAS MEMÓRIAS (NUMA ESPÉCIE DE 'CINISMO MUSICAL'). INTERESSOU-ME A MANIPULAÇÃO DE ENTIDADES HARMÓNICAS QUE SÃO SUCESSIVAMENTE DESTRUÍDAS COM VIOLÊNCIA, RASGADAS VERTICALMENTE ATRAVÉS DE GESTOS REITERADOS EM PONTOS DE ENERGIA DRAMATICAMENTE COLOCADOS. A RECOMPOSIÇÃO DESTA VERSÃO PARA ORQUESTRA REAFIRMOU A CONVICÇÃO DE QUE CADA OBRA REPRESENTA O ESFORÇO DE EXTRACÇÃO DE UMA IDEIA – NÃO SEM DOR, MAS TAMBÉM COM A INEVITÁVEL SENSACÃO DE LIBERTAÇÃO QUE SE SEGUE. (O TEXTO INCLUI BREVES CITAÇÕES DE SADE, NIETZSCHE, LENINE, BENJAMIN E ADORNO)." COPYRIGHT © 2009, JOSÉ JÚLIO LOPES

ARNOLD SCHOENBERG

www.schoenberg.at

"A música de Schoenberg é uma passagem obrigatória. Porque se situa na linha directa da tradição romântica alemã, porque rompeu, após ter explorado ao máximo, o sistema tonal, porque não incluiu na sua estética nenhum elemento exótico que o tivesse feito 'parecer', ela é de facto uma profunda revolução. Schoenberg, pedagogo e teórico, criou mais do que qualquer outro compositor do início do século XX, uma nova organização da música, redefinindo com precisão as relações entre os parâmetros, eliminando a hierarquia dos intervalos. Porém, é sem ruptura e em toda a 'lógica histórica' que a sua obra se edifica, conservando muitas vezes a noção de temas e do seu desenvolvimento. É rigorosamente arquitectada pela técnica serial, alternativa indispensável depois do abandono da estrutura proveniente da tonalidade clássica e romântica. [...] A sua música constitui uma obra genial e unitária."

IN PROGRAMA DO FESTIVAL ARS MUSICA 92 - BRUXELAS

Kammersymphonie n.º 2, op. 38

A SINFONIA DE CÂMARA N.º 2 EM MI BEMOL MENOR E EM SOL MAIOR, OP. 38, FOI INICIADA EM 1906 E TERMINADA EM 1939. A OBRA FOI ESCRITA PARA COR- DAs, 2 FLAUTAS, 2 OBOÉS, 2 CLARINETES, 2 FAGOTES, 2 TROMPAS E 2 TROMPETES, E ESTÁ DIVIDA EM DOIS ANDAMENTOS: O PRIMEIRO ADAGIO E O SEGUNDO CON FUOCO LENTO. A CONCLUSÃO DA SUA SEGUNDA SINFONIA DE CÂMARA SIGNIFICA O RETORNO DE SCHOENBERG À MÚSICA TONAL NA FASE TARDIA DA SUA VIDA. EM 1939, SCHOENBERG ACRESCENTOU 20 COMPASSOS AO PRIMEIRO ANDAMENTO ORIGINAL, ESCREVEU A SEGUNDA METADE DO SEGUNDO ANDAMENTO E REORQUESTROU A PRIMEIRA VERSÃO INCOMPLETA DA OBRA. ELE PENSOU AINDA ACRES- CENTAR UM TERCEIRO ANDAMENTO, ADAGIO, E ESBOÇOU 80 COMPASSOS DO MESMO EM 1940, MAS FINALMENTE DECIDIU QUE OS PROBLEMAS MUSICAIS E "PSÍQUICOS" DA OBRA JÁ TINHAM SIDO APRESENTADOS NOS SEUS DOIS ANDAMENTOS ANTERIORES.

FESTIVAL MÚSICA VIVA'09

MIGUEL AZGUIME DIRECÇÃO ARTÍSTICA, DIRECÇÃO TÉCNICA
PAULA DE CASTRO GUIMARÃES DIRECÇÃO EXECUTIVA
JEAN-MARC SULLON ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL
PERSEU MANDILLO DIRECÇÃO VÍDEO/IMAGEM JOSÉ GROSSINHO ASSISTENTE INFORMÁTICO-MUSICAL
SÍLVIA SEIXAS RODRIGUES DIVULGAÇÃO MARGARIDA MOREIRA DESENHO DE LUZ
MARTA CATANA PRODUÇÃO PEDRO FERREIRA PRODUÇÃO
VIOLETA BARRADAS COORDENAÇÃO E GESTÃO
JOÃO AMARO ESTAGIÁRIO ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DA ESHTÉ
IAGO VILLAVERDE, ANA NOVAS, ADRIÁN FIGUEROA, SARA IGLESIAS
ESTAGIÁRIOS DE SOM E IMAGEM DA IES AUDIOVISUAL DE VIGO
MISO STUDIO
INVESTIGAÇÃO, INFORMÁTICA MUSICAL & ORQUESTRA DE ALTIFALANTES
TORTOISE MOVIES

COVER IMAGE / SPOTS / 3D ANIMATION, DESIGNED & CREATED BY PERSEU MANDILLO & MIGUEL LEAL - WWW.TORTOISEMOVIES.COM



CCB . CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL]
CENTRO DE ESPECTÁCULOS DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA ADJUNTA
PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS DIRECÇÃO
DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO PAULO BARBOSA | INÊS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÊS LOPES ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA
BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA ASSISTENTE
DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE
PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SÓFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGURO | TÉCNICO
EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO
| RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO |
LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE
MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

